



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS**  
**DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**  
**CURSO DE GEOGRAFIA**

**EMANUELTON ANTONY NOBERTO DE QUEIROZ**

**DO PROGRESSO DA THOMAZ POMPEU TÊXTIL AO NOVO BECO DA POEIRA**

**FORTALEZA**

**2019**

EMANUELTON ANTONY NOBERTO DE QUEIROZ

DO PROGRESSO DA THOMAZ POMPEU TÊXTIL AO NOVO BECO DA POEIRA

Monografia apresentada ao Curso de Geografia do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Geografia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dra. Alexsandra Maria Vieira Muniz.

FORTALEZA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas  
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- Q43p Queiroz, Emanuelton Antony Noberto de.  
Do progresso da Thomaz Pompeu Têxtil ao novo Beco da Poeira / Emanuelton Antony Noberto de Queiroz. – 2019.  
96 f. : il. color.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Curso de Geografia, Fortaleza, 2019.  
Orientação: Profa. Dra. Alexandra Maria Vieira Muniz.
1. Indústria. 2. Thomaz Pompeu Têxtil. 3. Espaço. 4. Circuito inferior da economia. 5. Beco da Poeira.  
I. Título.

CDD 910

---

EMANUELTON ANTONY NOBERTO DE QUEIROZ

DO PROGRESSO DA THOMAZ POMPEU TÊXTIL AO NOVO BECO DA POEIRA

Monografia apresentada ao Curso de Geografia do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Geografia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dra. Alexandra Maria Vieira Muniz.

Aprovada em: 17/12/2019.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof.<sup>a</sup>. Dra.: Alexandra Maria Vieira Muniz (UFC)

---

Prof. Dr. Francisco José Filgueiras Russo (SME - Fortaleza)

---

Prof.<sup>a</sup>. Ma.: Francisca Jardélia Lima Damasceno (UECE)

Dedico este trabalho à pessoa que, através de seu sorriso e abraço, todos os dias, ao voltar para casa, cansado e esgotado, me faz esquecer todos os problemas que a vida nos proporciona, minha filha Lívia Maria. Papai te ama.

## AGRADECIMENTOS

Para a realização deste trabalho de conclusão de curso, percorri um longo e árduo caminho, diferente do período da graduação em Licenciatura em Geografia, onde pude contar com a ajuda de minha mãe e com a participação como bolsista na Coordenadoria de Formação e Aprendizagem Cooperativa – *COFAC* e posteriormente, no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID Geografia – UFC. Tais oportunidades ajudaram-me a não ter preocupações em relação ao mercado de trabalho, conseguindo assim concluir, de forma mais “tranquila”, a Licenciatura em Geografia.

Ao terminar a licenciatura, logo comecei a buscar oportunidades de trabalho, de forma a ajudar minha família e tornar-me mais independente. Nesse sentido, consegui conciliar o trabalho e a graduação na modalidade de bacharel em Geografia. Logo, conheci a realidade de muitos colegas da minha e de outras turmas que, na época da licenciatura, tinham que ministrar aulas ao mesmo tempo em que cursavam a modalidade de bacharelado em Geografia, sendo tais dificuldades decisivas a ponto de levar muitos alunos a desistirem do curso devido à incompatibilidade de horários.

Por vários momentos pensei em desistir, devido ao cansaço da rotina diária de trabalho, planejamento das aulas e, ao mesmo tempo, a necessidade de conciliar horários nas cadeiras do bacharelado. Além disto, havia o cansaço físico e mental da difícil rotina de ser professor no Brasil, mas sempre procurei fazer meu melhor e trazer a diferença à vida dos alunos assim como às disciplinas do bacharelado.

Pode-se dizer que, diferente de outros amigos (as) de minha turma, tive “sorte”, pois sempre consegui realizar o que propus. Mesmo sendo uma cadeira no semestre e, apesar dos conselhos para realizar antes o mestrado em Geografia, trago comigo um grande ensinamento de minha mãe que é o seguinte: “Nunca desista. Começou? Tem que terminar!” Acredito que tudo tem sua hora, por isso, quis o destino que este trabalho de conclusão de curso viesse a ser realizado 10 anos após minha entrada no curso de Geografia.

Primeiramente, agradeço à minha mãe Dona Expedita, pois sua história sempre será meu maior exemplo. Filha de agricultores em Quixeramobim, ela cortou cana-de-açúcar, trabalhou na Companhia Industrial de Óleos do Nordeste (CIONE), terminou o Ensino Fundamental e Médio com muito esforço e trabalha como comerciante e costureira há mais de 30 anos no Centro de Fortaleza. Agradeço por sempre acreditar e me motivar a chegar às novas conquistas, por isto, devo muito à ela, pois meu caráter e minha formação humana se devem a seu exemplo de dignidade e trabalho, passando noites e noites acordada fazendo suas

costuras, cortando esponjas e buscando clientes para sempre oferecer o melhor a mim e à minha irmã Juliany. Nós te amamos muito!

À minha esposa Michelle, agradeço por ser este grande exemplo de determinação e superação que é, por ser uma mulher forte e de bastante foco. Nunca esquecerei toda a força e estímulo que me proporcionou na preparação dos concursos da Prefeitura de Fortaleza e do Estado, como também na busca pelo mestrado. Tu és uma grande e forte mulher, obrigado por fazer parte de minha vida.

À minha filha Lívia Maria, pequenininha querida. Eu não sabia muito o que significava o sentimento de um pai com seus filhos, pois em minha infância e adolescência minha mãe fez duplo papel em minha criação juntamente com minha irmã, dando-me todo o amor, esforço, trabalho e carinho (as considero meus maiores exemplos). Por isso, Lívia, te agradeço por, sempre quando estamos juntos, me fazer colocar em prática todo o sentimento que não tive outrora, quando estou com você. “Espilicutizinha” da estrela, papai te ama!

À minha orientadora, a professora Alexsandra Maria Viera Muniz, de quem tive a honra de ser, por duas oportunidades, monitor voluntário na cadeira de Oficina Geográfica III. Serei eternamente grato por aceitar o convite de orientar-me neste trabalho, mostrando um tema que foi bastante desafiador, mas que procurei trabalhar da melhor forma possível durante seu desenvolvimento. Por toda compreensão e paciência que teve com minha necessidade de conciliar trabalho, família e universidade e também por compreender o momento difícil pelo qual minha família passou durante o tratamento de câncer de mama que minha esposa enfrentou. Que a senhora nunca perca seu lado humano e compreensivo.

Ao meu amigo Benedito Alves Lacerda, vulgo “professor Bené”, agradeço por, há 13 anos, fazer-me acreditar que eu poderia ser aprovado no Vestibular da Universidade Federal do Ceará (UFC) e por me mostrar a Geografia de uma forma diferente, mostrando-me que, em nossa profissão, podemos fazer a diferença na vida das pessoas.

À Professora Edivani Barbosa, agradeço pelas diversas vezes que fui recebido em sua sala para conversar, trocar ideias, falar sobre experiências profissionais e por sempre me estimular, desde os tempos da licenciatura. Sua atuação no Departamento de Geografia faz toda a diferença na formação dos alunos e lhe tenho como grande referência na vida profissional.

À minha saudosa amiga-irmã Lyanne Matias Teixeira (in memoriam). Ly querida, eu tenho certeza de que você estaria muito orgulhosa e feliz pela finalização deste trabalho. Que você esteja em paz e feliz, protegendo sua família. Sempre lhe carregarei em minhas memórias e no coração. Obrigado por me fazer acreditar que poderia terminar este trabalho.

Nas próximas vidas nos veremos novamente, sentados na mesa amarela, dividindo um cachorro-quente e conversando besteira. Saudades! Fique em paz.

Aos amigos Iana Viana, Jardélia, Tobias Reis Valmir Pereira, pelos momentos de café e conversas, por tirarem dúvidas e me motivarem a escrever este trabalho de conclusão de curso, como também, ao estímulo para produzir artigos acadêmicos, que pretendo realizar a partir do próximo ano, e por me incentivarem a realizar o mestrado.

À tia Denise, figura de bastante história, amizade e admiração por todos que fazem o departamento de Geografia em diferentes gerações, agradeço por sempre, ao me ver chegar ao Departamento em todas as vezes, além de perguntar sobre minha filha Lívia, me proporcionar palavras de apoio e estímulo, como fazia com todos do Departamento.

A todos meus amigos (as) de turma da graduação em Geografia, “Turma eterna será as lembranças...”, apesar do tempo curto e de cada um ter sua vida particular e profissional, não possibilitando mais o mesmo convívio de antes, nos corredores do departamento, nos almoços e jantares do RU, nas saudosas aulas de campo, destaco que a amizade sempre fica e, nos reencontros que a vida nos dá, não se nota a passagem do tempo, pois eternas serão as lembranças...

Aos meus colegas de trabalho da Escola Municipal de Tempo Integral Professor Álvaro Costa, em especial: André, Conceição, Deuma, Rafael, Sinhá e Vlândia. Queridos amigos, agradeço por me motivarem e me fazerem crer que tudo daria certo. Obrigado por tornarem meus dias mais leves.

À minha querida turma do 9º B, da Escola Municipal de Tempo Integral Professor Álvaro Costa, da qual sou Professor Diretor de Turma - PDT, por fazerem o ano de 2019 um período de muito amadurecimento e crescimento profissional. Meninos (as), tenho orgulho de cada um de vocês, que amadureceram bastante ao longo do ano e fico extremamente feliz por fazer parte deste crescimento. Nunca me esquecerei de vocês, pois foi a partir do convívio com a turma que entendi o quanto é válido e rico a Pedagogia da Presença, do mestre Paulo Freire, e o quanto é importante nós, professores, acreditarmos e conversamos com nossos alunos. É algo de bastante aprendizado e bastante enriquecedor para nossa experiência pessoal e profissional.

À amiga Marcelle Silva, obrigado por se disponibilizar a ajudar na correção deste trabalho, pela qual tenho muito carinho e admiração, por ser uma pessoa que conheci a partir da nossa amiga Lyanne e por ser uma voz ativa e presente através de suas pesquisas de valorização e conhecimento do corpo da mulher.

Aos permissionários do Novo Beco da Poeira, os quais me receberam com bastante atenção, disponibilidade e com falas e observações que deram imensa contribuição para a construção deste trabalho, permitindo, através das respostas, compreender o quanto valorizam e respeitam seus trabalhos e seu espaço.

Ao Centro Histórico de Fortaleza, bairro em que morei e frequentei desde os primeiros anos de vida, onde fiz desde muito cedo, o traslado Pici - Centro todos os dias, para onde minha família se mudou em 1999, morei por 18 anos e onde minha mãe trabalha há 32 anos. Apesar de atualmente residir na Aldeota, “sai do Centro, mas o Centro não sai de mim”, sendo um lugar de várias recordações e que neste TCC, assim como na licenciatura, tenho a oportunidade de mais uma vez tomar contato com este importante e histórico bairro de Fortaleza que tanto tem a contribuir para com a Ciência Geográfica e outras áreas do saber.

Obrigado a todos, cada um de vocês que deu sua contribuição para que este trabalho acontecesse, meu carinho e gratidão a todos, pelo incentivo e por fazer-me acreditar que, mesmo com a difícil tarefa de conciliar família, trabalho e universidade, tudo daria certo, pois, parafraseando Belchior: “Pela geografia, aprendi que há, no mundo, um lugar, onde um jovem como eu pode amar e ser feliz [...]”.

Saudações Tricolores, leão na Sula Americana 2020, “soy loco por ti América”.

## RESUMO

A Fábrica Thomaz Pompeu Têxtil marcou a fase inicial do período dos pioneiros da industrialização cearense. Fundada no final do século XIX em 1881, no Centro Histórico de Fortaleza, pelos irmãos Thomaz Pompeu de Souza Brasil, Antônio Pompeu de Souza Brasil e o sócio Nogueira Accioly, sendo a primeira indústria fabril têxtil no Estado do Ceará. Logo será dado o início à fase dos pioneiros da industrialização cearense e funcionará por mais de 100 anos no Centro de Fortaleza. Todavia, a centenária fábrica encerra suas atividades em 1985, funcionando como massa falida. Sua refuncionalização ocorre em 2009, através de políticas de reordenamento do espaço urbano, a Prefeitura de Fortaleza, em conjunto com o Governo do Estado do Ceará, realocou os feirantes do Beco da Poeira para o antigo espaço da Fábrica Thomaz Pompeu, passando a funcionar em 2010 e alterando o espaço do comércio do circuito inferior da economia Santos (1979) e nascendo assim o Centro de Pequenos Negócios de Fortaleza (CPNF), também chamado de Novo Beco da Poeira. Como questão norteadora busca-se entender quais os reflexos da metamorfose da Thomaz Pompeu Têxtil em Novo Beco da Poeira para o circuito inferior da economia urbana em Fortaleza objetivo Geral: Compreender como se deu o processo de refuncionalização da Thomaz Pompeu Têxtil em Novo Beco da Poeira. Já como objetivos específicos: de investigar como o algodão contribuiu para os investimentos na industrialização do Ceará e as contribuições da indústria em destaque para o desenvolvimento industrial cearense; analisar a ocorrência do processo de falência da fábrica e a importância do novo Beco da Poeira no processo de requalificação do Centro da Cidade e por fim, compreender a participação do comércio do Beco da Poeira no processo de expansão do circuito inferior da economia fortalezense. Essa pesquisa se caracteriza por ser qualitativa do tipo estudo de caso. A pesquisa foi realizada considerando as etapas, a saber: a) levantamento bibliográfico e documental; b) elaboração de hemeroteca temática; c) levantamento de dados estatísticos; d) elaboração de mapas; f) trabalho de campo; e, g) entrevistas e aplicação de questionários. Como base Teórica destacamos: Santos (1979), Aragão (1989); Silveira (2004), Costa (2009), Araújo (2011), Dantas (2012), (2014) Bezerra da Silva (2013); Santos (2014) e Muniz (2014). Conclui-se que a cidade de Fortaleza apresenta um intenso e dinâmico circuito inferior da economia urbana, a exemplo do desenvolvido no Centro da cidade pelo CPNF, sendo este circuito da teoria miltoniana, um “espaço de sobrevivência” para pessoas em estado de desemprego e lugar de consumo para a população de baixa renda, tendo o Novo Beco da Poeira um espaço do comércio que refuncionaliza um antigo espaço de produção que traz uma nova dinâmica ao circuito inferior no Centro de Fortaleza.

**Palavras-chave:** indústria, Thomaz Pompeu Têxtil, espaço, circuito inferior da economia, Beco da Poeira.

## ABSTRACT

The Thomaz Pompeu Textile Factory marked the initial phase of the period of the pioneers of industrialization in Ceará. Founded at the end of the nineteenth century in 1881, in the Historic Center of Fortaleza, by the brothers Thomaz Pompeu de Souza Brasil, Antônio Pompeu de Souza Brasil and the partner Nogueira Accioly, being the first textile factory in the State of Ceará. Soon the pioneer phase of Ceará's industrialization will begin and will operate for more than 100 years in the center of Fortaleza. However, the century-old factory ceased its activities in 1985, functioning as a bankruptcy estate. Its refunctionalization takes place in 2009, through policies of reorganization of the urban space, the Municipality of Fortaleza, together with the Government of the State of Ceará, relocated the stallholders of Beco da Poeira to the old space of the Thomaz Pompeu Factory, starting to operate in 2010 and changing the space of commerce of the lower circuit of the economy Santos (1979) and thus giving birth to the Small Business Center of Fortaleza (CPNF). also called New Dust Alley. As a guiding question, it seeks to understand the reflections of the metamorphosis of Thomaz Pompeu Têxtil in Novo Beco da Poeira to the lower circuit of the urban economy in Fortaleza General objective: To understand how the process of refunctionalization of Thomaz Pompeu Têxtil in Novo Beco da Poeira took place. As specific objectives: to investigate how cotton contributed to the investments in the industrialization of Ceará and the contributions of the industry in particular to the industrial development of Ceará; analyze the occurrence of the factory bankruptcy process and the importance of the new Beco da Poeira in the process of requalification of the City Center and, finally, understand the participation of the commerce of Beco da Poeira in the process of expansion of the lower circuit of the economy of Fortaleza. This research is characterized by being qualitative-quantitative, exploratory, of the case study type. The research was carried out considering the following stages: a) bibliographic and documentary survey; b) elaboration of thematic newspaper library; c) collection of statistical data; d) preparation of maps; f) fieldwork; and, g) interviews and application of questionnaires. As a theoretical basis, we highlight: Santos (1979), Aragon (1989); Silveira (2004), Costa (2009), Araújo (2011), Dantas (2012), (2014) Bezerra da Silva (2013); Santos (2014) and Muniz (2014). It is concluded that the city of Fortaleza presents an intense and dynamic lower circuit of the urban economy, such as the one developed in the city center by the CPNF, being this circuit of the Miltonian theory, a "survival space" for people in a state of unemployment and a place of consumption for the low-income population, with the Novo Beco da Poeira a space of commerce that refunctionalizes an old space of production that brings a new dynamic to the lower circuit in the center of Fortaleza.

**Keywords:** industry, Thomaz Pompeu Textile, space, lower circuit of the economy, Beco da Poeira.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Thomaz Pompeu de Souza Brasil, Antônio Pompeu de Souza Brasil e Antônio Pinto Nogueira Acioly .....	32
Figura 2 - Fábrica Progresso .....	35
Figura 3 - Lugares do Centro da cidade que representam a Fortaleza Nobre .....	38
Figura 4 - Antigos locais de moradia dos operários da Fábrica Thomaz Pompeu Têxtil.....	45
Figura 5 - Refuncionalização da Thomaz Pompeu Têxtil em Novo Beco da Poeira	59
Figura 6 - Terminal de Ônibus na Praça José de Alencar .....	64
Figura 7 - Antigo Beco da Poeira .....	65
Figura 8 - Manchete do Jornal Diário do Nordeste sobre o antigo Beco da Poeira .	65
Figura 9 - Retirada de Feirantes do Antigo Beco da Poeira em 1987 .....	66
Figura 10 - Deslocamento no espaço dos feirantes do Beco da Poeira .....	67
Figura 11 - Antigo e Recente espaço de funcionamento do Beco da Poeira .....	67
Figura 12 - Espaço Físico do Novo Beco da Poeira .....	68
Figura 13 - Localização do Centro de Pequenos Negócios de Fortaleza .....	69
Figura 14 - Espaços do Novo Beco da Poeira .....	71
Figura 15 - Parada de ônibus e Topic em frente ao Beco da Poeira na Av. Imperador .....	72
Figura 16 - Printscreen de postagem sobre o Projeto Digital Beco da Poeira .....	74

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Evolução da taxa de crescimento da produção industrial (%) – Brasil, Nordeste e Estados selecionados – Acumulado jan-ago, de 2014 a 2018 (Base: igual período do ano anterior)

..... 36

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Produtos exportados durante o século XIX .....	24
Tabela 2-	Estabelecimentos comerciais em Fortaleza em 1862 .....	26
Tabela 3 -	Indústrias cearenses na fase dos pioneiros .....	41
Tabela 4 -	Indústrias Têxteis no Ceará durante a fase da SUDENE .....	52

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
2	<b>O ALGODÃO E SUA RELAÇÃO ECONÔMICA E ESPACIAL PARA A ECONOMIA CEARENSE NO SÉCULO XIX</b> .....	20
2.1	<b>Algodão como fonte de riqueza</b> .....	23
2.1.1	<i>A crise do algodão</i> .....	27
2.1.1.1	O algodão e seu excedente transformado em tecido pela indústria cearense e nacional .....	29
3	<b>A FUNDAÇÃO DA THOMAZ POMPEU TÊXTIL</b> .....	31
3.1	<b>O Progresso da Thomaz Pompeu Têxtil</b> .....	39
3.1.1	<i>Final da década de 1930 e anos 40: uma nova guerra contribuindo para o crescimento do setor algodoeiro e do setor têxtil e a atuação da Thomaz Pompeu Têxtil</i> .....	46
3.1.1.1	SUDENE: apogeu e falência da Fábrica Progresso .....	49
4	<b>CRIAÇÃO DO CENTRO DE PEQUENOS NEGÓCIOS: NOVO BECO DA POEIRA E SEU PAPEL NO REORDENAMENTO DO CENTRO DE FORTALEZA</b> .....	58
4.1	<b>Beco da Poeira, sua reestruturação e nova requalificação no circuito inferior da economia</b> .....	70
4.1.1	<i>O novo espaço do Beco da Poeira de acordo com a visão dos permissionários</i> .....	76
4.1.1.1	O Beco da Poeira e sua importância para o Circuito Inferior da economia .....	78
5	<b>CONCLUSÃO</b> .....	85
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	88
	<b>APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO 1</b> .....	91
	<b>APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO 2</b> .....	93
	<b>APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO 3</b> .....	94

## 1. INTRODUÇÃO

A centenária e pioneira indústria Thomaz Pompeu Têxtil, também conhecida como Fábrica Progresso, foi fundada em 1891 na cidade de Fortaleza no final do século XIX, perpassando o tempo e espaço da indústria têxtil de transformação da fibra do algodão em tecidos no Estado do Ceará, no Centro da cidade de Fortaleza.

Sua centenária história é ligada à influente família Pompeu, em especial aos irmãos Thomaz e Antônio Pompeu, tendo como sócio o político Nogueira Acioly, cunhado de Thomaz Pompeu, dessa forma, a administração da fábrica está ligada há diferentes gerações de membros da família Pompeu.

De acordo com Aragão (1989, 2012, 2014), Nobre (1989, 2001) e Muniz (2014), a Thomaz Pompeu Têxtil é considerada a primeira indústria de fios e tecidos fidedignamente de características fabris de Fortaleza e do Ceará, e sua fundação marcou o tempo e espaço na chamada fase dos pioneiros da industrialização cearense, e tendo sido pioneira em sua fundação, abriu caminhos para a criação de outros empreendimentos que marcaram este período.

A Fábrica Progresso passou por diferentes fases da industrialização cearense, com diferentes momentos de modernização da técnica de produção, expansão da área de influência de comercialização de seus produtos, períodos de crise econômica e concorrência com o Sudeste, financiamentos da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) até sua falência no final dos anos 1980, e funcionando como massa falida até o encerramento de suas atividades em 2005, ainda que tenha sido pioneira na história do setor têxtil no Ceará (ARAGÃO, 2014).

Diferentemente de outras indústrias que a partir da década de 1960 irão se transferir para zona industrial da Avenida Francisco Sá (LIMA, 2014), seu antigo prédio localizado no Centro dará lugar a um importante segmento do circuito inferior da economia fortalezense (SANTOS, 1979, 2004), que é o Centro de Pequenos Negócios de Fortaleza, o Beco da Poeira, também chamado popularmente em seu atual prédio como Novo Beco da Poeira, importante centro de vendas de feirantes que, segundo Araújo (2011), Dantas (2012) e Silva (2013), marcou e desenvolveu por muito tempo o comércio ambulante nos espaços públicos no Centro de Fortaleza nas proximidade da Praça José de Alencar e da Lagoinha. Dessa forma, após diferentes políticas de intervenção urbana nas gestões municipais de Maria Luísa Fontenele, Juraci Magalhães, Luizianne Lins e Roberto Claudio, atualmente em seu

novo espaço, o Beco da Poeira e seus atores sociais ganham nova cara, organização e estruturação, fazendo parte inclusive da rota de turismo de Fortaleza.

Logo, juntando processos econômicos e históricos sobre a fábrica Thomaz Pompeu Têxtil e sua requalificação no Novo Beco da Poeira, a partir da ação pública municipal de reordenamento do espaço público do Centro da Cidade, observa-se a importância desta análise para a ciência geográfica sobre este processo. Como questão norteadora quais os reflexos da metamorfose da Thomaz Pompeu Têxtil em Novo Beco da Poeira para o circuito inferior da economia urbana em Fortaleza? O que ajudou e motivou os irmãos Pompeu e Nogueira Acioly a investirem na fundação desta fábrica, em meio a um estado do Ceará atrasado economicamente durante o século XIX, se comparado a outros estados que também investiram no setor têxtil? Como esta indústria trouxe inovações e mudanças para o Ceará do final do século XIX e durante as fases da industrialização cearense, em seu próprio nome mais conhecido, qual foi o progresso pelo qual ela chegou a trazer para o Ceará? O que levou a sua falência? Como estava seu antigo espaço que fora requalificado para receber o Novo Beco da Poeira? Qual a visão dos permissionários sobre o Novo Beco? E por fim, quais foram os benefícios que o novo espaço do Beco da Poeira trouxe para o circuito inferior da economia?

Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo Geral: de analisar como se deu a criação da fábrica Thomaz Pompeu Têxtil, além da relação da fábrica com o algodão e a família Pompeu e as fases que atravessou ao longo do tempo, assim como as mudanças que trouxe nas relações de trabalho e no espaço de Fortaleza através da requalificação do Beco da Poeira. Já como objetivos específicos: de investigar como o algodão contribuiu para os investimentos na industrialização do Ceará e as contribuições da indústria em destaque para o desenvolvimento industrial cearense; analisar a ocorrência do processo de falência da fábrica e a importância do novo Beco da Poeira no processo de requalificação do Centro da Cidade e por fim, Compreender a participação do comércio do Beco da Poeira no processo de expansão do circuito inferior da economia fortalezense.

Esta pesquisa se justifica dada à escassez de estudos relacionados à temática no que se refere ao cerne da centenária Fábrica Progresso, mesmo diante de sua representatividade nos primórdios da indústria têxtil durante a criação das primeiras indústrias cearenses de características realmente fabris, sua intrínseca relação com a Família Pompeu e o uso de seu antigo espaço para requalificação do Beco da Poeira.

Desta forma, vemos a importância deste trabalho de conclusão de curso para a ciência geográfica, pois o Estado do Ceará, em seu desenvolvimento econômico, apresenta intrínseca relação entre a produção do algodão e o surgimento da indústria têxtil no espaço cearense (ARAGÃO, 1989, 2012, 2014; MUNIZ, 2014), isto aliado a outros fatores como por exemplo, os investimentos da SUDENE, sejam no Ceará ou em outros estados da região Nordeste do Brasil. No caso cearense, trouxe certa relevância para o desenvolvimento no setor secundário têxtil, como também de outros setores da indústria, visto que em nosso estado esse avanço se inicia com a Fábrica Thomaz Pompeu Têxtil, que tornou-se a primeira indústria de características fabris em Fortaleza e no Estado do Ceará. Esse fato trouxe consigo mudanças no espaço cearense como a fundação de fábricas, transformações nas relações de trabalho e a inserção de Fortaleza na rota do comércio de tecidos, iniciando de forma local, chegando em outros estados do Brasil e até em outros países, a partir da fábrica de tecidos fundada pelos irmãos Pompeu e Nogueira Acioly.

Tem-se como ponto norteador desta pesquisa a representatividade da Thomaz Pompeu Têxtil como a primeira indústria têxtil cearense de características fabris surgindo no espaço geográfico cearense, e como pontos secundários sua relação com a acumulação do algodão, contribuição para criação de outras fábricas pioneiras, o desenvolvimento em diferentes fases da indústria cearense no tempo e espaço até seu fim e a requalificação do antigo espaço no Novo Beco da Poeira a partir de interesses do Poder Público que deram uma nova dinâmica a este importante espaço que reúne atores sociais ligados ao circuito inferior da economia como lugar de sobrevivência.

Assim, a fábrica dos irmãos Thomaz Pompeu, criada em 1891 em Fortaleza e cujas atividades iniciaram em 1892, atravessou o tempo desde o final do século XIX, chegando aos 100 anos, tendo sua estrutura física localizada entre a Rua Princesa Isabel, Liberato Barroso e a Avenida do Imperador, no Centro da cidade. Esta importante fábrica foi criada a partir da coragem de Thomaz Pompeu, Antônio Pompeu e Nogueira Acioly que, com seus próprios recursos, fundaram a Thomaz Pompeu Têxtil em meio a um cenário não tão promissor que, todavia, teve importante impacto no desenvolvimento do setor têxtil em Fortaleza e sua região metropolitana, dessa forma, transformando o Ceará no terceiro polo produtor têxtil brasileiro, segundo Muniz (2014, p. 227), o qual afirma que “Não é à toa que o Ceará constitui o terceiro maior polo têxtil do País, com uma história de 132 anos, destacando-se em todo o processo de produção, desde o consumo do algodão até a produção do vestuário propriamente dito”.

Com transformações ao longo dos anos, a indústria têxtil no Ceará se estabeleceu na Região Metropolitana de Fortaleza (RMF), principalmente em Maracanaú, município distante apenas 24,6 km da capital cearense, além de cidades do interior, como Jaguaruana e Sobral. O parque industrial têxtil é formado por 320 estabelecimentos, enquanto a confecção possui cerca de 3 mil indústrias, segundo dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) 2015. O polo se mantém relevante, está entre os cinco maiores da cadeia têxtil e de confecção do país, obtendo um *share* de 7%<sup>1</sup>.

Ao ser decretada a falência, o antigo prédio deu lugar ao Centro de Pequenos Negócios de Fortaleza (conhecido popularmente por Beco da Poeira). O novo centro de negócios, feito a partir da ação do poder público municipal de Fortaleza na gestão da ex-prefeita Luizianne Lins, foi construído com o intuito de alocar trabalhadores do comércio informal de Fortaleza que, por muito tempo, ficaram no antigo Beco da Poeira, que se localizava entre as ruas 24 de Maio, Liberato, Guilherme Rocha e Avenida Tristão Gonçalves, também no Centro da cidade.

O setor informal da economia é composto por comerciantes e impulsionado pela desigualdade socioeconômica presente nas economias urbanas, logo, a ciência geográfica passa a analisar as cidades através de dois subsistemas da economia urbana: o circuito superior ou “moderno” e o circuito inferior ou marginal (SANTOS, 2018).

A expansão do circuito inferior é bem representativa em Fortaleza, a exemplo é possível observar o comércio presente no centro da cidade através do Novo Beco da Poeira, o Esqueleto da Moda, a feira da rua José Avelino, os feirantes no entorno da Igreja da Sé e na Praça José de Alencar; estes são exemplos de espaços usados por famílias que dependem deste setor da economia para sobreviver e gerar renda (DANTAS, 2012; SILVA, 2013; SANTOS, 2014).

Assim, este novo lugar requalificou o antigo espaço fabril da Thomaz Pompeu Têxtil em novo Beco da Poeira, como também foi uma tentativa do poder público em disciplinar e reorganizar o uso do solo urbano no Centro Histórico de Fortaleza. O novo Beco, apesar da nova estrutura e organização, na visão dos permissionários é divergente na questão econômica em relação ao antigo centro de negócios e hoje divide opiniões dos que fazem o dia a dia do novo estabelecimento.

Logo, esta pesquisa se enquadra no estudo de caso sobre a primeira fábrica têxtil de cunho fabril de nosso estado, a Thomaz Pompeu Têxtil, e como se deu sua transformação ao Novo Beco da Poeira, como também a análise qualificativa e quantitativa

---

<sup>1</sup> MOTA, L. A força da indústria têxtil. O Povo Online, Fortaleza, [200-?]. Disponível em: <<https://especiais.opovo.com.br/industriatextil/>>. Acesso em: 30 nov. 2019.

dos dados obtidos de ambos lugares durante o processo de pesquisa, tendo como espaço de pesquisa o centro da cidade de Fortaleza, perpassando desde a fundação da Fábrica, no final do Século XIX, até o século XXI com a retirada do antigo centro comercial para o novo Beco, análise está feita durante janeiro de 2019 até dezembro de 2019.

Desta forma, visando contribuir na discussão a respeito dos conceitos de indústria, espaço e o circuito inferior da economia, pois conforme Sampaio (2013, p. 232), “[...] o objetivo da metodologia é o desenvolvimento de procedimentos, técnicas, utilização de métodos e sistematização de informações para produção de conhecimento [...]”.

Para contribuir com a construção da metodologia do trabalho, também foram realizados quatro trabalhos de campo no antigo espaço da Fábrica Progresso, atual Beco da Poeira, nos meses de abril e novembro para que fosse possível ter a visão empírica do espaço em que outrora houvera uma indústria e que atualmente ganha uma nova funcionalidade urbana. Além disto, foram realizados registros fotográficos e a aplicação de questionários com trabalhadores e frequentadores do espaço, para desta forma, conhecer o perfil do trabalhador do Beco da Poeira, a importância do centro comercial para a obtenção de renda e a visão comparativa sobre antigo e novo espaço, e em relação aos moradores próximos e frequentadores do Beco da Poeira, para analisar se conheciam o antigo espaço da Thomaz Pompeu Têxtil, a avaliação sobre o espaço antigo e novo Beco e a relação de consumo de seus produtos e serviços.

Para a realização do trabalho, foi essencial a busca de literatura que trabalhasse a temática, seja na ciência geográfica como também em outras áreas do saber, pois ocorre uma escassez de trabalhos sobre a indústria Thomaz Pompeu Têxtil. Com isso, a ajuda de autores que pesquisam sobre o tema foi de muita importância para realização desta pesquisa e sua metodologia.

Apesar da carência de material, em específico sobre a fábrica pesquisada, foi realizada a busca pelo arcabouço teórico-metodológico para contribuir com o embasamento da investigação através das bibliotecas da Universidade Federal do Ceará, do Centro de Ciências Humanas e Central do Campus do Pici, do Museu da Indústria, da Biblioteca Pública Espaço Estação (Governador Menezes Pimentel), do Instituto do Ceará, de sites de pesquisas, sebos físicos e virtuais e por fim de livrarias.

Somado à contribuição de autores que pesquisam a temática sobre indústria e comércio têxtil, outros aspectos também foram importantes para a construção deste trabalho, como a participação nos estudos e discussões de leitura de textos e seminários nas disciplinas de Geografia da Energia e das Indústrias e Planejamento em Geografia. Tendo em vista os

estudos nessas disciplinas sobre os processos que alavancaram o crescimento industrial, a relação das fábricas com o meio urbano, o meio ambiente e o meio socioeconômico e as mudanças que acarretam ao planejamento de cidades causado pela expansão do comércio formal e informal, como também a relação destas práticas de comércio com o local, regional, chegando ao nacional e internacional.

Outra atividade de bastante importância para construção deste trabalho foi a participação no projeto Trilhas Urbanas, promovido pelo Laboratório de Planejamento Urbano e Regional – LAPUR, laboratório este ligado ao Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará – UFC, que possui diversas pesquisas sobre temas que procuram entender o funcionamento da metrópole de Fortaleza. Através deste projeto, é feita a leitura geográfica e histórica da cidade, a partir da elaboração de atividade de campo, em especial no Centro da cidade, por exemplo, o mar, os espaços de vida e morte, espaços de lazer e trabalho, a política médico-higienista, a vulnerabilidade socioambiental, o patrimônio entre outros.

Assim, esses passos metodológicos foram de muita relevância para chegar ao objeto de pesquisa deste trabalho e seus objetivos, pois foi através deles conseguiu-se chegar ao delineamento da organização da investigação do tema proposto e suas fases de realização.

Assim, como parte integrante da metodologia, este trabalho está dividido em 5 capítulos, propondo-se a dissertar no primeiro capítulo sobre questões introdutórias sobre a Thomaz Pompeu Têxtil e o Novo Beco da Poeira, tendo o Centro Histórico de Fortaleza como espaço empírico e analisado em relação ao surgimento e progresso da primeira indústria têxtil de Fortaleza, a Thomaz Pompeu Têxtil, que ocorreu no final do século XIX e sua metamorfose no Novo Beco da Poeira, importante espaço do desenvolvimento do circuito inferior da economia fortalezense.

O segundo capítulo abrange o período anterior à fundação da fábrica, parte que visa mostrar os acontecimentos que antecederam à fundação das primeiras fábricas de porte realmente fabril em nosso estado, especificamente do ramo têxtil, sendo o algodão o elemento matriz da economia da época e, mesmo após a crise, a acumulação de capital deste produto e seu estoque foi um grande fator para o investimento das primeiras indústrias de nosso estado.

O terceiro capítulo aborda a fundação da Thomaz Pompeu Têxtil, que trazia como nome fantasia *Fábrica de Fios e Tecidos Cearenses*, que no ano de 1882 foi a primeira indústria têxtil fabril de nosso estado e em 1889 a criação da Fábrica Progresso, ambas financiadas pelo mesmo grupo familiar, tendo à frente os irmãos Thomaz Pompeu de Souza

Brasil, Antônio Pompeu de Souza Brasil e o sócio Antônio Pinto Nogueira Acioly, acontecendo assim a unificação de ambas as fábricas na década de 1920, conforme afirma Aragão (2014, p. 71). Discute-se ainda se realmente houve o progresso intitulado pela família Pompeu e sua importância para o desenvolvimento industrial têxtil cearense.

Também no segundo capítulo, apresenta-se a importância de políticas públicas da SUDENE para a reestruturação das indústrias da região Nordeste durante a década de 1960, em específico em relação à Fábrica Progresso. Neste período, houve toda uma reformulação de seu maquinário e o aumento de sua produção e mercado consumidor e, por fim, como este órgão também influenciou a crise e falência desta fábrica no final dos anos 1980, em que nosso estado entra no período que se inicia o processo de incentivos fiscais e descentralização espacial das indústrias.

No quarto capítulo, discute-se o tema deste trabalho, o progresso da Thomaz Pompeu Têxtil ao Beco da Poeira, que mostra qual a relação desta fábrica com o centro de negócios durante o processo de requalificação do Centro de Fortaleza, mudanças essas que, além de alterar a paisagem na área Central, trouxeram novas funcionalidades ao seu antigo espaço, como também analisar seu comércio dentro do circuito inferior da economia.

Finaliza-se no quinto capítulo as questões de conclusão sobre o desenvolvimento deste trabalho, que buscou fazer a relação da Thomaz Pompeu Têxtil com o Novo Beco da Poeira. Aponta-se a relevância da centenária fábrica para o surgimento e crescimento industrial cearense, desde a fase dos pioneiros à sua atual requalificação em seu antigo prédio no Novo Beco da Poeira.

## **2. O ALGODÃO E SUA RELAÇÃO ECONÔMICA E ESPACIAL PARA A ECONOMIA CEARENSE NO SÉCULO XIX**

Para entendemos como se deu a fundação da Thomaz Pompeu Têxtil e a entrada do Estado do Ceará no comércio internacional de tecidos, é preciso fazer antes uma retomada de fatores que contribuíram para a fundação das primeiras indústrias têxteis de porte fabril em solo cearense, no caso, dando um enfoque em especial para a Fábrica Progresso, empresa do grupo Thomaz Pompeu que foi a primeira indústria têxtil de características fabris fundada no Ceará e, para época, pelo fato de ter trazido maquinário e trabalhadores da Inglaterra, foi uma das mais modernas do Nordeste.

Desta forma, temos diferentes acontecimentos que contribuíram direta e indiretamente para a criação das indústrias de porte fabril do estado do Ceará, todavia, neste primeiro capítulo, o foco maior será no algodão, pois a acumulação deste produto, seja no Ceará como também em estados como São Paulo, Bahia e Maranhão (STEIN, 1979), deu grande contribuição para que famílias influentes do final do século XIX, como por exemplo, a Pompeu, decidissem investir em fábricas (ARAGÃO, 1989, 2012, 2014).

O desenvolvimento do espaço cearense foi promovido por diferentes atividades que marcaram época e foram dando suas contribuições para a ocupação do território e as transformações no espaço cearense, mudanças essas que, no início, são ligadas principalmente às atividades da agropecuária.

Dentre as atividades que trouxeram importante significância econômica para o Estado do Ceará, temos o binômio gado-algodão (GIRÃO, 2000). Essas atividades foram importantes não somente para a questão do lucro, mas também para a ocupação de nosso estado, logo, contribuindo para modificações no espaço e, no caso em especial, o algodão, que ajudou a consolidar Fortaleza como capital, pois era pelo porto que se localizava em nossa cidade, que acontecia o escoamento deste produto para outros países que necessitavam desta matéria-prima em suas indústrias.

O gado e o algodão foram de grande valia para o referido período da pecuária chamado de Civilização do Couro, além da questão da produção desta matéria-prima e utensílios, também tinha a exportação da carne, couro e animais para tração para outros estados da Zona da Mata Nordestina (COSTA, 2009).

Já no período do algodão, quando ocorreu o aumento das exportações deste produto, que ficou conhecido ouro branco devido aos altíssimos lucros que a fibra do algodão

trazia para o Ceará, fato este que se consolidou após a emancipação do estado do Ceará de Pernambuco, a partir de janeiro de 1799, pois a partir disto, pudemos fazer comércio com o restante do Brasil, e também após a abertura dos portos em 1808, passando a realizar comércio com a Europa (COSTA, 2014).

As características de solo e clima contribuíram grandiosamente para produção do algodão cearense, visto que a cotonicultura se adapta bem à regiões de muito calor e muita luz do sol, como também por não ter chuvas frequentes e regulares, dependendo da quadra chuvosa. Juntado a isto, ocorre que o algodoeiro terá sua fase de amadurecimento no verão e os dias de colheita durante o outono, logo, a cotonicultura se adaptou muito bem ao Ceará, e no período de aumento das exportações, trouxe consigo a expansão de sua plantação.

É importante lembrar que, apesar do algodão ser uma figura de destaque no Ceará, principalmente na primeira metade do século XIX, o consumo e cultivo deste produto não aconteceu exclusivamente neste período, tendo em vista que na literatura seu plantio e consumo é encontrado bem antes deste marco temporal, para fins de consumo e moeda de troca, desde o período dos indígenas, como podemos ver em Aragão (2014, p. 39-40):

Somente no século XVII tem início a colonização no sertão do Nordeste brasileiro. E quando os missionários portugueses tentaram se aproximar dos índios refugiados da Serra da Ibiapaba, na fronteira do Ceará com o Piauí, verificaram que o algodão era um dos principais produtos no escambo que os franceses já haviam estabelecidos com os indígenas. Os missionários constataram também que, na região da Ibiapaba, predominava a plantação do algodão. O fio de algodão, que representava uma mercadoria, se apresentava como uma determinada quantidade de fio em rolos ou novelo, conhecidos por *nimbo*.

Dessa forma, a cotonicultura não é algo que não se resume, em nosso estado, ao século XIX, mas neste século ocorreu sua maior produção em solo cearense, aumentando assim a produção e venda, visando principalmente o exterior. Assim, o algodão traz uma intrínseca relação com o crescimento econômico durante a fase de aumento das exportações. O capital acumulado deste produto e também a diminuição de suas exportações são fatores que contribuíram para a industrialização em Fortaleza, como também outros estados que fizeram o mesmo e aproveitaram o acúmulo desta matéria-prima, dando-lhe um novo fim, ajudando na criação da primeira indústria têxtil de modo fabril de nosso Estado, sobre o processo de acumulação dentro do capitalismo, Harvey ( 2005, p.43) traz a seguinte afirmação:

A acumulação é o motor cuja potência aumenta no modo de produção capitalista. O sistema capitalista é, portanto, muito dinâmico e inevitavelmente expansível; esse sistema cria uma força permanente revolucionária, que, incessante e constantemente, reforma o mundo em que vivemos.

Além disto, o algodão teve uma forte relação com as indústrias do período da fundação das fábricas pioneiras, como também contribuiu nas demais indústrias que foram criadas ao longo do tempo. Com isso, a produção de cotonicultura do Brasil figurou entre as maiores do mundo, de acordo com Muniz (2014, p. 37), baseado em dados da Associação Brasileira dos Produtores de Algodão (ABRAPA): “Nas últimas três safras, com volume médio próximo de 1,7 milhões de toneladas de pluma, o país se coloca entre os cinco maiores produtores mundiais, ao lado de países como China, Índia, EUA e Paquistão”.

Logo, esta atividade agrícola que atualmente não é a exclusiva para se produzir tecidos, pois hoje, além da fibra do algodão, temos a artificial e sintética, porém é importante frisar que, no início, o algodão *in natura* teve forte relação com a consolidação de Fortaleza como capital e centro de comércio. Conseqüentemente, nossa grande produção contribuiu para o crescimento econômico de nosso estado durante o auge de suas vendas, produziu mudanças no espaço cearense e também contribuiu na inserção do Ceará no comércio internacional do algodão e fez o Estado do Ceará se tornar nos anos 1960 o maior produtor do Brasil, com ajuda da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – EMBRAPA, como afirma Muniz (2014, p. 37), com base em dados expostos no Diário do Nordeste.

[...] em 1977, o Brasil ocupava 4 milhões de hectares com a plantação de algodão. Mas a produtividade era de apenas 180 quilos por hectare. Hoje, são ocupados apenas 1,4 milhão de hectares, mas colhem-se 1.400 quilos por hectare. Foi o uso da tecnologia que permitiu essa transformação. A Embrapa tem tudo a ver com isso<sup>2</sup>.

Desta forma, o algodão foi um produto de muita relevância para os cearenses, atravessando o tempo e foi vivenciando mudanças em sua forma de produção, escoamento e transformação. Atualmente, podemos ver a consequência disto, pois o Ceará ainda é um estado que na pauta de suas exportações, o algodão traz números consideráveis para a economia do estado.

Este fato beneficiou Fortaleza, devido à posição geográfica, pois tinha-se a proximidade com a Serra de Uruburetama, o Porto de Fortaleza e a expansão das estradas de

---

<sup>2</sup> SERPA, E. Algodão: o ontem e o hoje. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 2012. Disponível em: <<http://blogs.diariodonordeste.com.br/egidio/algodao-o-ontem-e-o-hoje/>>. Acesso em: 30 nov. 2019.

ferro, logo, ajudando a escoar o produto (COSTA, 2009). Isso contribuiu para a cidade vencer a concorrência com municípios como Icó, Sobral e Aracati, e se transformar, além de capital administrativa, também em centro de comércio.

Assim, o interesse de empresas do exterior pelo algodão cearense aumentou e colocou o Ceará na rota do comércio interacional deste produto para indústrias têxteis inglesas, em especial durante a segunda metade do século XIX. É importante lembrar que a Inglaterra foi o berço da Revolução Industrial que se inicia ainda no século XVIII, em 1760, e isso aprofundou o avanço da técnica e trouxe profundas mudanças nas relações de trabalho, dentre elas a substituição, ao longo do tempo, da produção artesanal pela manufaturada fabril (ARAGÃO, 2014), e o grande interesse inglês pelo algodão para abastecer sua alta produção inseriu o Ceará, como também outros estados do Brasil, a exemplo São Paulo e Bahia (STEIN, 1979) na rota internacional do comércio do algodão, e este produto, assim, se tornou grande fonte de riqueza.

## **2.1 Algodão como fonte de riqueza**

As características ambientais do Ceará contribuíram grandiosamente para a produção em maior escala do algodão cearense, ao longo do tempo, e o aumento da produção se deu em vários pontos do estado, transformando o Ceará em um grande algodão (COSTA, 2009). Logo, foi uma atividade agrícola que trouxe muitos lucros, seja para agricultores como também para as casas de comércio em Fortaleza que faziam a venda do produto para o exterior.

Logo, o algodão foi a segunda atividade econômica que trouxe mudanças socioespaciais em solo cearense, pois por muito tempo, a pecuária fora a atividade hegemônica em nosso território e contribuiu fortemente para expansão das relações de Fortaleza diante de outros municípios do Ceará, dentre eles, onde aconteciam as charqueadas, como por exemplo, Icó, Sobral, Aracati e Quixeramobim. Dessa forma, o algodão fará com que Fortaleza comece a se interligar com outros municípios devido à expansão das estradas de ferro.

Após o apogeu da pecuária no Ceará, vem a expansão do algodão, apesar de ambos serem produzidos de forma concomitante. O interesse pelo algodão aumentou bastante e sua venda ultrapassou a pecuária, devido ao interesse do mercado internacional, chegando a ser 60% nos lucros dos produtos exportados, conforme podemos analisar, de acordo com Girão (2000, p. 232), na seguinte tabela:

Tabela 1 - Produtos exportados durante o século XIX.

<b>Produtos Exportados</b>	
<b>Algodão</b>	<b>341:115\$661</b>
<b>Café</b>	<b>89:645\$695</b>
<b>Couros</b>	<b>70:078\$400</b>
<b>Açúcar mascavo</b>	<b>18:155\$575</b>
<b>Animais vivos</b>	<b>13:736\$000</b>
<b>Outras parcelas menores</b>	<b>(352)</b>

Fonte: Girão (2000).

O maior interesse externo pelo produto veio a partir de dois episódios históricos que aconteceram na Europa e na América do Norte; primeiro, os interesses ingleses, pois é importante ressaltar que a Inglaterra passou pela Revolução Industrial a partir do século XVIII, e suas indústrias têxteis passaram por grande desenvolvimento e expansão de mercado, logo, começou a importar o algodão de outros países, dentre eles o Brasil e os Estados Unidos. O estado do Ceará, por ter condições de clima e solo propícios para expansão da cotonicultura, passou também a investir e produzir o plantio do algodão, visando o mercado externo, em especial o inglês.

Apesar da produção, consumo e venda do algodão no Ceará ser algo anterior à segunda metade do século XIX, aconteceu o segundo episódio histórico que ajudou a aumentar o comércio com os ingleses, pois um dos principais concorrentes no comércio internacional de algodão do Brasil, os Estados Unidos, passou por um conflito interno, a Guerra de Secessão (1861 – 1865) (SILVA, 1984), batalha esta que se beneficiou diretamente o comércio de algodão brasileiro nas regiões produtoras desta matéria- prima, como também na industrialização em nosso estado (ARAGÃO, 1989, 2012, 2014).

Dessa forma, acontecerá um grande incentivo para produção do “ouro branco”, que moveu não somente o campo, por ser o local de produção, mas também trouxe uma grande movimentação à Fortaleza, durante a chegada e comercialização da pluma do algodão,

e isto fez com que acontecessem investimentos futuros na capital cearense, para justamente melhorar a comercialização e transportar o produto que trazia uma grande arrecadação para nossa economia e movimentava diferentes classes sociais que dependiam de sua venda. Desta forma, sobre a movimentação em Fortaleza durante a venda do algodão, trazemos a contribuição de Girão (2000, p. 233):

Durante a safra, o comércio da capital apresentava uma animação extraordinária; ruas e praças cheias de animais que tinham transportado do interior os fardos de algodão; lojas apinhadas de comboieiros, de freteiros, de donos de mercadorias, cada qual com o seu rol de encomendas, a comprar o necessário e o supérfluo.

Logo, foi um período em que o cultivo do algodão não só aumentou sua expansão, mas também com o tempo, de acordo com as cobranças de mercado para o melhoramento do produto, o algodão, não só cearense, mas também nos demais Estados produtores, passou por um melhoramento da técnica após suas colheitas, pois produtores desta matéria-prima começaram a investir em máquinas de descaroçamento da fibra do algodão (GIRÃO, 2000; NOBRE, 1989, 2001) para justamente melhorar seu produto na concorrência internacional e buscar, assim, não perder comércio.

Além da questão econômica, a venda do algodão também trouxe transformações no espaço cearense, pois o grande aumento da exportação deste produto também trouxe investimentos estruturais que trouxeram consigo mudanças no espaço fortalezense. Dessa forma, a cidade passou por transformações em sua organização urbana, como podemos confirmar em Costa (2017, p. 33):

A economia cearense passou por um período dos mais promissores, a partir de 1845, com a ocorrência de boas estações chuvosas e a elevação do preço do algodão no mercado internacional. Estes fatos favoreceram os investimentos na cidade de Fortaleza, refletindo-se na paisagem urbana e na organização do espaço. A abertura de ruas e a edificação de novos prédios públicos e particulares exigiram maior controle da Câmara Municipal.

Dentre as melhorias em Fortaleza, houve mudanças para facilitar o escoamento e a venda do produto. Com a estrada de ferro Baturité, criada com investimentos da família Pompeu, o Porto de Fortaleza começou a ter rotas com países europeus e a iluminação pública passou a ser feita com combustíveis de gás carbônico (COSTA, 2009), assim, Fortaleza, além de se expandir, melhorou consideravelmente sua estrutura em consequência do comércio do algodão.

A partir disto, se expandiram as casas de comércio e armazéns onde era comercializado o algodão por brasileiros e estrangeiros, conforme pode-se ver na tabela de Brasil (1997, p.414), que traz dados significativos sobre estabelecimentos em Fortaleza:

Tabela 2 - Estabelecimentos comerciais em Fortaleza em 1862.

<b>Estabelecimentos</b>	<b>Nacionalidade dos Proprietários</b>		
	<b>Estrangeiros</b>	<b>Brasileiros</b>	<b>Total</b>
<b>Escritório de Comércio(a)</b>	<b>7</b>	<b>5</b>	<b>12</b>
<b>Armazéns (a)</b>	<b>12</b>	<b>4</b>	<b>16</b>
<b>Loja de Fazenda</b>	<b>15</b>	<b>38</b>	<b>53</b>
<b>Casas de roupas e calçados</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>11</b>
<b>Tabernas</b>	<b>24</b>	<b>49</b>	<b>73</b>
<b>Quitandas</b>	<b>6</b>	<b>87</b>	<b>93</b>
<b>Boticas</b>	<b>1</b>	<b>3</b>	<b>4</b>
<b>Açougues</b>	<b>6</b>	<b>9</b>	<b>15</b>
<b>Total</b>	<b>76</b>	<b>201</b>	<b>277</b>

*Fonte: Brasil (1864, p. 414) adaptado por Viana (1973).*

Os lucros do algodão foram tão importantes para o estado que, inclusive, são encontradas no romance *Mississipi*, do escritor Gustavo Barroso, menções sobre como este produto era importante para a economia, haja vista que em seu livro, o autor retrata o espaço geográfico fortalezense de acordo com suas próprias experiências, trazendo os anos que o

algodão era chamado de “ouro branco”, como pode-se ver em Barroso (1961, p. 18), o qual demonstra o quanto o período fora próspero e lucrativo:

[...] Rugia, então, no norte do continente a encarniçada Guerra de Secessão, dilacerando os Estados Unidos. Em vastos campos de batalha, sucumbiam centenas de milhares de homens, acicatados por um ódio inextinguível. Duelo gigante de dois mundos, o do liberalismo industrial contra o do escravagismo agrícola. Os nomes a geografia ianque e sulina repetidos pelos jornais se tornavam familiares. Esmagado pelo Norte, o Sul não fornecia mais às fábricas de tecidos da Europa, sobretudo inglesas, o algodão de que necessitavam para as fazendas com quem supriam os mercados da Índia e da China. O algodão do Ceará substituía-o, diariamente subindo de preço. Atingiu cotações nunca vistas. Enchia-se o porto de Fortaleza de cargueiros em busca do ouro branco. Algumas vezes apareciam até corretores londrinos para firmar grandes encomendas. Foi quando, sem deixar a venda, Joaquim Feliciano se meteu a comprar e exportar algodão, ganhando dinheiro com que comprou o sítio da praia, edificou e mobiliou o chalé. O nome do estabelecimento passara para ele na voz do povo e dele pela mesma voz passara também para a prosperidade.

Entretanto, esta produção, que deu grande contribuição para seus produtores e comercializadores com o final da Guerra de Secessão e a volta da concorrência com os Estados Unidos, com o tempo diminuiu o comércio e as exportações, trazendo assim um novo tempo de dificuldades e pouco desenvolvimento.

Logo, todos os lucros trazidos pelo algodão diminuíram, ocasionando, assim, que seus produtores comesçassem a acumular esse produto devido à diminuição das vendas, e toda a fartura que o “ouro branco” trazia diminuiu ao longo dos anos e, conseqüentemente, seus cultivadores e comercializadores diminuíram consideravelmente suas vendas, como também houve queda na prosperidade econômica que estava acontecendo em Fortaleza graças à venda do algodão.

### **2.1.1 A crise do algodão**

A crise sobre a venda do algodão não foi algo exclusivo do Ceará, pois também aconteceu em outros entes da federação que também tinham grande relevância em sua produção, tais como São Paulo, Bahia e Maranhão (STEIN, 1979). Estes também se prejudicaram e passaram pelos mesmos problemas que estavam passando cultivadores e comercializadores do algodão cearense, após o final da Guerra de Secessão.

Todavia, é importante lembrar que, apesar de São Paulo também sair perdendo com a queda das vendas da fibra do algodão brasileiro, este estado, dentro da conjuntura geral, foi o menos impactado em sua economia, isso devido a ser o maior produtor e

exportador de café do Brasil (STEIN, 1979). Desta forma, essa crise que afetou fortemente o cultivador de algodão, não prejudicou da mesma forma a economia paulista.

De forma diferente, dentro da realidade cearense da época, a economia cearense foi fortemente atingida, pois até então o algodão era o “carro-chefe” da economia e o crescimento econômico que os produtores de algodão estavam vivenciando em Fortaleza por ser a cidade escoadora e comercializadora do produto quando estava passando pelo período de alta, acaba por diminuir e entrou em crise econômica. Desta forma, Fortaleza passou por um período de pouco desenvolvimento e estagnação, não só econômica, mas também social, pois até então os altos lucros não trouxeram somente melhorias estruturais para a cidade, mas também ajudaram as pessoas que trabalhavam com o algodão, pois produtores e comercializadores acabavam por fazer investimentos, devido aos lucros que tinham, como também a população de classe social mais humilde que trabalhava nos algodoads ou no comércio em Fortaleza, também acabavam por passar por momentos de dificuldade financeira, como podemos observar em Girão (2000, p. 234):

De 1867 a 1870, exportaram-se 22.765.214 quilogramas. Em 1871, restabelecida a paz nos Estados Unidos começou a baixar o algodão. Negociantes e lavradores tentam arcar com a crise, abrindo novas e imensas lavras que produzem 7.906 944 quilogramas, e o preço a baixar sempre! Estavam os lavradores vencidos, pobres e endividados. O ricaço de ontem estava com as propriedades empenhadas, e sem meios de ganhar a vida, o pequeno lavrador via-se na dura necessidade de trabalhar a 500 réis diários que a tanto desceram logo os salários.

Também encontra-se o período de crise do algodão retratado pelos personagens do romance *Mississipi*, história esta que aborda a vida de João Mississipi, e o autor Gustavo Barroso também retrata a Fortaleza antiga, a relação da queda das vendas do algodão e o saudosismo da época próspera da venda do produto, assim como sobre a salvação de famílias mais humildes, as quais haviam enviado familiares para a exploração da borracha na região Norte do Brasil para suprirem as dificuldades que estavam passando, como podemos observar em Barroso (1961, p. 25):

[...] Meses depois, entre fumaças de alfazema, nascia u’á menina, que o Padre Rapôso veio batizar em casa com o nome de Íris. Mais uma boca a alimentar onde se acabara de vez o dinheiro da guerra do algodão. Com mais de um par de anos o famoso Barão da Boca do Xingu levaria o Xavier, como caixeiro, para um dos seus grandes seringais, e o dinheiro da silenciosa guerra da borracha daria, graças a Deus, para o sustento da família.

Todavia, ao longo do tempo, encontrou-se uma solução para o algodão que estava ficando acumulado. A resolução deste problema colocou o Ceará no rol de Estados que fundaram fábricas de tecidos, indústrias essas que foram as primeiras de nosso país com características fabris, como também iniciando uma nova forma de trabalho, dentre os primeiros operários brasileiros.

### **2.1.1.1 O algodão e seu excedente transformado em tecido pela indústria cearense e nacional**

No final do século XIX, em meio a tempos de crise financeira com plumas e mais plumas acumuladas de algodão, sem ter para quem vender como antes, no período de alta lucratividade do ouro branco, a família Pompeu, a exemplo de outros Estados brasileiros que fazem o mesmo, investiu neste algodão acumulado, porém, não mais para vender apenas a matéria bruta, mas deram um novo fim, que foi transformá-lo em tecido na forma de produção têxtil fabril (ARAGÃO, 1989, 2012, 2014; NOBRE, 1989, 2001; MUNIZ, 2014).

Tal fenômeno aconteceu antes em outros estados brasileiros (STEIN, 1979), colocando o Brasil em um novo patamar comercial para a época. No Ceará, essa mudança começou em 1883. A partir da Pompeu & Irmãos aconteceu a fundação de outras fábricas, seja no ramo de tecidos como também em outras frentes de produção, como por exemplo, a Oiticica Ceará do ramo de oleaginosos. Logo, Fortaleza expande novamente aos poucos seu comércio local, regional, nacional e internacional, a partir do setor secundário.

O algodão, no Brasil, passa por diferentes momentos, fases essas que levaram sua produção a altos lucros, como também de diminuição de vendas para o mercado externo e, conseqüentemente, sua acumulação no mercado interno. Foi essa abundância no mercado que trouxe novas formas de uso, assim, no período de crise, o estoque ganha uma nova perspectiva no Brasil e começaram assim a serem fundadas indústrias, não somente em Fortaleza, mas também em outras cidades do Brasil.

É válido lembrar que, para o Brasil e o Ceará, foi um fator novo, pois até então, os produtos industrializados, em sua maioria, eram importados, como também na época, o setor primário era o grande carro chefe da economia, principalmente com o café e depois, em seguida, com a celulose e o algodão.

Juntamente com o uso do algodão por fábricas, também temos a introdução e o investimento de novas técnicas de fiar e tecer, seja no Ceará ou em vizinhos, os quais transformaram a fibra do algodão, que predominava sua venda *in natura*, para produção de

tecidos em longa escala. Assim, conseqüentemente, passou-se a exportar produtos para outros estados brasileiros e até outros países, aumentando o espaço de influência nacional e internacional no ramo de tecidos. Sobre as inovações das técnicas de fiar e tecer, Aragão (2014, p. 33) comenta que:

Fiar e Tecer estão entre as formas mais antigas de trabalho humano, sendo que o aprimoramento da técnica de produção de tecidos vincula-se essencialmente ao progresso das sociedades. Nesse sentido, poder-se-ia dizer que a invenção da fiação se deu quando o homem percebeu que determinada quantidade de fibras torcidas, estiradas, formava um fio longo, contínuo.

Esta nova visão sobre o algodão trouxe mudanças nas relações de trabalho no Ceará, pois até então era predominante o trabalho rural no espaço cearense. Os primeiros investimentos no setor têxtil trazem uma nova cara, seja em nossa economia, como também nas relações de trabalho em nosso estado.

O setor secundário não era tão desenvolvido e não se tinha tantos incentivos para seu desenvolvimento, pois o Ceará tinha uma elite agrária muito forte. No estado também predominavam atividades ligadas à agropecuária, como também, se comparado a outros locais, era um estado ainda atrasado e acanhando economicamente e estruturalmente (GIRÃO, 1979; COSTA, 2009).

Assim, como aconteceu na Inglaterra no século XVIII, em que se começou a investir na indústria têxtil a partir do acúmulo de lã e depois passando para o algodão, em solo brasileiro no final do século XIX, começou-se a investir também na indústria têxtil de característica fabril, a partir do estoque que havia ocorrido da produção da cotonicultura, devido principalmente a volta da concorrência com os Estados Unidos.

Assim, em 1883, a família Pompeu, influente família no Ceará, não somente no campo da política, mas também do saber e infraestrutura, observou esse acúmulo como uma nova forma de investimento e criou a primeira fábrica cearense, a centenária indústria pioneira Thomaz Pompeu Têxtil, empreendimento este que, na época de sua fundação, tinha seu nome ligado à família, posteriormente foi marcada pelo nome de Fábrica Progresso, e em meio a um Ceará ainda atrasado, trouxe novos ares de progresso e oportunidade de empregos.

### 3 A FUNDAÇÃO DA THOMAZ POMPEU TÊXTIL

Durante o final do século XIX surgiu uma “aglomeração” de fábricas de cunho fabril na paisagem da capital cearense, no ramo de tecidos como também em outros segmentos, dentre elas a primeira fábrica industrial cearense, a Thomaz Pompeu Têxtil, em 1891. Sua fundação trouxe mudanças na forma de produção e trabalho em Fortaleza, pois, anteriormente à fundação da fábrica do grupo, existiam fábricas em Fortaleza nos fundos dos quintais de casas de forma rudimentar e artesanal.

A Thomaz Pompeu Têxtil perpassou o tempo e espaço na área central de Fortaleza, encerrando suas atividades no bairro já mencionado, no final do século XX. Inicialmente, em 1883, fora nomeada de Fábrica de Fios e Tecidos Cearenses (ARAGÃO, 1989, 2012, 2014), porém seu nome mais conhecido será Fábrica Progresso.

Ao longo das décadas, esta fábrica passou por diferentes modernizações e também diversificações de seus produtos, fazendo com que a pioneira fábrica, com o passar do tempo, expandisse seu mercado para além do espaço cearense, chegando à região Nordeste, em São Paulo e ao mercado internacional (ARAGÃO, 1989, 2012, 2014; Sampaio Filho, 1985).

Assim, para entender melhor como se deu a criação e sua importância, fez-se um recorte temporal dos fatores que culminaram em sua criação, pois na ciência geográfica, há a importância da periodização das transformações espaciais no tempo e espaço para se compreender melhor a atual dinâmica espacial em que se vive, como podemos analisar em Amora (2007, p. 371):

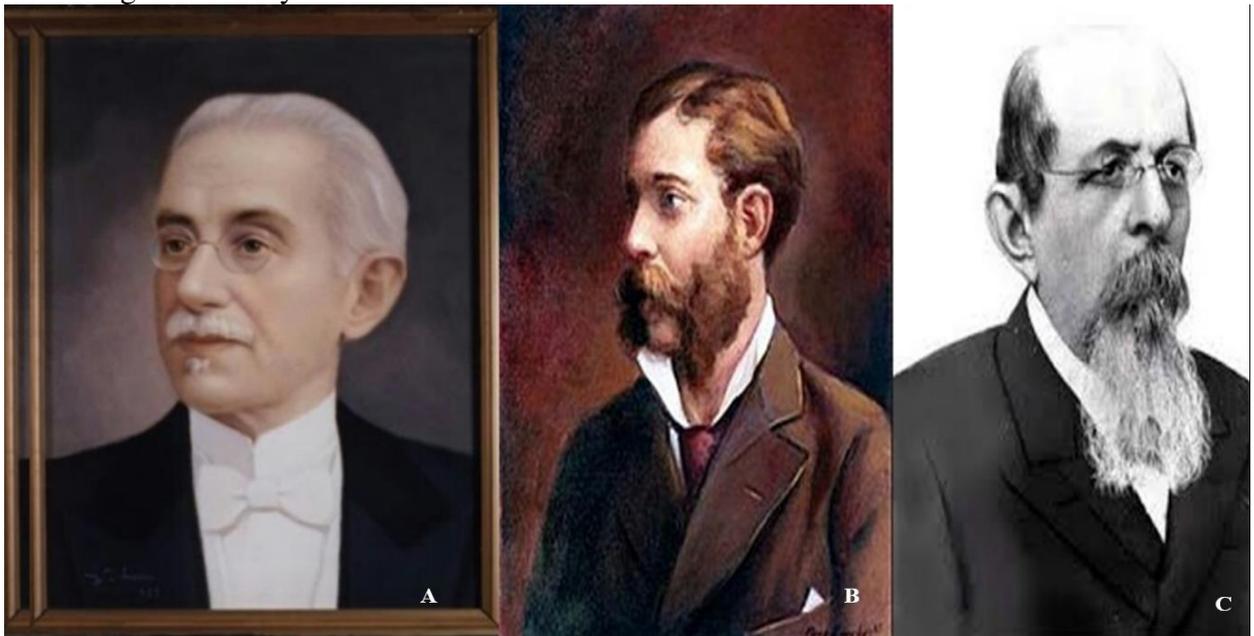
O entendimento do processo de industrialização do Ceará, na sua variante especial, remete à uma periodização, pois não se pode desvincular a dimensão temporal da análise espacial. SANTOS considera a periodização indispensável na análise de uma configuração territorial e espacial, por conter as noções de regime e de ruptura. (*apud* SANTOS, 1994, p.92)

Apesar da maioria das primeiras indústrias cearenses se localizarem em Fortaleza, também foram fundadas em outras localidades do estado, por exemplo, Aracati, com a Fábrica Santa Thereza, fundada em 1893, e Sobral, com a Companhia de Fiação e Tecidos Ernesto Deocleciano, criada em 1895. Segundo Aragão (1989, 2012, 2014), Nobre (1989, 2001) e Muniz (2014), essas fábricas serão ligadas ao período dos pioneiros da indústria cearense têxtil.

A criação das primeiras indústrias têxteis veio de fatores internos e externos, por exemplo, do ponto de vista local, tem-se o acúmulo do algodão, mudanças na legislação de sociedades anônimas e o capital de grupos familiares e políticos influentes na época, o que deu grande contribuição para as primeiras indústrias têxteis. Já no que se refere à influência nacional, pode-se citar a tarifa Alves Branco, o encilhamento, e a entrada do Brasil no mercado internacional têxtil.

A fábrica está diretamente ligada à família Pompeu, em especial Thomaz Pompeu de Souza Brasil, seu irmão Antônio Pompeu de Souza Brasil e seu cunhado, o político Antônio Pinto Nogueira Acioly, que formaram uma sociedade para a fundação da fábrica, a qual foi passando de geração a geração na família Pompeu a administração da empresa. Na figura abaixo, podemos ver os primeiros pioneiros da industrialização cearense.

Figura 1 – Thomaz Pompeu de Souza Brasil, Antônio Pompeu de Souza Brasil e Antônio Pinto Nogueira Acioly



Fonte: Leila Nobre [200-?]<sup>3</sup>.

A Família Pompeu foi um grupo bastante influente em no Ceará, além de serem umas das mais ricas na época, contribuíram na industrialização em Fortaleza e sua fábrica, a partir de boas gestões de diferentes personagens da família. A família conseguiu se firmar por 100 anos no cenário industrial cearense até confirmar sua falência no final do século XX.

<sup>3</sup> NOBRE, L. **Fortaleza Nobre**, [200-?]. Disponível em: <<http://www.fortalezanobre.com.br/>>. Acesso em: 30 nov. 2019.

Além da questão industrial, os Pompeu também foram influentes em outras áreas. Nesse sentido, merece destaque a figura emblemática de Senador Pompeu na política cearense; e investiram e ajudaram a criar a estrada de ferro de Baturité, importante estrada para escoamento do algodão para o porto, que se localizava em Fortaleza (COSTA, 2009).

Thomaz Pompeu de Sousa Brasil, além de estar entre os primeiros industriais do Ceará, também se destacava no campo da intelectualidade, sendo, inclusive, professor e diretor do curso de Direito da Universidade Federal do Ceará (ARAGÃO, 2014, p. 66), Antônio Pompeu na Medicina e Pompeu Sobrinho na questão da intelectualidade e cultura.

Andrade (1985, p. 58) comenta sobre a ligação entre Thomaz Pompeu de Sousa Brasil com a industrialização no Ceará no final do século XIX, a importância desta família neste período, como também as outras gerações, para o desenvolvimento em amplitude regional do Ceará:

Este 2º Pompeu soube reunir sabedoria teórica e a prática. Ajudado por seu irmão, o Dr. Antônio Pompeu, foi o pioneiro da indústria de tecidos no Ceará. Caracteriza-se como um pensador ativo, na mais completa compreensão. Em síntese, diremos que o primeiro Pompeu foi o precursor da geopolítica regional. o Segundo foi o erudito, mais um pensador ativo. O Terceiro, Thomaz Pompeu de Sousa Brasil Sobrinho, é o cientista, o consolidador dos fundamentais estudos da cultura cearense, numa visão antropológica, integradora do Nordeste. Não ingressou na política partidária, mas fez política científica ao nível do seu tempo, a partir dos pressupostos de uma geografia ativa, que ele, como pioneiro soube cultivar.

Apesar de Fortaleza ser o foco da criação das primeiras indústrias, a capital cearense, em seu início, não tinha tanta importância até o século XVIII, em comparação com Aracati, Acaraú, Camocim, Icó, Quixeramobim e Sobral. Estes municípios tinham ligação marcante com as oficinas de charqueadas (COSTA, 2014), visto que a economia predominante do Ceará era, na época, a pecuária.

Fortaleza teve maior destaque devido ao grande benefício do porto da cidade, que exportava volumosas quantidades de sacas de algodão, o que contribuiu para mudar a imagem de cidade sem muita importância para melhorar a estrutura, desenvolvimento e diversificação na prestação de serviços, conforme observa Costa (2014, p. 81), que oferece importante colocação sobre o período:

Fortaleza, até o início do século XIX, era um povoado sem nenhuma importância econômica, mas a presença da fortaleza, garantia apoio aos barcos que navegavam entre o Maranhão e o Piauí e aí aportavam para se abastecer. Adquire o status e as características de cidade, no século XIX, após a separação da província de Pernambuco e, principalmente, com a inserção do Ceará na divisão internacional do trabalho, como exportador de algodão. O crescimento econômico da província e a

política do Império de fortalecimento das capitais das províncias, atraíram moradores, investimentos foram realizados em edificações e infraestrutura e serviços foram implantados em Fortaleza.

É importante lembrar também que, na região Nordeste, a relação entre o algodão e o desenvolvimento industrial aconteceu bem antes da criação da Pompeu e Irmãos em Fortaleza, pois já ocorriam investimentos no setor industrial têxtil na Bahia e também em Pernambuco. Na Bahia, de acordo com Stein (1979) e Muniz (2014, p 51), em 1866, cinco das nove fábricas do país estavam concentradas na Bahia e seus arredores.

De forma semelhante ao estado do Ceará, na Bahia, por exemplo, as causas do desenvolvimento industrial são semelhantes ao estado cearense, com a questão do acúmulo do algodão durante a diminuição de suas vendas para o mercado externo e a produção de tecidos grossos. No caso da Pompeu e Irmãos, também irá acontecer do mesmo modo. Muniz (2014, p. 51-52) traz importante colocação sobre fatores que contribuíram para a industrialização na Bahia, também durante o século XIX:

O algodão era cultivado no interior da Bahia desde o fim do século XVIII, sendo sua maior parte exportada. Além de dispor de matéria-prima, o sistema portuário e fluvial existente no Estado da Bahia foi de enorme importância para o transporte de maquinaria. Essa maquinaria dispunha ainda de fonte hidráulica de energia. Soma-se a isto a população escrava, tanto na Capital quanto no restante do Estado, juntamente com um grande contingente de trabalhadores livres, que constituíam potenciais consumidores de tecidos grossos. Além disto, as dificuldades dos senhores de engenho com a baixa lucratividade em suas atividades tornavam atraentes novas oportunidades de investimento, facilitando o financiamento da atividade têxtil.

Logo, pode-se constatar que o início do desenvolvimento industrial têxtil do Brasil teve forte ligação com o algodão e isso contribuiu para a fundação de fábricas, seja em nosso estado, no Nordeste como também em outras regiões do Brasil, dessa forma, mudando, ainda que de forma inicial, a predominância em atividades agrícolas para produção industrial.

Dessa forma, em 1891, Thomaz Pompeu de Sousa Brasil, juntamente com seu irmão Antônio Pompeu e Nogueira Acioly, iniciaram a fundação da Thomaz Pompeu Têxtil, que passou a funcionar de fato entre 1892-93. Esta indústria, que surgiu em meio à paisagem urbana de Fortaleza, é considerada a primeira fábrica do estado de característica fabril, deu uma nova dinâmica na produção e vendas de tecidos para Fortaleza e, conseqüentemente, forneceu novos ares de progresso para o Ceará, como se constata na Figuras 2, que retrata a fábrica em seu tempo inicial no espaço fortalezense.

Figura 2 - Fábrica Progresso



Fonte: Leila Nobre [200-?]<sup>4</sup>. Adaptado pelo autor (2019).

Desta forma, o surgimento da Thomaz Pompeu Têxtil foi o pontapé inicial para o conhecimento da técnica da produção em larga escala de tecidos no espaço cearense, apesar da técnica de fiar e tecer de forma fabril ser bem mais antiga no contexto global. No contexto da realidade cearense, era feito de forma ainda artesanal, e o nascimento deste empreendimento em Fortaleza contribuiu para o surgimento de outras indústrias, também no ramo têxtil, em Fortaleza. Logo, esta técnica de grande produção se desenvolveu a partir da fábrica do grupo Pompeu e entusiasmou outros grupos a seguirem o mesmo caminho. Aragão (1989, 2012, 2014). Sobre o avanço da técnica e sua influência no tempo e espaço, há a contribuição de Santos (2013, p. 58):

Quando um novo instrumento ou meio ou forma de trabalho se torna uma forma de ação, constitui-se uma espécie de certidão de nascimento ou data de origem. Desse modo, seu emprego num determinado lugar – emprego imediato ou posterior- atribui a esse lugar, ao menos para o mencionado instrumento, condições técnicas do momento em que, pela primeira vez, esse instrumento de trabalho se incorporou à História. Mas o tempo do lugar, o conjunto de temporalidades próprias de cada ponto do espaço, não é dado por uma técnica tomada isoladamente, mas pelo conjunto de técnicas existentes naquele ponto do espaço.

<sup>4</sup> NOBRE, L. **Fortaleza Nobre**, [200-?]. Disponível em: <<http://www.fortalezanobre.com.br/>>. Acesso em: 30 nov. 2019.

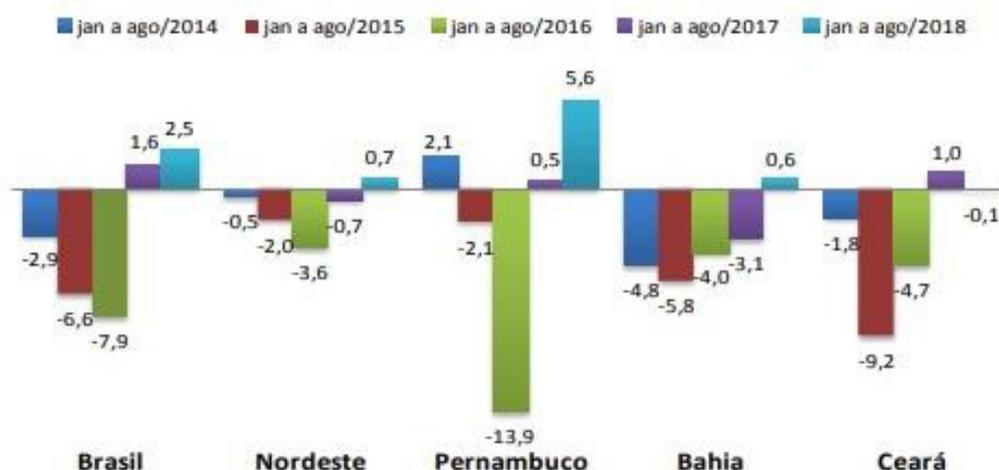
Sobre os aspectos relacionados aos primórdios da Fábrica Progresso em seu processo de funcionamento, investimento e estrutura, é importante trazer a contribuição de Sampaio Filho (1985), assunto também mencionado por Aragão (2014, p.64), os quais apresentam a notícia do Jornal “A Gazeta do Norte”, escrito por Barão de Studart:

Esta construção tem 252 palmos de comprimento (55m) sobre 115 de largura (25m) portas de frente, tendo custado 25 contos de réis, inclusive as obras de assentamento da caldeira. Compõe- de 8 compartimentos, a saber: depósito de algodão, depósito de combustível, casa de caldeira, casa do motor a vapor, casa do batedor, escritório, armazém de fazendas e corpo de máquinas de fiação e tecelagem.

Quando ocorreu a expansão da Thomaz Pompeu Têxtil e fundou-se a Fábrica de Rede Progresso, tal fato ajudou no aumento da produção, como também a diversificação dos produtos, passando a não somente produzir tecidos, mas também redes. O nome “Progresso” é o que ficou mais conhecido da fábrica, pois era a intenção do grupo Pompeu & Irmãos, trazer algo de novo para Fortaleza que contribuísse para o progresso da cidade.

A cidade escolhida pela família Pompeu para fundação da fábrica Progresso foi Fortaleza, que atualmente, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, é a 5ª maior capital do país em número populacional, e juntamente com Recife e Salvador, é uma das três cidades com maior desenvolvimento econômico. Ceará, Bahia e Pernambuco são, a propósito, os estados com maior concentração e crescimento produtivo industrial no Nordeste, como podemos constatar no gráfico abaixo.

Gráfico 1 - Evolução da taxa de crescimento da produção industrial (%) – Brasil, Nordeste e Estados selecionados – Acumulado jan-ago, de 2014 a 2018 (Base: igual período do ano anterior).



Fonte: IBGE (2018); BNB/ETENE (2019). Adaptado pelo autor (2019).

Trazendo para realidade da indústria cearense, em Fortaleza e região metropolitana, esta sendo a área predominante das indústrias de transformação. Dentre os setores com destaque, temos o têxtil, e isto se deve muito aos primeiros industriais que abriram caminho para que outras empresas fossem fundadas de acordo com o tempo (ARAGÃO, 1989, 2012, 2014; MUNIZ, 2014), sobre a predominância da área de Fortaleza e se formando o maior polo têxtil no Ceará, como podemos ver, de acordo Araújo (1997, p. 14 *apud* LIMA; KATZ, 1993):

O polo têxtil e de confecções de Fortaleza, por sua vez, desponta como um dos importantes centros do setor, tanto em âmbito regional como nacional. Entre 1970 e 1985 o número de estabelecimentos têxteis do Ceará cresceu de 155 para 358, enquanto os ligados à confecção passavam de 152 para 850. Em 1991, segundo o Sindicato da Indústria de Confecções do Ceará, o polo cearense reunia cerca de três mil empresas, gerava 60 mil empregos diretos e era responsável por 12% do ICMS do Ceará.

A Fábrica Progresso localizou-se no centro da cidade de Fortaleza. Sua criação, no final do século XIX, surgiu no período que marcou a época em que, neste bairro, vivia a camada social predominantemente elitista de Fortaleza, quando o Centro era cidade (DANTAS, 2009 p. 189). Neste bairro, outrora, se concentravam casarões de famílias importantes, como por exemplo, a da família Pompeu, localizada na Avenida Imperador, os espaços de lazer e convivência nas Praças do Passeio Público e do Ferreira e prestação de serviços, a Cadeia Pública, a Santa Casa, os Bondes, a Escola Normal, dentre outros elementos que marcou este tempo elitizado, no Centro.

Na Figura 3, podemos ver o Passeio Público de Fortaleza indicado pela letra “D”, a Praça do Ferreira e o local dos antigos cafés, indicada pela letra “E”, o prédio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), antigo departamento de Odontologia da Universidade Federal do Ceará e antigo prédio da Escola Normal de Fortaleza indicado pela letra “F”, a Santa Casa de Misericórdia, indicada pela letra “G”, a Antiga Cadeia Pública de Fortaleza, atual Centro de Turismo do Ceará (EMCETUR), indicado pela letra “H”, o Theatro José de Alencar indicado pela letra “I”, a Estação Professor João Felipe, indicada pela figura “J”, e por fim, o Casarão da Família Pompeu, atual Centro Estadual de Referência em Saúde do Trabalhador (CEREST-CE), indicado pela letra “K”.

Figura 3 - Lugares do Centro da cidade que representam a Fortaleza Nobre.



Fonte: Arquivo pessoal (2019).

Sua localização foi em um dos boulevards<sup>5</sup> projetados da cidade por Adolfo Herbster<sup>6</sup>, na Avenida Imperador, que, juntamente com as Avenidas Duque de Caxias e Dom Manuel, marcava o traçado urbano central. Além disto, também contribuía para mudanças no espaço urbano fortalezense, as quais traziam o disciplinamento da expansão urbana como também o processo de aformoseamento da cidade (DANTAS, 2009, p. 200).

Sobre o processo de disciplinamento e aformoseamento do Centro da Cidade de Fortaleza nos boulevards que circundam esta área da cidade, podemos ver através da análise de Ponte (2010, p. 27):

Apesar de não ser um projeto inteiramente original, uma vez que mantinha o sistema de traçado urbano em forma de xadrez projetando para a cidade pelo engenheiro Silva Paulet em 1818, tratava-se de um estudo decisivo para a capital dali para a frente, pois ampliava-lhe o traçado para além dos seus limites de então e conferia-lhe 3 *boulevards* ( as atuais avenidas do Imperador, Duque de Caxias e D. Manuel) margeando o perímetro central. A finalidade de tais avenidas era, num futuro breve, facilitar o escoamento do movimento urbano, *tanto que respondem ainda hoje pelo tráfego emperrado da urbe, sem os quais não se sabe como poderiam fluir*. Por seu lado, o principal objetivo da nova Planta era disciplinar a expansão de Fortaleza, o que, de fato, consegue, pelo menos até 1930.

<sup>5</sup> Grandes Avenidas circundando o espaço habitado projetado por João Adolfo Herbster.

<sup>6</sup> João Adolfo Herbster (Recife, 14 de maio de 1826 — Fortaleza, 12 de novembro de 1893), foi um engenheiro da Província de Fortaleza desde 1855, contratado, de Pernambuco, para substituir o então *arruador* (arquiteto leigo), concluía a *Planta Topográfica da Cidade de Fortaleza e Subúrbios* (Ponte, 2009)

Na literatura, há romances que trazem a Fortaleza antiga e que apontam justamente a área central como o local nobre da cidade e de maior desenvolvimento, ocupação de pessoas, serviços públicos, infraestrutura e circulação financeira da cidade, como por exemplo, em *A Normalista*, de Adolfo Caminha, e *Mississipi*, de Gustavo Barroso, os quais retratam a Fortaleza antiga dando mais enfoque à sua área central, mas trazendo também outros espaços da cidade, ainda de forma bem inicial, outros bairros da cidade, por exemplo, Benfica, Aldeota, Moura Brasil e Mucuripe.

Em 1889, Thomaz Pompeu fundou outra fábrica, e esta receberia o nome de Progresso. De acordo com Viana (2006, p. 136), esta se localizava na Avenida Tristão Gonçalves nº 37, e em 1904, mudou-se para antiga Rua 15 de novembro, atual Avenida Imperador, também no centro da cidade, no antigo local da Cia. Fabril Cearense de Meias, sendo que mais à frente, em 1931, ambas as empresas se fundiram em uma só.

A indústria, criada pelos irmãos Pompeu, segundo Aragão (1989, 2012, 2014) possuiu diferentes nomes ao longo do tempo, sendo seu nome inicial Thomaz Pompeu Têxtil, posteriormente em 1883, utilizou o nome fantasia Fábrica de Fios e Tecidos Cearenses, Fábrica de Tecidos Pompeu & Irmãos; em 1889, criou-se a Fábrica de Redes Progresso, tendo a razão social de Fábrica de Redes do Dr. Pompeu Ltda. Em 1931, ocorreu a fusão entre a Fábrica de Tecidos Pompeu & Irmãos e a Fábrica de Redes Progresso, e fundou-se a Fábrica de Tecidos Progresso. Já na década de 1940, foi criada a razão social Thomaz Pompeu de Sousa Brasil Fiação e Tecelagem e em 1982, surgiu a Pompeu Têxtil S/A. Todas se localizaram no Centro de Fortaleza, na Avenida Imperador. Por fim, na década de 1990, no final de suas atividades, foi criada a Cia. Têxtil Ipanema como forma de administrar as indústrias do grupo Thomaz Pompeu.

Assim, a criação da fábrica do grupo Pompeu trouxe grande contribuição para o desenvolvimento industrial cearense, pois a coragem e a visão empreendedora dos irmãos Pompeu ao fundar esta fábrica no setor têxtil, faz com que outras surjam e, conseqüentemente, ao longo das décadas, o Ceará foi se configurando no cenário nacional como um dos grandes polos têxtil do país, contando com indústrias regionais, nacionais e, inclusive, internacionais, que constituem uma ampla e complexa malha industrial no espaço cearense.

### **3.1 O Progresso da Thomaz Pompeu Têxtil**

A fundação da Pompeu e Irmãos inicia em 1881, é registrada em 1882, e começou suas atividades em 1883. Marcou uma nova marca espacial na paisagem urbana, pois foi a

primeira indústria realmente fabril em nosso estado e, a partir de sua criação, iniciou-se a evolução das indústrias têxteis cearenses, e como é demonstrado no nome mais conhecido da fábrica do grupo Pompeu, esta nova forma de trabalho na cidade, a partir da reprodução do capital, marca novos ares de progresso na capital fortalezense:

A paisagem é uma forma histórica específica que se explica através da sociedade que a produz, num produto da história das relações materiais dos homens que a cada momento adquire uma nova dimensão; a específica de um determinado estágio do processo de trabalho vinculado à produção do capital (e que explica, por exemplo, as mudanças sofridas na cidade) (CARLOS, 2018, p. 43)

Após a instalação da Progresso, abriram-se caminhos para o desenvolvimento da indústria de transformação de características fabris no setor têxtil em Fortaleza e outros municípios, indústrias que marcaram a 1º fase da industrialização do estado, por exemplo, a Cia. Fabril de Tecidos União Comercial em 1891, a Cia. Fabril Cearense de Meias, também em 1891, a Fábrica Ceará Industrial, em 1894, a Fábrica Santa Thereza, em 1893, e a Fábrica Sobral, em 1895 (ARAGÃO, 2014, p.58). Assim, nas fases seguintes da industrialização cearense foi também diversificando sua indústria de transformação.

Desta forma, podemos analisar como o progresso da fábrica dos irmãos Pompeu contribuiu para o Ceará se tornar, ao longo do tempo, o terceiro maior polo têxtil do país (MUNIZ, 2014, p. 227), pois a criação da Thomaz Pompeu Têxtil, além de ser a primeira indústria têxtil de fato fabril, também abriu portas para a criação de outras indústrias no setor têxtil, como também em outras áreas, como se pode observar, segundo Aragão (2014, p. 64):

Além de ser a primeira indústria do setor no Ceará, Thomaz Pompeu Têxtil foi também o primeiro investimento genuinamente industrial da então província. O sucesso desta fábrica, nos anos 80 do século XIX, animou a instalação de outras, nas áreas têxtil e de beneficiamento de óleos vegetais.

Desta forma, o período cronológico que marca a fundação da Fábrica Progresso, de acordo com autores como Aragão (1989, 2012, 2014), Sampaio Filho (1985), Viana (1988), Nobre (1989) e Muniz (2014), retratam o final do século XIX como sendo o tempo dos pioneiros da indústria têxtil no Ceará, como podemos ver de acordo com a tabela abaixo de Muniz (2014, p. 52), a qual que demonstra a fundação cronológica das indústrias cearenses do final do século XIX:

Tabela 3 - Indústrias cearenses na fase dos pioneiros.

<b>Indústrias</b>	<b>Razão Social Inicial</b>	<b>Fundação</b>	<b>Natureza Jurídica</b>
<b>Fábrica Progresso</b>	<b>Pompeu &amp; Irmãos</b>	<b>1882</b>	<b>Responsabilidade Solidária</b>
<b>Cia. Fábrica de Tecidos União Comercial.</b>	<b>Cia. Fábrica de Tecidos União Comercial</b>	<b>1891</b>	<b>Sociedade Anônima</b>
<b>Cia. Fabril Cearense de Meias</b>	<b>Cia. Fabril Cearense de Meias</b>	<b>1891</b>	<b>Sociedade Anônima</b>
<b>Fábrica Santa Thereza</b>	<b>Popular Aracatyense</b>	<b>1893</b>	<b>Sociedade Anônima</b>
<b>Fábrica Ceará Industrial</b>	<b>De Hollanda Gurjão e Cia.</b>	<b>1894</b>	<b>Não consta</b>
<b>Fábrica Sobral</b>	<b>Ernesto &amp; Ribeiro</b>	<b>1895</b>	<b>Sócios Comanditários e solidários</b>

Fonte: Aragão (2002); Adaptado pelo autor (2019)

Todavia, é importante citar que, apesar da grande importância do tempo dos pioneiros para o desenvolvimento industrial cearense em nosso estado, tivemos “surto” industriais bem antes do final do século XIX, como por exemplo, ainda no período das charqueadas, que marcaram o período da civilização do couro em nosso estado, apesar de, ainda mesmo de forma rudimentar, tenha tido as primeiras formas de produção industrial.

Dentro da realidade local, mesmo sabendo que os primeiros surtos industriais no Ceará aconteceram no período das charqueadas (GIRÃO, 2000), também encontra-se na literatura o funcionamento de pequenas fábricas que, muitas vezes, funcionavam nos quintais das casas, as quais produziam produtos como fumo, óleo, sabão dentre outros gêneros, conforme encontramos em Sampaio Filho (1985, p. 14).

O mais importante desses estabelecimentos foi à fábrica de louça vidrada da Aldeota, que foi montada por Luiz Barba Alardo de Menezes, governador da Província no período de 1808 a 1812. Esse empreendimento, embora tenha

sido desativado logo após a sua instalação, representa o marco inicial da história da indústria cearense.

Juntando a isto, o termo indústria não remete somente às formas estruturais de fábricas que conhecemos desde o século XVIII, com a Revolução Industrial na Inglaterra que, ao passar do tempo, se tornou um importante setor para o desenvolvimento de vários países, e sua estrutura e relações de poder e trabalho que foram se atualizando. Iglésias (1988, p. 7) traz a seguinte contribuição sobre o termo indústria:

A industrialização do Brasil é processo que começou com os índios e a colonização portuguesa, embora só em período recente tenha conhecido impulso maior, até obter definitivo lugar na economia, na sociedade e na política. É equívoco afirmar sua existência apenas no século atual, pois indústria significa a elaboração da matéria – prima para conveniente uso. Assim, ela decorre do processo produtivo as sociedades, se configuram pela organização do trabalho.

Todavia, apesar da existência e reconhecimento destas pequenas fábricas, foi o acúmulo de capital do algodão e o estoque deste produto que motivou as primeiras indústrias de grande porte, com características fabris e pioneiras em nosso estado, marcando o início da evolução da indústria têxtil cearense na produção de fios e tecidos, como também ao longo do tempo, e com os processos de melhorias tecnológicas das fábricas, também ocorrendo o aumento da produção em larga escala e na diversificação de seus produtos perante o mercado.

A família Pompeu, ao investir na Fábrica Progresso, trouxe inovações que marcaram a fábrica têxtil em Fortaleza, pois foi a primeira no estado e também da região Nordeste a usar somente maquinaria inglesa, tornando-a, à época, a indústria mais moderna da região e também uma das mais avançadas do Brasil, devido ao investimento do grupo Pompeu que traz esta novidade (ARAGÃO, 2014, p. 64).

Consequentemente, o funcionamento da Thomaz Pompeu Têxtil no espaço da área central de Fortaleza traz consigo inovações na técnica de produção de tecidos, com a introdução de máquinas importadas da Inglaterra, isto será uma marca desta indústria, e a expansão de seu espaço físico e produtivo está ligada aos avanços da técnica ao longo de seus 100 anos. Isto traz consigo mudanças na ocupação do espaço através do consumo dos tecidos da Fábrica Progresso.

Sobre a relação entre consumo, técnica e mudanças no espaço, podemos analisar de acordo Santos (2013, p. 60) que:

A noção de idade tecnológica é dada em função da idade das técnicas presentes. A noção de idade organizacional está ligada à forma como são dispostos, em termos de espaço e de tempo, os fatores de trabalho correspondentes aos dados técnicos em questão. A combinação dessas duas idades nos explica, em primeiro lugar, uma certa combinação de capital e de trabalho aplicada ao ato de produzir. Essa noção pode ser concretizada com a ajuda dos conceitos de composição técnica e composição orgânica do capital; em segundo lugar somos levados a entender como se dá uma determinada combinação de bens e de serviços consumidos.

Ao trazer este maquinário para nosso país, deve-se, principalmente a Antônio Pompeu, que mesmo tendo formação em medicina, participa da sociedade, viaja, estuda administração de empresas na Inglaterra e compra máquinas inglesas que serão importadas para o Brasil para a implementação da Pompeu & Irmãos (ARAGÃO, 1989, p 49).

Desta forma, sendo outra característica do “progresso” que a Thomaz Pompeu Têxtil trouxe para Fortaleza, e para região Nordeste, o uso de máquinas estrangeiras na produção de tecidos, também houve o recrutamento de mão de obra estrangeira para trabalhar na fábrica do grupo Pompeu. Isto foi mencionado por Sampaio Filho (1985, p. 15) como fator fundamental para a criação da primeira indústria de fiação e tecelagem do Ceará.

Assim, a partir desta viagem e também à procura de capacitação e estrutura para a fábrica da família Pompeu, juntamente com seu irmão mais velho Thomaz Pompeu, e Nogueira Acioly, Antônio Pompeu também marcou seu nome dentre os pioneiros da indústria do Ceará. Sobre este importante cearense, trazemos a contribuição de Aragão (2014, p. 69) sobre o industrial:

Não há muitos informes sobre a vida de Antônio Pompeu de Sousa Brasil, o outro grande pioneiro da indústria têxtil no Ceará, filho do Senador Pompeu e irmão Thomaz Pompeu. Nascido em 1853, um ano mais novo que Thomaz, formou-se em medicina e exerceu a profissão. Registros históricos mostram ter sido ele quem viajou à Inglaterra para a compra do maquinário da fábrica que fundaria com o irmão mais velho. Antônio Pompeu morreu jovem, em 1886, aos 33 anos. Seu nome batiza uma rua no Centro de Fortaleza, onde se localiza o Instituto José Frota, o principal hospital do município.

Entretanto, por ser a pioneira de nosso estado, seus empreendedores, no início, tiveram dificuldades no manuseio das máquinas inglesas por não haver mão de obra cearense especializada para controlar o maquinário, assim, tendo que trazer trabalhadores estrangeiros para operar de forma inicial nesta indústria, o que contribuiu também para que os trabalhadores cearenses aprendessem a manusear as máquinas da indústria. Sobre o registro de trabalhadores ingleses em Fortaleza, Sampaio Filho (1985, p. 16) traz esse importante registro: “O assentamento de todas as máquinas foi feito pelo mecânico John Abbot, durante o

ano de 1882 e parte de 1883. Os primeiros tecidos saíram da fábrica em princípios de novembro de 1883. O capital da fábrica é de cento e cinquenta contos”.

Este fato corroborou, assim, para a troca de experiência entre brasileiros e ingleses, para aprender a manusear máquinas, e com o tempo, a força de trabalho local foi substituindo a estrangeira, como podemos observar em Aragão (1989, p. 90):

O fato de se colocar como fábrica pioneira, acarretava dificuldades de mão de obra. Foi preciso trazer da Inglaterra mão de obra habilitada, bem como o maquinista e o primeiro mestre especializado da empresa. Tal situação, logo foi contornada – Registros de 10 anos depois evidenciam a presença de 1 estrangeiro no total dos trabalhadores.

O uso de força de trabalho estrangeira ocorreu no período das fábricas pioneiras pelo Brasil, sendo uma realidade não somente na Fábrica Progresso, mas também para outras indústrias do setor têxtil espalhadas pelo território nacional. Da mesma forma, também foram usados trabalhadores de fora do Brasil, em especial da Inglaterra, pois foi o país onde ocorreu a Revolução Industrial, logo, obtendo trabalhadores já acostumados a operar máquinas de fiar e tecer.

Todavia, para substituir a falta de mão de obra especializada local, trabalhadores estrangeiros ensinavam a habilidade técnica para operários brasileiros aprenderem a manusear máquinas de fiar e tecer nas indústrias têxteis brasileiras (STEIN, 1979, p. 64). Não foi encontrado na literatura o quantitativo de trabalhadores cearenses que substituíram estrangeiros quando houve essa troca gradual pela mão de obra local, entretanto, sabe-se que a fábrica deu importante contribuição para a geração de empregos com considerável quantitativo feminino trabalhando na fábrica, segundo Viana (2006 *apud* Almanaque do Ceará, 1901).

A Fábrica Progresso, que pertencia a Pompeu & Cia. foi fundada em 1889. Nesse ano, situava-se na rua Tristão Gonçalves, nº 37, e manufaturava redes lisas e de fustão, regulando a sua produção, de 15 a 30 unidades, por dia. Além do contingente de 30 pessoas, dava trabalho externamente, a 180 mulheres.

Dentre outros avanços importantes da Fábrica Progresso, foi justamente após novos investimentos em tecnologia, na produção da técnica da empresa, que marcou ainda o tempo dos pioneiros da indústria, que trouxeram outra novidade para a produção fabril no Ceará, em 1925, no setor têxtil, na coloração de tecidos e aumento da produção. Segundo

Sampaio Filho (1985, p. 17) “a Fábrica passa a produzir os primeiros tecidos de cores do Estado e sua produção irá passar a ser dez milhões de metros quadrados de tecidos ao ano”.

Além da questão econômica, a fábrica do grupo Pompeu também realizou investimentos na questão social de seus operários, com a criação da Vila Pompeu, destinada aos operários da fábrica, o que segue assim a lógica capitalista, em que se deixa o trabalhador próximo ao local de trabalho, visando pontualidade e assiduidade ao local de trabalho. Segundo Garcia (2013 *apud* Almanaque do Ceará, 1932), “[...] 1932 registra um total de 15 vilas operárias de aluguel isentas de impostos, com 293 casas, nas quais somente duas, de Diogo e Pompeu são ligadas à indústria Têxtil [...]”.

Em questionário aplicado em atividade de campo com antiga moradora do Centro de Fortaleza que possui residência próxima ao antigo prédio da Thomaz Pompeu Têxtil, traz-se a seguinte afirmação sobre residência dos antigos operários que se localizava na Avenida Imperador: “foi vendido e transformado em várias lojas de comércio”, como representado na Figura 4 nos pontos L e M.

Figura 4 - Antigos locais de moradia dos operários da Fábrica Thomaz Pompeu Têxtil



Fonte: Arquivo Pessoal (2019).

Além disto, sobre a gestão de Thomaz Pompeu Netto, a Fábrica Progresso, além de dar continuidade aos serviços sociais para seus operários, também fundou uma escola para os filhos dos trabalhadores, em 1945. Segundo Aragão (2014, p.71):

Além de sua carreira como líder empresarial, Thomaz Pompeu Netto foi de imensa importância para história da Fábrica Progresso. Em sua longa gestão no comando da Fábrica deu continuidade aos programas de assistência médica e serviço social já existente. Em 1945, fundou a Escola Ângela Pompeu, destinada aos filhos dos operários, que funcionou até 1997, quando foi transferida para prefeitura de Fortaleza.

Desta forma, todas essas inovações que marcam a Thomaz Pompeu na fase dos pioneiros da indústria cearense mostraram que esta indústria foi de muita importância para o desenvolvimento industrial no espaço cearense.

As primeiras fábricas cearenses a partir da fundação da Progresso, foram suportando períodos de altos e baixos lucros, passando por momentos de dificuldades na década de 1930, e uma nova alta das vendas e melhoria na técnica em consequência da II Grande Guerra Mundial, assim, a Thomaz Pompeu Têxtil acabou por ser uma das pioneiras indústrias fortalezenses a se consolidar e continuar seus negócios, e que a partir de conflito de proporção mundial, passou por uma nova fase.

### **3.1.1 Final da década de 1930 e anos 40: uma nova guerra contribuindo para o crescimento do setor algodoeiro e do setor têxtil e a atuação da Thomaz Pompeu Têxtil**

Outro importante momento de avanço e ganho de mercado, seja a nível nacional ou local, foi quando, novamente, o mundo entrou em uma nova guerra mundial. Com isso, o grupo Pompeu e sua fábrica também foram beneficiados na década de 1940 quando ocorreu a 2ª Grande Guerra Mundial (1938-1945).

Ocorria, no Brasil, a política de desenvolvimento da indústria nacional no Governo de Getúlio Vargas, em que surgiu, no país, a Petrobrás, a Companhia Siderúrgica Nacional, a Companhia Vale do Rio Doce, e o Brasil, como ocorreu na 1ª Grande Guerra Mundial (1914-1918), passou a produzir produtos industriais para o consumo interno e também a exportar para os países que estavam em guerra, logo, um dos setores beneficiados foi justamente a indústria Têxtil. Assim como a Guerra de Secessão beneficiou a produção de algodão, a 2ª grande guerra ajudou a indústria da mesma fibra. Sobre este momento da política industrial brasileira, podemos ver, de acordo com Aragão (2014 p.13-14), que:

A II Guerra Mundial (1939 -1945) trouxe outro contexto: as nações em guerra na Europa não podiam exportar, e países como o Brasil se viram favorecidos em suas exportações. Segundo vários estudos econômicos no país. Segundo alguns autores, a década de 1940 foi a mais lucrativa na história da indústria de algodão do Ceará.

Assim, pode-se analisar que o desenvolvimento da produção no espaço de países em desenvolvimento está ligado ao que o mercado consumidor internacional dos países desenvolvidos necessita, e passou-se a desenvolver produtos a partir desta necessidade, o que levou, então, ao aumento da produção local a partir do consumo, e isso levou, conseqüentemente, à melhorias internas e também às mudanças no espaço e na técnica. Isto é uma realidade muito presente nos países de industrialização tardia que avançaram de acordo com os acontecimentos externos.

Sobre a questão do consumo internacional e as transformações espaciais e na técnica dos países subdesenvolvidos, podemos analisar, de acordo Santos (2013, p. 58): “[...] a idade das variáveis presentes em cada lugar termina sendo medida com referência a fatores externos, sobretudo nos países subdesenvolvidos, onde a história da produção é intimamente ligada à criação, nos países do centro, de novas formas de produzir”.

Outro fato importante sobre este momento é que foi também uma fase em que as indústrias novamente se recuperaram da grande crise de 1929 que, no caso do Brasil, afetou principalmente o setor agrícola com o café, principal produto exportado. Dessa forma, o estado brasileiro passou a intervir mais na economia e nas atividades industriais. No caso local, tais fatos não foram tão impactantes devido a dois fatores importantes mencionados por Aragão (1989) e Muniz (2014): as verbas do Governo Federal para combater a seca de 1932 e os bancos de setores vinculados aos importadores e exportadores, que ajudaram a amenizar a fase da grande depressão.

Assim, durante a década 1940, juntando o que ocorreu em amplitude nacional em 1930, houve uma fase de ascensão de mercados para o grupo Pompeu, que diversificou novamente seus produtos, momento este em que a Thomaz Pompeu Têxtil estava sendo administrada por Thomaz Pompeu Netto. Neste momento, ocorreram novos investimentos na modernização da fábrica, inclusive, sendo a pioneira na introdução de tecidos finos de 2,5 m, e também passando a produzir panos para toalhas e camisas, panos grossos para calças e brim (ARAGÃO, 2014, p. 72). Isto aumentou os lucros e contribuiu para o crescimento da área de influência de mercado de seus produtos, não somente de forma local, como também em âmbito nacional: “Naquele momento, 70% do mercado consumidor dos produtos da Thomaz Pompeu estavam em São Paulo. O Nordeste ocupava os outros 30%, dos quais o Ceará representava 20%” (ARAGÃO, 2014, p.72).

A diversificação de produtos, o mercado e a modernização de seus estabelecimentos industriais foi muito importante para a própria sobrevivência e disputa de mercado para Thomaz Pompeu Têxtil, haja vista, como ocorreu outrora no final da do conflito

civil estadunidense entre Norte e Sul. Com o fim da II Grande Guerra Mundial, o Brasil, como um todo, perdeu espaço no mercado internacional e, conseqüentemente, diminuiu seus lucros, e assim a indústria têxtil brasileira se voltou para o mercado interno.

Assim, como a indústria do grupo Pompeu já estava de certa forma consolidada em Fortaleza, juntando à boa gestão, e como houve investimentos em inovações tecnológicas, acabou por conseguir suportar a concorrência e a crise durante a década de 1950, como podemos observar em Amora (2007, p. 372): “na década de 1950, as indústrias praticamente desaparecem, restando apenas alguns marcos como a Fábrica de Tecidos Progresso, sediada em Fortaleza”.

Entretanto, é importante também mencionar que, apesar deste momento de crescimento para a indústria nacional, o conflito da 1ª Grande Guerra Mundial (1914-1918) também teve como consequência uma importante contribuição para o crescimento da indústria brasileira, visto que foi um conflito ainda no início do século XX e deu grande ajuda solidificar o desenvolvimento fabril brasileiro que veio surgir no final do século XIX. Sobre isto, podemos analisar, segundo Muniz (2014, p. 58):

No início da I Guerra Mundial (1914 a 1918), o Brasil já dispunha de um importante parque têxtil. A guerra pode ser considerada fator decisivo na fase de consolidação da indústria têxtil brasileira, uma vez que os períodos de crise foram favoráveis ao nosso crescimento industrial. A limitação da capacidade do País de importar propiciou a oportunidade de crescimento da produção interna. Assim, a interrupção do fluxo de entrada de artigos oriundos do Exterior, pela concentração dos Países europeus e dos Estados Unidos no esforço da guerra, funcionou como elemento de estímulo para o crescimento da indústria brasileira.

Neste período, acabou por atingir fortemente empresas da região Nordeste, logo incluindo, dessa forma, fábricas cearenses, por justamente não suportarem a questão da concorrência com a de outras regiões brasileiras, como podemos analisar, de acordo Aragão (2014, p. 72), que traz a seguinte análise:

Finda a Guerra, o Brasil perdeu espaço no campo das exportações e as indústrias do Centro-Sul se voltaram para o mercado interno, investindo fortemente no quase “inexplorado” mercado do Nordeste. Como as empresas nordestinas em especial as cearenses não dispunham de condições para enfrentar a concorrência com igualdade, a crise se instalou na indústria local ao longo da década de 1950, quando restaram no Ceará apenas cinco fábricas de fiação e tecelagem. Poucas conseguiram modernizar seu parque industrial. Entre elas se colocava a Thomaz Pompeu.

Durante a década de 1950, a Fábrica Progresso, mesmo com a forte concorrência de outras empresas do Nordeste e do Sudeste, conseguiu suportar o período e continuou na década seguinte. Isto foi de muita importância para a fábrica do grupo Pompeu e também para as demais indústrias de nosso estado e do Nordeste, que sobreviveram à forte concorrência do Sudeste, pois esta região do Brasil, a partir de políticas públicas do Governo Federal, recebeu recursos da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE. Isto ajudou no desenvolvimento econômico desta região e a Fábrica Progresso foi uma das financiadas a receber verbas federais, capital público este que marcou mais um momento de modernização e alta de suas vendas, e também no final dos anos 1980, o fim de suas atividades, funcionando como massa falida até o encerramento definitivo da fábrica.

### **3.1.1.1 SUDENE: apogeu e falência da Fábrica Progresso**

A SUDENE foi criada em 1959 durante o Governo de Juscelino Kubitschek, a partir de estudos do economista Celso Furtado, e foi o primeiro órgão que fez, de forma planejada, intervenções no Nordeste brasileiro que visaram mudar o estigma de “região problema” do Brasil.

Para tentar resolver isto, houve grande foco na industrialização de forma planejada no Nordeste. Os impactos da primeira fase de incentivos da SUDENE no Ceará foram significativos, principalmente para o setor têxtil, pois a intervenção da autarquia federal impediu, em primeiro lugar, que todo o setor fosse destruído ao longo da década de 1960 (ARAGÃO, 2014). Dentre as indústrias beneficiadas perante os projetos da Sudene, de acordo com Muniz (2014, p. 70 *apud* ARAGÃO, 1989), das 61 indústrias têxteis no Nordeste incluídas no programa, 8 eram do Ceará, tais como: Progresso, Santa Elisa, Santa Teresa, Cia. Gasparian do Norte, Santa Cecília, Baturité, Santa Maria e Sobral.

A Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) tem por finalidade promover o desenvolvimento incluyente e sustentável de sua área de atuação e a integração competitiva da base produtiva regional nas economias nacional e internacional. Com sede em Recife (PE), a autarquia integra o Sistema de Planejamento e de Orçamento Federal, sendo vinculada ao Ministério do Desenvolvimento Regional (SUDENE 2019).

Iniciou seus projetos nos estados nordestinos a partir dos anos 1960, momento este que marcou positivamente a região Nordeste, pois foi um momento de reestruturação dos diversos setores da economia nordestina, em especial o setor industrial.

A entrada de recurso da estatal federal no estado do Ceará se concentrou principalmente em sua capital, Fortaleza. Este órgão foi de muita importância para ajudar no desenvolvimento dos estados do Nordeste, no crescimento econômico e de reestruturação de seu setor industrial. Segundo Souza (2009, p. 24): “Com relação ao setor industrial, o Ceará coloca-se em terceiro lugar entre os Estados nordestinos que foram beneficiados pelos incentivos da SUDENE, estando estes recursos aplicados, em sua grande maioria, em Fortaleza”.

Para isto, para que os incentivos da Sudene pudessem entrar no Ceará, foi de grande importância a atuação do Banco do Nordeste do Brasil – BNB, que foi o primeiro órgão a levar investimentos para o Nordeste brasileiro, visando o desenvolvimento da região. Sua sede se localiza em Fortaleza na Avenida Dr. Silas Munguba, nº 5.700, no bairro Passaré.

O Banco do Nordeste foi criado pela Lei Federal nº 1649, de 19.07.1952, para atuar no chamado Polígono das Secas, designação dada a perímetro do território brasileiro atingido periodicamente por prolongados períodos de estiagem. A empresa assumia então a atribuição de prestação de assistência às populações dessa área, por meio da oferta de crédito (BNB 2019).

Com a atuação do BNB, houve a aplicação de projetos e recursos desenvolvimentistas que ajudaram mais na frente à própria atuação da Sudene em nosso estado e, além disto, além do Banco do Nordeste também houve a contribuição da Universidade Federal do Ceará na atuação da estatal federal. Conforme Nobre (2001) e Muniz (2014, p. 68): “[...] Ambas as instituições contribuíram para a formação de quadros técnicos que comporiam a futura Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE)”.

Ainda sobre a relação entre o Banco do Nordeste e a SUDENE, podemos analisar, de acordo Aragão (2014: 140), que:

A criação do Banco do Nordeste em 1954, com sede em Fortaleza, constituiu um primeiro esforço para dotar a região de recursos capazes de promover o desenvolvimento. Na realidade, acaba preparando o terreno para ser o grande órgão de fomento dos projetos da SUDENE que chegam à Região na década de 1960.

Dessa forma, a maior parte dos recursos da autarquia federal, em sua atuação em solo cearense, ocorreu em maior parte dos investimentos da estatal na capital Fortaleza, assim, a cidade concentrou a maior parte dos projetos aprovados e verbas destinadas ao Ceará. Conseqüentemente, deu grande contribuição para o desenvolvimento econômico urbano e em mudanças no espaço da cidade, principalmente no setor industrial com maior

desenvolvimento na Zona industrial da Avenida Francisco Sá (CRUZ, 2014), localizada no lado oeste da cidade, tendo, assim, uma mudança espacial de localização, pois muitas indústrias, desde a fase dos pioneiros, se localizavam no Centro de Fortaleza. Já a Fábrica Progresso, ainda com suas raízes fincadas na área central da cidade, foi uma das favorecidas das verbas da estatal.

Para se entender a maior concentração da entrada do dinheiro público da SUDENE no Ceará em Fortaleza, de acordo com Sousa (2009, p. 24):

[...] no período 1960/1971, dos 112 projetos aprovados para o Ceará, 72 foram localizados em Fortaleza. Por outro lado, cerca de 81% do valor dos projetos aprovados pela SUDENE para o Ceará, até 1969, pertenciam à Capital. Na verdade, os incentivos fiscais e financeiros da SUDENE e do BNB, a partir de 1960, foram de grande significação para a economia urbana da Capital, à medida que atenuaram a tendência à fuga de recursos e permitiram a implantação de novas indústrias.

Os projetos da SUDENE trouxeram consigo uma forma de contribuir para que a região Nordeste passasse a ter uma nova forma de melhorar seu crescimento socioeconômico, pois ainda predominava uma região com atividade agrícola em seu espaço geográfico, e também com a forte questão da fome e miséria motivando movimentos migratórios para as capitais nordestinas e outros estados brasileiros, por exemplo, os nordestinos que migraram para trabalhar no Norte do Brasil no extrativismo do látex, conhecidos como “soldados da borracha”, e em especial, para a região Sudeste, que até então concentrava a maior parte do parque industrial nacional.

Logo, esta população imigrante foi conhecida como exército de reserva de lugares (SANTOS, 1993), fruto das fortes desigualdades sociais, fez acontecer uma intensa migração inter-regional de nordestinos para o Sudeste do Brasil em busca de melhores condições de vida.

Além disto, outro ponto de muita relevância na fase inicial da SUDENE é que, como seus investimentos foram predominantemente no setor secundário, isto deu forte contribuição para sobrevivência da indústria cearense, pois como já fora mencionado, a crise que aconteceu após o final da II Grande Guerra Mundial e nos anos 1950, atingiu fortemente as indústrias do Nordeste, e muitas indústrias cearenses passaram por dificuldades, logo, os incentivos da estatal ajudaram com que muitas não fechassem as portas, conforme podemos observar em Aragão (2014, p. 144): “os incentivos fiscais e financeiros da SUDENE e do BNB, a partir de 1960, foram de grande significação para a economia urbana da Capital, à

medida que atenuaram a tendência à fuga de recursos e permitiram a implantação de novas indústrias”.

Este período veio, a partir da aplicação de políticas desenvolvimentistas nacionais com recursos federais da SUDENE na região Nordeste, que visava amenizar os prejuízos trazidos pela seca historicamente, afetando a sub-região do sertão nordestino. Com isso, veio a aplicação de verbas públicas para ajudar no desenvolvimento local, na melhoria estrutural, no replanejamento industrial e na diminuição da desigualdade.

Sobre o propósito inicial da motivação da criação da SUDENE, podemos entender, de acordo com Araújo (1997, p. 8):

Coordenado por Celso Furtado no final dos anos 50, o relatório do Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste (GTDN) que fundamentou a estratégia inicial de ação da Sudene, constatava ter sido o seu fraco dinamismo nas décadas anteriores a característica mais importante da base produtiva instalada na região. Enquanto a indústria comandava o crescimento econômico no Sudeste, o velho setor primário-exportador implantado no Nordeste dava mostras de sua incapacidade para continuar impulsionando o desenvolvimento econômico regional.

Ainda sobre os estudos motivadores de investimento da SUDENE no Nordeste, Araújo (1997, p. 8-9) continua:

No início dos anos 60 a Sudene, recém-criada, concentrou esforços e recursos federais na realização de estudos e pesquisas sobre a dotação de recursos naturais do Nordeste (em particular de recursos minerais) e na ampliação da oferta de infraestrutura econômica (sobretudo transportes e energia elétrica). Tais investimentos tiveram importante papel para o posterior dinamismo dos investimentos nas atividades privadas, tanto no setor industrial quanto no terciário.

Assim, o estado e, em especial, a capital Fortaleza, acabou por ser agraciado com a entrada de novos capitais que ajudaram diferentes setores da economia e, dentre os beneficiados dos recursos desta estatal estava o setor industrial têxtil, pois surgiram, a partir de 1965, 9 novas fábricas e o fortalecimento econômico do setor têxtil. Aragão (2014), assim como Souza (2009, p. 24): “[...] os incentivos fiscais e financeiros da SUDENE e do BNB, a partir de 1960, foram de grande significação para a economia urbana da Capital, à medida que atenuaram a tendência à fuga de recursos e permitiram a implantação de novas indústrias”.

Tabela 4 - Indústrias Têxteis no Ceará durante a fase da SUDENE.

<b>Fábrica</b>	<b>Proprietários</b>	<b>Fundação</b>	<b>Tipo</b>	<b>de</b>	<b>Local</b>
----------------	----------------------	-----------------	-------------	-----------	--------------

			<b>produção têxtil</b>	
<b>Thomaz Pompeu</b>	<b>Grupo Thomaz Pompeu</b>	<b>1882</b>	<b>Fiação e tecelagem</b>	<b>Fortaleza</b>
<b>Sobral</b>	<b>Grupo Ernesto Deocleciano</b>	<b>1895</b>	<b>Tecelagem</b>	<b>Sobral</b>
<b>Maranguape</b>	<b>Grupo Macedo j.</b>	<b>1924</b>	<b>Tecelagem</b>	<b>Maranguape</b>
<b>São José</b>	<b>Grupo Philomeno Gomes</b>	<b>1926</b>	<b>Redes e confecções</b>	<b>Fortaleza</b>
<b>Jangadeiro Têxtil</b>	<b>Grupo Baquit</b>	<b>1964</b>	<b>Fiação</b>	<b>Fortaleza</b>
<b>Cia. Ceará Têxtil</b>	<b>Grupo Machado</b>	<b>1966</b>	<b>Fiação</b>	<b>Fortaleza</b>
<b>Passamanaria do Nordeste</b>	<b>Grupo Fontenele</b>	<b>1968</b>	<b>Elásticos</b>	<b>Fortaleza</b>
<b>Master Tecidos Plásticos</b>	<b>Grupo Master</b>	<b>1971</b>	<b>Tecelagem</b>	<b>Fortaleza</b>
<b>Finobrasa (Vicunha)</b>	<b>Baquit, Otoch, grupo Vicunha</b>	<b>1973</b>	<b>Fiação</b>	<b>Fortaleza</b>
<b>Unitêxtil</b>	<b>Grupo Unitêxtil</b>	<b>1973</b>	<b>Tecelagem</b>	<b>Fortaleza</b>
<b>Pemalex</b>	<b>Alexandre Chan Kchup kang</b>	<b>1974</b>	<b>Tecelagem</b>	<b>Fortaleza</b>
<b>Santana Têxtil</b>	<b>Raimundo Delfino</b>	<b>1980</b>	<b>Fiação</b>	<b>Horizonte</b>
<b>TBM</b>	<b>Grupo TBM</b>	<b>1980</b>	<b>Fiação</b>	<b>Fortaleza</b>
<b>Pompeu Têxtil</b>	<b>Grupo Thomaz Pompeu</b>	<b>1982</b>	<b>Fiação e tecelagem</b>	<b>Fortaleza</b>
<b>Têxtil Baquit</b>	<b>Grupo Baquit</b>	<b>1982</b>	<b>Fiação</b>	<b>Fortaleza</b>
<b>Têxtil união</b>	<b>Grupo Machado</b>	<b>1984</b>	<b>Fiação</b>	<b>Maracanaú</b>
<b>Vicunha têxtil</b>	<b>Grupo vicunha</b>	<b>1984</b>	<b>Fiação</b>	<b>Maracanaú</b>
<b>Juozas (Cia. Brasielira de Moda)</b>	<b>Carlos Pereira</b>	<b>1986</b>	<b>Tecelagem</b>	<b>Maracanaú</b>
<b>Cotece</b>	<b>Grupo Jaime Pinheiro</b>	<b>1989</b>	<b>Fiação</b>	<b>Maracanaú</b>
<b>Têxtil JM</b>	<b>-</b>	<b>1998</b>	<b>Fiação</b>	<b>Fortaleza</b>

Fonte: Aragão (2014, p. 177). Adaptado pelo Autor (2019).

A Fábrica Progresso, a partir da entrada de novos recursos, passou por mais uma nova fase de modernização de seu maquinário, como também acabou por conseguir novos espaços no mercado internacional, aumentando, assim, sua área de influência no espaço.

A ajuda de recurso financeiro para a Progresso, na fase inicial de estudos da SUDENE, foi de muita importância, pois ocorreu o encerramento de atividades de fábricas nordestinas por não suportarem a concorrência com fábricas do Sudeste brasileiro a partir dos anos 50 (ARAGÃO, 2014; MUNIZ, 2014). Logo, é possível observar o importante valor desta estatal para a sobrevivência de indústrias que ainda mantinham suas portas abertas, dentre elas, a Fábrica Progresso. Dessa forma, para compreender melhor o que levou a estagnação da indústria no Nordeste, podemos entender segundo, Muniz (2014, p. 67 *apud* ARAGÃO, 2002) que “1) A incompatibilidade entre o mercado e a produção de tecidos no Nordeste 2) O obsoletismo da maquinaria. 3) Os problemas administrativos 4) A ausência de uma política setorial que alavancasse o financiamento do setor”.

Ainda sobre a referida problemática, no caso específico das indústrias cearenses, podemos analisar, ainda de acordo com Muniz (2014, p. 67 *apud* ARAGÃO, 2002, p. 86):

[...] após 1956, há o registro de falência e de concordatas de muitas empresas de fiação e tecelagem cearenses, que encontram também restrições junto aos bancos e outras instituições financeiras. De 12 fábricas existentes em 1930, somente quatro atravessaram o decênio de forma invicta. O Cotonifício Leite Barbosa, principal investimento têxtil da década de 1950 (Fábrica Santa Tereza e Santa Cecília) e a Cia Têxtil José Pinto do Carmo (Fábrica Baturité), tiveram que pedir concordata (Viana, 1992). As fábricas do grupo A. D. Siqueira e a própria Baturité, já concordatária, chegam a falir no final da década de 1950. A Philomeno Gomes manteve-se produtiva até os idos de 1957.

Durante a década de 60, não só a Progresso, mas outras fábricas também recebem investimentos da SUDENE. No caso da indústria do grupo Pompeu, esta era administrada por José Pompeu, Marcos Pompeu e Thomaz Pompeu Netto; além de receber verbas da empresa estatal federal, também recebeu apoio do Governador Virgílio Távora, do Banco do Nordeste, e participou do Programa de Modernização da Indústria Têxtil do Nordeste (ARAGÃO, 2014, p. 75). Este amparo ajudou que a Thomaz Pompeu Têxtil se fortalecesse e conseguisse novo ânimo para disputar a concorrência e fazer o reequipamento das unidades em operação. Isto fez com que a Fábrica Progresso, a partir da ajuda do capital público, aumentasse sua produção e, com isso, também voltasse a expandir suas áreas de influência de venda de seus produtos para outros países. Assim, com o período de amparo de políticas desenvolvimentistas públicas, a Progresso vivenciou seu período de apogeu com significativo

aumento da produção e exportação da centenária empresa cearense, como podemos confirmar no trecho a seguir:

Nessa década a produção da Thomaz Pompeu cresceu 1000% e a Fábrica Progresso passou a exportar para Itália, França, Alemanha, Colômbia, Austrália, e Estados Unidos. Foi sua época de apogeu, reforçada pelo amparo da SUDENE, do Banco do Nordeste e do primeiro Governo Virgílio Távora (ARAGÃO, 2014, p. 75).

Com isso, pode-se analisar como neste período, a partir de políticas públicas voltadas para contribuir para o desenvolvimento e fortalecimento de indústrias da região Nordeste, foi importante para ajudar a reerguer e modernizar o ciclo produtivo, como também expandir suas áreas de comércio e de influência no espaço geográfico, assim, contribuindo para amenizar e superar o atraso econômico em que grupos nordestinos industriais passaram devido à predominante estrutura econômica rural já defasada em comparação com outros estados brasileiros do Centro-Sul.

No caso específico da Fábrica Progresso, foi de suma importância o papel da SUDENE e também do Governo Estadual nesta fase em que o dinheiro público socorreu o setor secundário local, pois foi a partir disto que a fábrica ganhou força e uma nova projeção para seguir com suas atividades e, inclusive, chegar a seu centenário de fundação, pois a boa gestão empresarial de seus gestores, com a entrada destes recursos, fez com que, além de aumentar sua produção, também expandisse seu espaço geográfico de comércio.

Durante a década de 1980, a Thomaz Pompeu Têxtil chega à marca de 100 anos de sua fundação, e isto mostra o quanto foi importante seu papel por ter que atravessado o tempo e o espaço de Fortaleza, pois foi umas das poucas sobreviventes do período da fase dos pioneiros em nossa cidade, ainda que o Brasil vivenciasse um período de forte crise econômica, o qual afetou diretamente o setor têxtil (ARAGÃO, 2014, p. 178).

Mesmo em situação adversa, em escala econômica nacional, pois foi um período chamado por economistas de “década perdida” tendo em vista as altas taxas de inflação, as indústrias do grupo Pompeu, no início dos anos 1980, ainda eram um dos maiores produtores e comercializadores externos e internos de tecidos no Ceará, conforme nos conta Aragão (2014, p. 76):

[...] No início da década de 1980, a Thomaz Pompeu Têxtil exportava 300 mil metros de tecidos e comercializava internamente o restante da produção, totalizando produção anual de 10.200.000m, o que a colocava como uma das empresas de intensa comercialização do Ceará. O forte da produção estava concentrado nos tecidos finos de 2,5m e no forro de bolsos para calça jeans.

No ano de 1982, durante a comemoração de seu centenário, o grupo Pompeu acabou fundando mais uma unidade com seus próprios recursos, a Pompeu Têxtil S/A, logo, aumentando mais uma vez sua influência no espaço como também procurando maior crescimento produtivo e de técnica, como ocorreu nos anos 60. Este investimento aconteceu perante a espera de novos financiamentos da SUDENE para repor o que fora investido, entretanto, as verbas esperadas acabaram por não chegar, o que contribuiu para gerar uma crise e dívidas em suas indústrias, acarretando, assim, no pedido de falência, em 1987, e marcando um período de grande dificuldade financeira vivenciada pela Fábrica Progresso.

Já no final de suas atividades, devido à crise do final dos anos 1980, já na década de 1990, a Fábrica Progresso funcionou com muitas dificuldades, reduzindo sua produção e entrando no Pacto de Cooperação do Ceará. Com a entrada neste pacto, a fábrica se muda para a Avenida Doutor Theberge, ficando sua administração a cargo de Gustavo de Ipanema Pompeu, filho de José Pompeu Júnior, que ainda cria a Cia. Têxtil Ipanema, empresa que ficou a cargo de administrar as indústrias do Grupo Pompeu até o encerramento oficial de suas atividades no setor têxtil (ARAGÃO, 2014).

Não foi encontrado na literatura sobre a questão dos seus operários, após o encerramento oficial do funcionamento da Thomaz Pompeu Têxtil, porém, a partir da análise de sites de pesquisas, encontram-se a respeito de processos de dívidas com seus antigos operários, ligados ao não pagamento de direitos trabalhistas e despejos de moradores da Vila Pompeu.

Segundo os ex-funcionários, o estabelecimento foi à falência e não cumpriu com os direitos trabalhistas, pois mudou de nome e endereço, passando a se chamar Pompeu Têxtil. Sendo assim, a causa ganha pelos trabalhadores em 1997 não teria mais validade porque atualmente se constituiria uma outra empresa. De acordo com o deputado Lula Moraes (PCdoB), requerente da audiência, o objetivo do debate é achar uma saída para o problema dos trabalhadores. “É necessário que busquemos soluções para os problemas da nossa coletividade”, afirmou o parlamentar. Na ocasião, o advogado de uma comissão de trabalhadores, Arnóbio Gomes, afirmou: “Se o falido tem créditos, deve pagar aos cidadãos”. Francisco Ibiapina, representante da Delegacia Regional do Trabalho (DRT) afirmou que apoia os trabalhadores na disputa judicial contra a empresa e salientou que a DRT está comprometida em investigar a existência de uma falsa cooperativa, Linhas do Itapajé, criada pela Pompeu Têxtil para não assinar as carteiras de trabalho de seus atuais empregados. Os antigos funcionários reivindicam o pagamento dos direitos trabalhistas, ganhos desde 1997 e o fim de chantagens contra as famílias e ameaças de despejos injustos das famílias que moram na Vila Pompeu, que era mantida pela Fábrica Têxtil para garantir a moradia de seus empregados. De acordo com eles, uma família já foi despejada.

Aline Moraes, filha do ex-funcionário Francisco Manuel, relatou que sua família foi despejada da Vila Pompeu no dia 16 de fevereiro deste ano. Ela declarou que o pai

sofria ameaças por parte da empresa e que não eram respeitados os seus direitos trabalhistas. “Minha mãe não tinha direito a feriados e recebia menos de um salário mínimo”, Aline ressaltou que além de prejudicada financeiramente sua família ficou desestruturada emocionalmente<sup>7</sup>.

Em questionário aplicado em atividade de campo, com antiga moradora do Centro de Fortaleza que possui residência próxima ao antigo prédio da Thomaz Pompeu Têxtil, ela afirma o seguinte sobre a questão do não pagamento dos direitos trabalhistas: “[...] quando fechou muitas pessoas ficaram esperando seus direitos e nunca receberam, foi uma devastação das famílias dos antigos operários”.<sup>8</sup>

Desta forma, esta pioneira indústria cearense não conseguiu se recuperar, falindo em 2005, ano este que encerrou os negócios da centenária Fábrica Progresso, indústria que marcou o início no ramo Têxtil da produção de fios e tecidos no estado e deu grande contribuição para a expansão do setor têxtil do espaço geográfico cearense. Seu antigo prédio, localizado no Centro de Fortaleza, deu lugar ao Centro de Pequenos Negócios de Fortaleza, também chamado de Novo Beco da Poeira, importante lugar no centro da cidade que reúne trabalhadores informais e que deu grande contribuição para a reorganização do espaço central de Fortaleza, uma nova dinâmica para o circuito inferior da economia em nossa capital e que faz parte do projeto de requalificação do Centro Histórico fortalezense.

---

<sup>7</sup> AUDIÊNCIA discute situação dos demitidos da Fábrica Thomaz Pompeu. **Portal Vermelho**, 2007. Disponível em: <<http://www.vermelho.org.br/noticia/18636-61>>. Acesso em: 30 nov. 2019.

<sup>8</sup> (Informação verbal) Entrevista concedida por Elizabete. Entrevista. [nov.2019]. Entrevistador: Emanuelton Antony Noberto de Queiroz. 2019 Questionário 1.

#### 4. CRIAÇÃO DO CENTRO DE PEQUENOS NEGÓCIOS: NOVO BECO DA POEIRA E SEU PAPEL NO REORDENAMENTO DO CENTRO DE FORTALEZA

Com o final das atividades da Fábrica Progresso, seu antigo prédio passou por um período de portas fechadas e sem utilidade para fins industriais ou de comércio. Mesmo tendo sua localização no Centro Histórico de Fortaleza, não teve seu fim como acontece a outros prédios antigos da cidade, nem em outros bairros que também possuem espaços com marcas de rugosidade na paisagem urbana, os quais acabam se transformando em estacionamentos, pontos comerciais, clínicas, locais de consumo de droga e moradia para famílias sem teto.

Chamemos de rugosidade ao que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares. As rugosidades se apresentam como formas isoladas ou como arranjos (SANTOS, 2012, p. 140).

Como exemplo de importantes lugares que marcaram o passado urbano e que passam por problemas estruturais ou forma de ocupação, temos o Casarão Português no Bairro Damas, o Edifício São Pedro no Bairro da Praia de Iracema, o Lorde Hotel e a Escola Jesus, Maria e José no Centro de Fortaleza.

No entanto, nem todas essas construções receberam o devido respeito e cuidado ao longo dos anos. Mesmo tombados e protegidos, alguns imóveis, como a Casa do Português, padecem ao longo dos anos, sendo cada vez mais deteriorados pela ação do clima e do tempo, sem uma previsão de restauração<sup>9</sup>.

No caso específico dos antigos espaços ocupados por trabalhadores industriais que estavam abandonados e acompanhavam as transformações na cidade ao longo do tempo, hoje servem a novos usos. Muitos servem como shoppings ou centro de trabalhadores ligados à confecção. Também ocorre a utilização desses antigos espaços industriais para o consumo de drogas e prática da violência, como por exemplo, no caso da Vilejack. Sobre o fim dos antigos espaços industriais e sua atual metamorfose espacial na paisagem urbana podemos analisar de acordo com Muniz (2016, p. 438-439) que:

---

<sup>9</sup> ANTES e depois de prédios históricos de Fortaleza. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 2017. Disponível em: <<http://plus.diariodonordeste.com.br/predios-historicos-de-fortaleza/>>. Acesso em: 2 dez. 2019.

[...] a antiga indústria Progresso, no centro da cidade, que passou a ser usada para o comércio de confecção. A antiga Fábrica de Redes São José, na avenida Filomeno Gomes, nas proximidades da Escola de Aprendizes de Marinheiros e da Igreja Nossa Senhora dos Navegantes onde está sendo construído o shopping Boulevard Jacarecanga, inserido no projeto de shoppings nos bairros da cidade de Fortaleza-CE. Em frente ao espaço antes ocupado pela Finobrasa (atual Vicunha em Pacajus e Maracanaú), na Av. Humberto Monte, esquina com Sargento Hermínio, no bairro Presidente Kennedy, está sendo construído o Shopping Rio Mar Norte. Ademais, espaços de antigas indústrias servem atualmente para outros fins, como as instalações da antiga Vilejack Jeans, moradia irregular para pessoas menos favorecidas economicamente que através da autoconstrução passam a viver nestes antigos espaços.

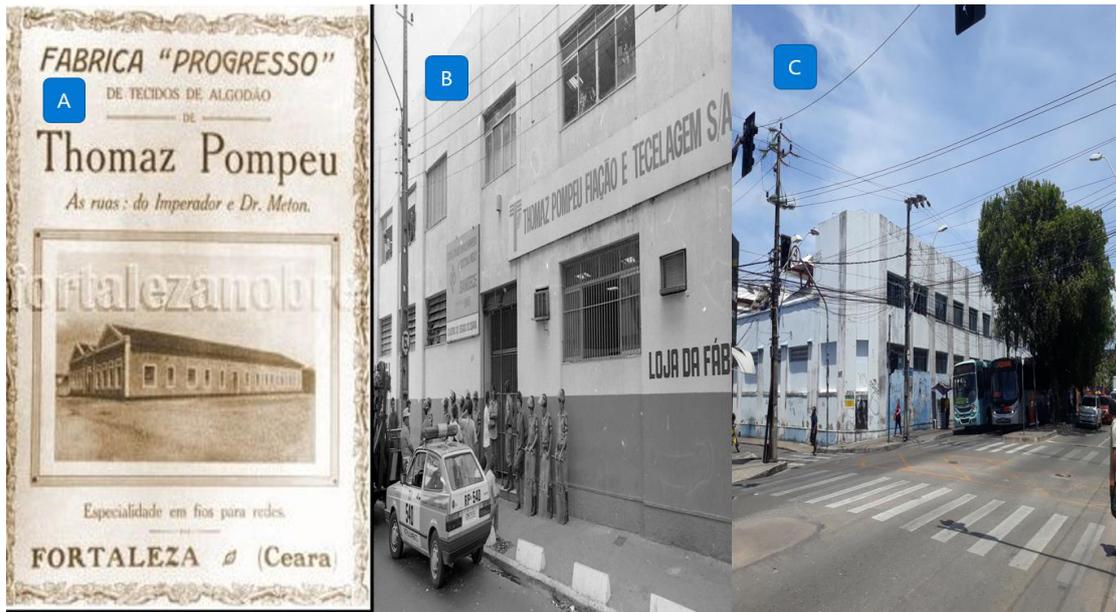
Logo, a nova forma de ocupação desses prédios antigos se dá de forma dúbia no atual processo da produção do espaço, visto que ocorre a supervalorização de espaços até então marginalizados e, a partir de parcerias públicas e privadas nas quais se colocam os interesses de grandes empreendedores do capital com a adoção de revitalização de áreas urbanas em determinadas espaços da cidade, como por exemplo, no Papicu, com o Shopping Rio Mar, o que Harvey (2005, p. 166) chama de “empreendedorismo na governança urbana”.

Da mesma forma, também ocorre a reutilização desses espaços ou a ocupação de espaço público por atores sociais menos favorecidos na sociedade que poderão desenvolver atividades do circuito inferior da economia, como forma de sobrevivência, com a geração de empregos informais. No Centro de Fortaleza, temos o caso da Thomaz Pompeu Têxtil, que dá lugar ao Novo Beco da Poeira, que outrora se localizava na Praça José de Alencar. Seus permissionários, de acordo com Silva (2013), são oriundos, principalmente, do lado oeste da cidade, área que concentra a população fortalezense mais pobre, e a forma de ocupação do espaço pode levar a ação do estado para disciplinar ou requalificar a paisagem urbana no processo da urbanização.

[...] a urbanização um processo social especialmente fundamentado, no qual um amplo leque de atores, com objetivos e compromissos diversos, interagem por meio de uma configuração específica de práticas espaciais. Em uma sociedade vinculada por classes, como a sociedade capitalista, essas práticas espaciais adquirem um conteúdo de classe definido [...] (HARVEY, 2005, p. 169 - 170).

Na Figura 5, trazemos o processo refuncionalização da Antiga Fábrica Thomaz Pompeu Têxtil em Novo Beco da Poeira.

Figura 5 – Refuncionalização da Thomaz Pompeu Têxtil em Novo Beco da Poeira



Fonte: Fortaleza Nobre (2019); diário do Nordeste (2021); Arquivo Pessoal (2019).

Desta forma, o antigo espaço da Thomaz Pompeu Têxtil deu lugar ao Novo Beco da Poeira, importante lugar de dinamismo do circuito inferior no Centro da cidade de Fortaleza, que foi criado através de políticas públicas de reordenamento e requalificação urbana, visando tentar solucionar os problemas estruturais do Antigo Beco da Poeira, criar a estação do Metrô de Fortaleza em seu antigo espaço e também organizar o uso e ocupação do solo urbano por feirantes, na área central da cidade.

Segundo a administração municipal, o Beco da Poeira possui 2.100 boxes de todas as variedades de produtos - a maioria de confecções - e funciona de segunda a sábado, das 7h30 às 17h30, e aos domingos, das 7h às 14h. Atualmente o Beco da Poeira é administrado pela Prefeitura de Fortaleza por meio da Secretaria Regional Centro<sup>10</sup>.

O Centro da cidade Fortaleza, que outrora foi palco da elite fortalezense quando o Centro era cidade (DANTAS, 2009) atualmente se configura como Centro da periferia (SILVA, 1992), obtendo em seus espaços marcas do passado, as rugosidades urbanas, em convívio com o presente, com praças, igrejas e prédios históricos, em conjunto com um massivo bairro prestador de serviço, com um intenso comércio formal e informal, como também a prestação de serviço no setor público, onde, além do comércio, se encontra no espaço urbano ocupado pelo setor terciário escolas, bancos e cursos públicos e privados,

<sup>10</sup> PREFEITURA entrega reforma do Beco da Poeira nesta segunda-feira no CE. **G1**, Fortaleza, 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ceara/noticia/2015/12/prefeitura-entrega-reforma-do-beco-da-poeira-nesta-segunda-feira-no-ce.html>>. Acesso em: 2 dez. 2019.

restaurantes, mercantis, farmácias, clínicas populares e ainda residências e quitinetes no bairro e nas porções mais próximas das áreas de divisa do Centro com outros bairros.

O grande setor de serviços em que encontramos um intenso comércio informal, não ocorre somente em Fortaleza e no estado, mas também é presente nos demais estados brasileiros, principalmente nas grandes capitais e suas regiões metropolitanas, e nos demais países subdesenvolvidos industrializados. Isto é um reflexo da segregação capitalista do espaço, em que nem todos possuem as mesmas oportunidades e formação e acabam por seguir, como forma de sobrevivência, trabalhando como feirantes, seja em locais como o Novo Beco da Poeira, a Feira da Sé e no Centro Fashion, como também, nos novos centros de Fortaleza, haja vista, de acordo Dantas (2009), Fortaleza ser considerada uma cidade policêntrica, e esta forma desigual de produção do espaço capitalista na cidade ocorre, seja na área Central como também em outros bairros da cidade, em que possibilita a população de menor poder aquisitivo a consumir produtos a preços de menor custo (DANTAS, 2012).

A participação dos trabalhadores informais na população ocupada de Fortaleza cresceu 26,66% em 22 anos. Em 1984, eles eram 44% dos moradores da Capital com alguma ocupação. Em 2006, chegaram a 55,73%. Isso significa que de 905.271 das pessoas que estão trabalhando em Fortaleza, 504.508 estão excluídas do setor formal. Em apenas 66 (57,89%) dos 114 bairros da Capital há registro de empregos com carteira assinada<sup>11</sup>.

Sobre a expansão do comércio informal na cidade de Fortaleza, temos a seguinte informação:

A cara da cidade é o comércio, mas a empregabilidade é o serviço, avalia o professor técnico da SDE, Inácio Bessa. Isso porque a maior quantidade de empregos na Capital (38,08%) - 189.126 do total de 496.545 - é gerada pelos serviços, mas o maior número de estabelecimentos (41,96%) são de comércio, que chegam a 14.191 dos 33.818 existentes. Quando a análise é restrita ao Centro, a concentração nesses setores é ainda maior. Dos 6.112 estabelecimentos do bairro, 3.217 (52,63%) são comerciais e 2.253 (89,49%), de serviços. No Centro, estão 18,07% das 33.818 empresas formais da Capital cearense. A Regional II (onde ficam Centro, Aldeota e Meireles) tem 16.334 unidades e 192.343 empregos. Isso representa 48,30% dos estabelecimentos e 38,74% do total de empregos. A Regional IV (que engloba Montese, Parangaba, entre outros) é a segunda com maior quantidade de empresas formais (79.568) e de empregos gerados (79.658). Ela detém 16,04% dos empregos e 13,84% do número de empresas. Apenas nas regionais I (35,24%) e V (31,53%) a indústria se sobressai no número de ocupações. (DIÁRIO DO NORDESTE 2019).

<sup>11</sup> INFORMALIDADE cresce 26, 66% em Fortaleza. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 2007. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/negocios/informalidade-cresce-26-66-em-fortaleza-1.405904>>. Acesso em: 2 dez. 2019.

Sobre o processo policêntrico de Fortaleza, analisamos, de acordo com Dantas (2009, p. 215 – 216), que traz a seguinte contribuição:

No caso de Fortaleza, tal processo terá início após os anos 1970, com a consolidação de uma infraestrutura de comércio e serviços nos bairros chamados nobres, principalmente através da construção de centros de compra acessíveis aos possuidores de carro (os shoppings são a expressão maior desse centro).

Assim, a antiga indústria Thomaz Pompeu Têxtil, foi comprada pela Prefeitura Municipal de Fortaleza, na gestão da ex-prefeita Luiziane Lins (PT). Logo, o poder público municipal passou a intervir na transformação deste espaço que, através de licitação, de acordo com dados da Prefeitura de Fortaleza, tem reforma iniciada em 7 de julho de 2009, e em 2010 passa a receber os permissionários para a ocupação dos boxes de vendas de produtos (SILVA, 2013; SANTOS, 2014).

Entretanto, é válido salientar que, apesar do Centro de Pequenos Negócios ter sua atual edificação na antiga fábrica do grupo Pompeu, o projeto inicial era de ser no local que atualmente funciona o “esqueleto da moda”. Segundo Santos (2014, p. 118): “Os permissionários fizeram protestos no prédio ao lado, o “esqueleto”, edificação que em um primeiro momento iria ser abrigar Beco”, mas que teve suas obras interrompidas, só sendo edificada a estrutura [...]”. Isto acabou por gerar um processo de territorialização fragmentada dos trabalhadores do antigo Beco da Poeira, visto que nem todos migraram para o novo local em que houve o investimento da Prefeitura de Fortaleza para a transferência. Em entrevista com os permissionários do novo Beco da Poeira, muitos afirmam que tem o box no novo lugar e também tem box no esqueleto da moda, que deveria ter sido o espaço de alocação de todos os trabalhadores do antigo beco.

Esse embate entre o poder público e os trabalhadores do Beco da Poeira pela permanência no seu local tradicional, como foi visto, resultou em uma fragmentação do território, na qual se constituíram três espaços que se consideram Beco da Poeira: o primeiro espaço, reconhecido pela prefeitura, é o Centro de Pequenos Negócios (localizado na antiga fábrica Tomaz Pompeu); o segundo, abriga trabalhadores que ocuparam o entorno da construção da estação do metrô; o terceiro, representa o grupo que ocupou o Esqueleto (SILVA, 2013, p. 106).

Dessa forma, a antiga estrutura da Thomaz Pompeu Têxtil foi reformada, requalificada e transformada no Novo Beco da Poeira. As obras foram motivadas e impulsionadas pelas obras da Copa do Mundo de 2014, para a criação da estação do Metrô de

Fortaleza na Praça José de Alencar (SANTOS, 2014), o que contribuiu para implantar o reordenamento e novas funcionalidades no espaço urbano do Centro da cidade.

[...] realocação dos feirantes do Beco da Poeira numa nova estrutura parece ter chegado a uma solução. Os permissionários serão definitivamente transferidos para o terreno da antiga fábrica têxtil Thomaz Pompeu, localizada a 100 metros da estrutura onde o comércio está hoje instalado. A informação foi dada ontem, pela prefeita Luizianne Lins, após reunião de 11 horas com o governador Cid Gomes e os respectivos secretários e assessores técnicos para estabelecer cooperações entre os projetos das duas administrações<sup>12</sup>.

Ainda sobre o projeto do novo Beco da Poeira e o processo de requalificação do Centro de Fortaleza, podemos ver de acordo matéria do Diário do Nordeste.

Segundo Luizianne Lins, o projeto do novo Beco da Poeira já estava todo traçado, mas havia algumas pendências que fugiam da atuação da administração municipal, como a questão envolvendo a verba da Associação dos Permissionários (Aprovace), que foi insuficiente para dar andamento às obras. “A gente apresentou algumas soluções para o governo do Estado e ele nos ajudou. Será um projeto interessante, que vai criar um centro popular substituindo o Beco da Poeira e atraindo atenção a atenção da população para o local. Nós deveremos ficar com o chamado ‘prédio do esqueleto’ para montar o restaurante popular. O governo do Estado, a nosso pedido, assume e mantém a estrutura do Lord Hotel, porque ia ser derrubado pelo Metrofor. Como é um patrimônio da cidade, um prédio da década de 50, será preservado e montado no local uma espécie de centro de prestação de serviços”, adiantou a prefeita<sup>13</sup>.

O Centro de Pequenos Negócios, também conhecido como Novo Beco da Poeira, funciona no antigo espaço da Thomaz Pompeu Têxtil e deu uma nova cara e dinamicidade para os trabalhadores do antigo Beco da Poeira, a partir do projeto de requalificação da Prefeitura de Fortaleza na gestão da ex-prefeita, Luiziane Lins, em parceria com o Governo do Estado, após longas negociações com os feirantes que foram transferidos do antigo para o novo espaço.

O processo de remoção não foi algo pacífico e rápido, pois houve resistência e manifestações por parte dos feirantes que não queriam ser realocados ou queriam ficar no prédio do esqueleto da moda, devido à proximidade do antigo Beco. Logo o Estado teve de se

---

<sup>12</sup> BECO da Poeira vai permanecer no Centro. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 2009. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/metro/beco-da-poeira-vai-permanecer-no-centro-1.675044>>. Acesso em: 2 dez. 2019.

<sup>13</sup> BECO da Poeira vai permanecer no Centro. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 2009. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/metro/beco-da-poeira-vai-permanecer-no-centro-1.675044>>. Acesso em: 2 dez. 2019.

utilizar da ação policial para garantir a transferência dos trabalhadores e o reordenamento urbano, como podemos ver em Silva (2013, p. 104), que traz a seguinte notícia:

No processo de remoção, ocorreram conflitos, mas o poder público cumpriu seu papel de ordenador do espaço. A retirada dos comerciantes do Beco da Poeira começou a ser feita exatamente no dia 11 de abril de 2010. O poder público municipal montou uma estrutura de policiamento com cerca de 200 homens do 5º e 6º batalhões da polícia militar, cavalaria, pelotão de motos e guardas municipais (O POVO, 11 de abril de 2010), para garantir a realização da transferência. No processo de remoção, ocorreram conflitos, mas o poder público cumpriu seu papel de ordenador do espaço. A retirada dos comerciantes do Beco da Poeira começou a ser feita exatamente no dia 11 de abril de 2010. O poder público municipal montou uma estrutura de policiamento com cerca de 200 homens do 5º e 6º batalhões da polícia militar, cavalaria, pelotão de motos e guardas municipais (O POVO, 11 de abril de 2010), para garantir a realização da transferência.

De acordo com moradora do Centro de Fortaleza, a atividade dos feirantes do Beco da Poeira iniciou na Praça Waldemar Falcão e na Praça dos Leões, posteriormente, ocuparam a Praça José de Alencar, depois, na mesma área entre as ruas Vinte e Quatro de Maio, Guilherme Rocha, Liberato Barroso e a Avenida Tristão Gonçalves. Em 1991, com o prefeito Juraci Magalhães, é criado o antigo espaço do “Beco”, o qual permaneceu neste lugar por 19 anos. Silva (2013) e Santos (2014) afirmam que seu funcionamento foi o grande símbolo do comércio de Confecção do Estado do Ceará, e seu espaço de influência no comércio de confecção se expandiu por diversas partes de Fortaleza, da Região Metropolitana, do Ceará, do Nordeste e do Brasil.

Todavia, seu funcionamento é anterior à década de 1990, com ações do poder público como forma de regulamentar e valorizar o Centro da Cidade, o qual remonta ao tempo em que a Praça José de Alencar funcionava como Terminal de ônibus (SILVA, 2013; SANTOS, 2014). Sobre isso podemos observar na Figura 6, quando a citada Praça funcionava um antigo modal na década 1980 para o transporte público.

Figura 6 – Terminal de Ônibus na Praça José de Alencar



Fonte Diário do Nordeste (2022). Adaptado pelo autor (2024).

Já na Figura 7, podemos observar a movimentação de pessoas, a presença de automóveis particulares e de transporte público no entorno do antigo Beco da Poeira.

Figura 7 – Antigo Beco da Poeira



Fonte Diário do Nordeste (2022). Adaptado pelo autor. (2024).

Na Figura 8, podemos observar um recorte de Jornal Diário do Nordeste de 1998, que apesar de ser um local de “nenhum requinte”, a manchete traz o destaque do sucesso do antigo Beco da Poeira entre Sacoleiras e consumidores atraídos pelo baixo preço

Figura 8 – Manchete do Jornal Diário do Nordeste sobre o antigo Beco da Poeira

Diário do Nordeste  
CIDADE  
Fortaleza, Ceará - Quinta-feira, 27 de agosto de 1998

Página 12

# Beco da Poeira é sucesso entre sacoleiros

## Sem nenhum requinte, lugar é opção para consumidores pelos baixos preços

Apesar do grande desconforto, o Centro Comercial de Pequenos Negócios, popularmente conhecido como "Beco da Poeira", continua sendo o ponto de encontro dos sacoleiros e também das pessoas que desejam andar na moda por um "prequinho" bem camarada. O terreno de cinco mil metros quadrados, que já agrega 1.760 permissionários, numa área individual de 1x1,5 metros, foi ampliado e brevemente deverá gerar mais emprego e novidades para os consumidores.

Vencido o preconceito, já que a fachada do Beco da Poeira não é nada apresentável para quem costuma andar pelos shopping-centers e lojas com ar-condicionado, frigobar e TV, é possível encontrar lá mercadorias de boa qualidade e preços bem inferiores aos dos locais mais requintados. O "clone" dos modelos de grifes famosas faz o maior sucesso entre as pessoas que procuram, economizando, andar nos ditames da moda. São tênis, sapatos, calças jeans, camisas e até lingerie.

Facilidade é outro fator importante para se fazer uma boa compra no Beco da Poeira. Os corredores são estreitos e não existe vestuário e ventilador por lá. Por outro lado, até hoje não foi registrado, sequer, um assalto. Durante o período de funcionamento, sete da manhã até 18 horas, seis seguranças garantem a tranquilidade dos consumidores. A doméstica Maria Clarinete Macedo, que desde 1993 frequenta o local, garante que nunca presenciou ou ficou sabendo de alguém que teria tido seus pertences roubados.

As vendas são melhores no período de férias, festas de fim de ano e quando chegam excursões de sacoleiros de outros estados", revela a comerciante Antônia Pontes. Seu box, número 636, atende exclusivamente ao público feminino. O artigo mais barato custa R\$ 3,00 (blusa de alcinha) e o mais caro R\$ 15,00 (blusa importada). Há oito anos atendendo no Beco da Poeira, Antônia confessa estar um pouco assustada com o movimento deste mês de agosto, que está terminando. Segundo ela, houve uma queda tremenda nas vendas.

No ramo de bijuterias a situação é diferente. A vendedora Suzana Maria do Nascimento, que trabalha há um ano no local, revelou que as vendas estão excelentes. Os seus produtos são direcionados para revendedores (não vende só unidade e, sim, a dúzia). Nos modelos das carteiros, principalmente, quase não se encontra diferença entre as mais conhecidas - a não ser pelo preço, bem mais baratas. Além disso, há presilha, colar, anel, cinto e tiara. O pacote com 12 unidades mais barato custa R\$ 2,80 (preendedor de cabelo). Há, enfim, uma ampla opção de variedades por preços bem mais em conta.

**Eleições**  
**Pleito definirá hoje diretoria do Diários**

As eleições da nova diretoria do Clube dos Diários, que acontecem hoje, prometem agitar as estruturas do primeiro clube social do Ceará. Fundado há 85 anos, o Diários atravessa uma de suas maiores crises financeiras. O pleito está sendo disputado por duas chapas. A Novos Diários, na situação, e S.O.S. Diários, da oposição. Entre as divergências, a principal diz respeito à transferência do clube da Beira-Mar para a Praia do Futuro. Com dívidas à União no ordem de R\$ 500 mil, o clube lida ainda com um índice de inadimplência de 90%.

Enquanto a "venda" do clube é a principal proposta da situação, é também o grande trunfo da oposição. Raimundo Oleudo, atual presidente executivo e candidato à presidência do Conselho Deliberativo, explica que depois de realizada uma licitação, a empresa Marquise fechou um acordo com o clube onde a construtora levantaria outra sede, no valor de R\$ 8,6 milhões, na Praia do Futuro, em troca do terreno da Beira-Mar. A Marquise cederia ainda alguns imóveis na Beira-Mar, no valor de R\$ 10,4 milhões. "Desta forma nós vamos quitar nossa dívidas e ainda aumentar o patrimônio do clube", avalia.

Segundo o titular da chapa S.O.S Diários, Anilton de Almeida, o processo de negociação com a empresa vencedora da licitação não foi transparente. A questão teria sido submetida a uma assembleia realizada logo depois da Semana Santa, em abril, com a participação de apenas 200 sócios. "Muitos dos votos foram depositados por advogados com procurações. E esse recurso foi criado pela atual presidência executiva sem que a mesma tenha competência para isso", acredita. Anilton, que já foi presidente do clube durante seis anos e hoje é presidente emérito da entidade, conta ainda que a assembleia de abril foi muito pouco divulgada e convida os sócios para votarem no rumo do clube.

As eleições ocorrem a partir das 20-00hs, na avenida Beira-Mar, 2121. Os sócios que tiverem em débito devem quitar a dívida para votar. A diretoria avisa que quem tiver com uma dívida superior a seis meses pagará somente um semestre para poder votar.



*Silvana Taneho*

O Beco da Poeira agrega 1.760 permissionários e atrai excursões de sacoleiros até de outros Estados

## Local está em processo de expansão

Construído na primeira gestão municipal do prefeito Juraci Magalhães, o Beco da Poeira recebeu o nome de Centro Comercial de Pequenos Negócios em 1991. Sete anos depois, registra 18 mil empregos diretos e 10 mil indiretos, com possibilidade desses números saltarem ainda mais com a liberação da venda de mais 260 boxes.

O diretor da Associação Profissional do Comércio de Vendedores Ambulantes e Trabalhadores Autônomos do Estado do Ceará, Vicente Furtado, explica que por conta das negociações do Metrofor as obras ficaram paralisadas por um bom tempo. Agora, falta apenas cobrir os boxes e aguardar a liberação do prefeito Juraci para a comercialização.

O investimento é bastante viável. Depois da pessoa interessada pagar os R\$ 1.829,00 pelo espaço, o único compromisso monetário que assumirá é de até R\$ 4,00 por mês. Isso garantirá, entre outras coisas, energia, água, segurança, limpeza e conservação do local. Outra regra a ser cumprida pelo permissionário é empregar duas pessoas em seu box.

Vicente Furtado informou, ainda, que a associação assume todo o prejuízo de roubo dentro do box, caso a pericia comprove o fato. Para tanto, a pessoa prejudicada precisa saber a relação de mercadorias que havia em seu poder. A área de confecção é a que representa maior lucratividade. A diferença de preços, chega a 40%.

Fonte: Diário do Nordeste (1998). Adaptado pelo autor (2019).

De acordo com Silva (2013, p. 98), "Em 1987, a então prefeita, Maria Luíza Fontenele, pondo em prática um programa de reforma do Centro, a operação 'Reconquistando o Coração da Cidade', retira as paradas de ônibus e os ambulantes da praça". Logo, foi um espaço bastante influente onde se localiza a Praça José de Alencar e nas áreas circunvizinhas, tendo sempre sua história ligada a ações do poder público, como podemos observar na Figura 9, a retirada dos antigos feirantes do local.

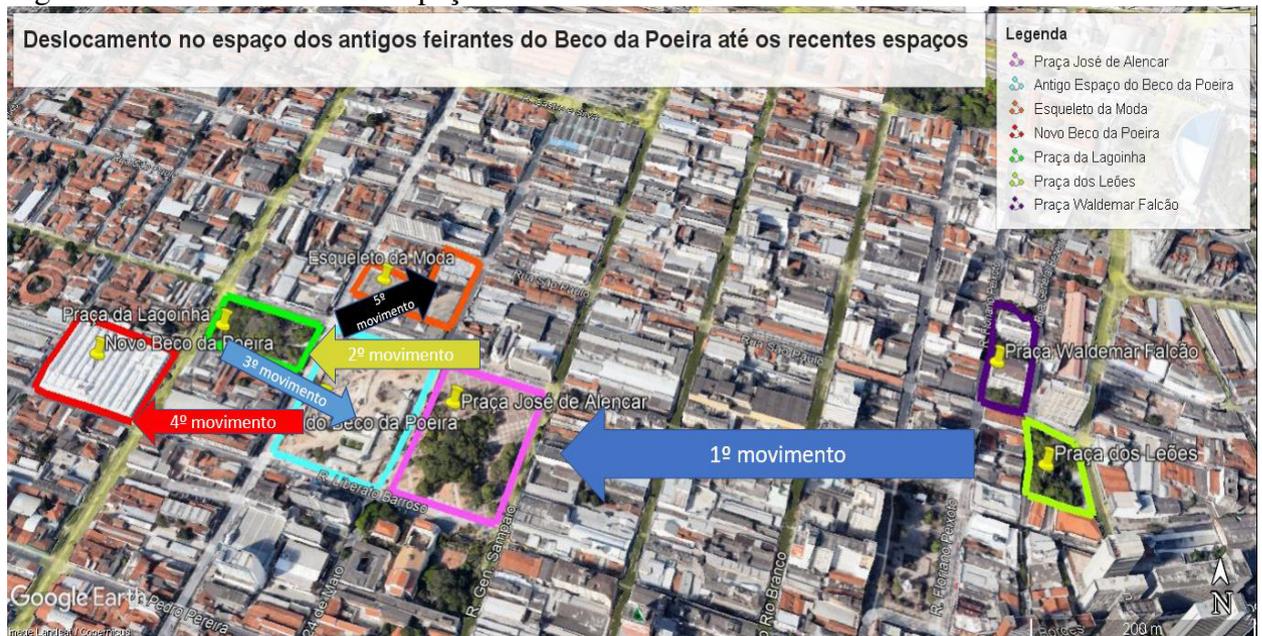
Figura 9 – Retirada dos Feirantes do Antigo Beco da Poeira em 1987



Fonte: Diário do Nordeste (2022). Adaptado pelo Autor (2024).

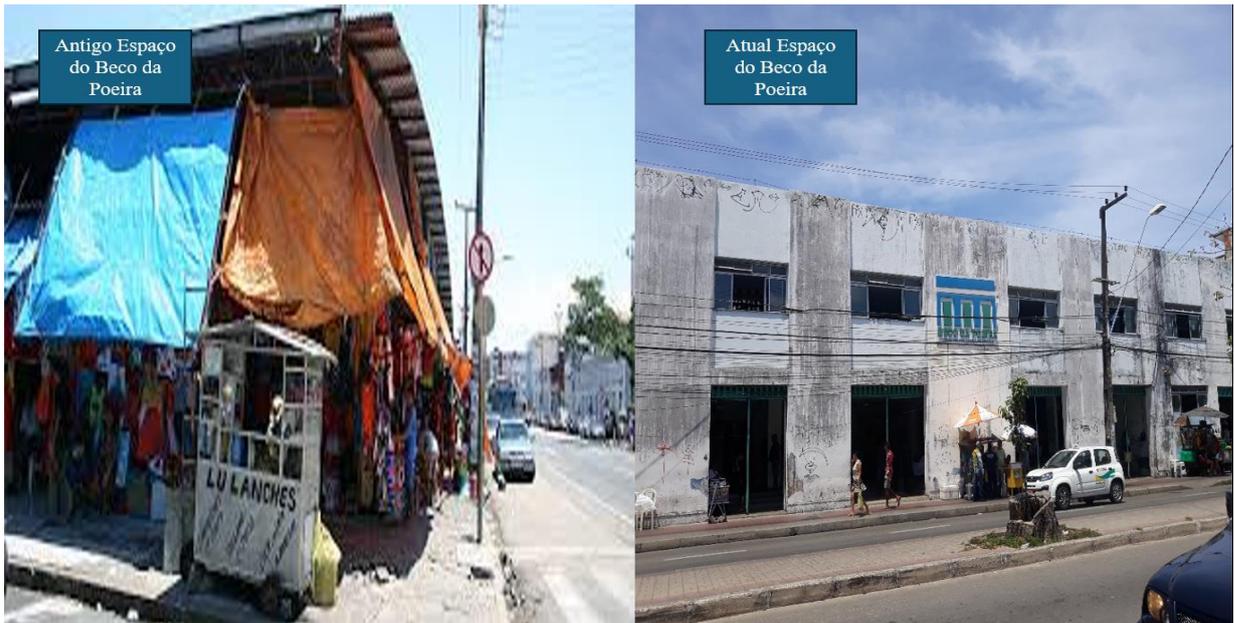
Outrossim, com a retirada dos antigos feirantes para o processo de requalificação da Praça Jose de Alencar, os ambulantes são realocados para Praça da Lagoinha. Todavia, os feirantes acabam por questionar o direito de retorno para o antigo espaço, o que ocorre ainda no final dos anos de 1980 Araújo (2011). Assim, conforme a Figura 10, podemos criar o seguinte esquema abaixo, que mostra a movimentação no espaço dos feirantes do Beco da Poeira de seu ponto inicial na Praça Waldemar Falcão até sua ramificação final, onde parte é deslocada para Fábrica Thomaz Pompeu Têxtil, outra parte acaba por reivindicar o uso do espaço que hoje é o “Esqueleto da Moda”, processo esse de deslocamento no espaço que Bezerra da Silva (2013) e Santos (2014) chamam de três becos, pois ocorre o desmembramento do antigo Beco da Poeira em CPNF e no Esqueleto da Moda, sendo dessa forma os três becos..

Figura 10 - Deslocamento no espaço dos feirantes do Beco da Poeira



Na Figura 11, fazemos a comparação do antigo espaço do Beco da Poeira ainda nos anos 2000, na Praça José de Alencar,

Figura 11 - Antigo e Recente espaço de funcionamento do Beco da Poeira



Fonte: Google Imagens (2019); Arquivo Pessoal (2019).

Já na Figura 12, trazemos a imagem de satélite do atual espaço físico do Novo Beco da Poeira, antiga Fábrica Thomaz Pompeu Têxtil e sua proximidade com o modal da Av. Imperador no Centro de Fortaleza.

Figura 12 – Espaço Físico do Novo Beco da Poeira

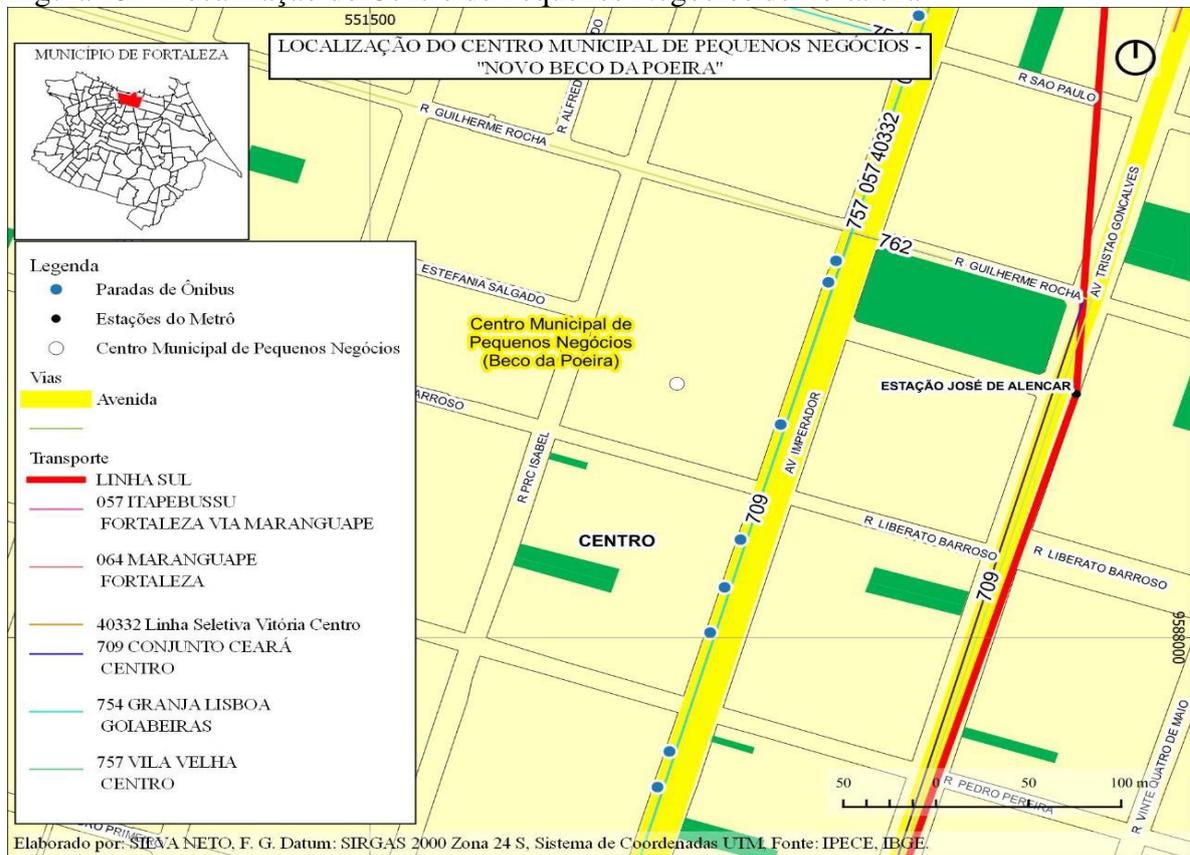


Fonte: Google Earth (2019). Adaptado pelo autor (2019).

Destarte, na Figura 13, trazemos o mapa de localização do atual espaço do Novo Beco da Poeira, destacando os modais próximos aos espaços, sendo estes ligados ao transporte público de Fortaleza e metropolitano, como também, sua localização no espaço é próximo à estação do Metrô de Fortaleza, na estação José de Alencar. Logo, podemos

perceber que se mantem sua característica do passado de proximidade de modais que permitam a circulação de pessoas bens e mercadorias.

Figura 13 – Localização do Centro de Pequenos Negócios de Fortaleza



Fonte: IBGE (2000). Adaptado pelo autor (2019).

O Novo Beco da Poeira deu nova funcionalidade e ressignificação à produção espacial do antigo local da Fábrica Progresso e melhores condições de trabalho para os feirantes transferidos para o novo lugar, trabalhadores estes que, devido ao processo contraditório que ocorre no capitalismo, buscam meios e formas de sobrevivência, meios que marcam os espaços da cidade a partir de sua (re)produção e forma de ocupação de atividades socioeconômicas, por exemplo, a luta pelo direito ao uso do espaço urbano pelo circuito inferior da economia urbana, que apesar de sua representação na paisagem urbana está ligado a desigualdade socioeconomia e o processo de exclusão da população não inserida nos moldes exigidos do modo de produção flexível, este circuito da teoria miltoniana no espaço urbano, funciona a grosso modo, como um “guarda-chuva protetor”, temporário ou permanente, ao desemprego, ao acesso a renda e ao consumo para aqueles que são excluídos aos moldes de vida padronizado do sistema capitalista.

A produção espacial realiza-se no cotidiano das pessoas e aparece como forma de ocupação e/ou utilização de determinado lugar num momento específico. Do ponto de vista do produtor de mercadorias, a cidade materializa-se enquanto condição geral da produção (distribuição, circulação e troca) e nesse sentido é o *locus* da produção (onde está é realizada). Assim entendida, a cidade é também o mercado (de matérias-primas, mercadorias e de força de trabalho); as atividades de apoio à produção (escritórios, agências bancárias, depósitos etc.). Todavia, como o processo é concentrado, a cidade deverá expressar essa concentração (CARLOS, 2018, p. 46).

Assim, como ocorreu no antigo “Beco”, o Novo Beco da Poeira foi construído através da ação do poder público municipal para regulamentação do espaço no Centro da cidade, tendo uma forma de produzir no espaço com nova roupagem para o funcionamento do circuito inferior da economia de Fortaleza, pois até então, o comércio ambulante era predominantemente em locais com pouca infraestrutura e insegurança. Como atualmente ainda é visível no espaço urbano a ocupação de áreas públicas de forma desordenada pelo comércio informal, como a Thomaz Pompeu Têxtil foi o primeiro Centro de Pequenos Negócios, a revitalização visa modificar essa visão e trazer a imagem de um novo local com maiores atrativos e infraestrutura.

#### **4.1 Beco da Poeira, sua reestruturação e nova requalificação no circuito inferior da economia**

Em sua nova área, o Centro de Pequenos Negócios tem como objetivo principal realocar os trabalhadores do antigo espaço para o novo, reorganizar o uso do solo urbano, promover a obra do Metrô de Fortaleza e requalificar o Centro de Fortaleza, com isso, dando uma nova função urbana à antiga Fábrica Thomaz Pompeu Têxtil, uma nova cara ao Beco da Poeira e ao trabalho de feirantes na cidade de Fortaleza.

O novo espaço do Beco da Poeira, baseado em observações do trabalho de campo, do projeto Trilhas Urbanas do LAPUR e de acordo Silva (2013) e Santos (2014), se torna um espaço mais atrativo, estruturado, organizado e com acessibilidade para portadores de deficiência. Também irá ampliar sua prestação de serviços que, apesar de ainda predominar a venda de roupas, jeans e modinha, também apresenta o comércio de celulares, relógios, miudezas, sacolas, embalagens, calçados, variedades, aparelhos eletrônicos, e também oferecendo à sua clientela, segurança, restaurante, lanchonete, salões de beleza e serviços de impressão. Além disso, também apresenta elementos do circuito superior, em conjunto e adaptado pelo do circuito inferior, tais como casa lotérica e caixa de Banco 24 horas, o que foi uma conquista da associação dos vendedores do Beco da Poeira, além do uso de máquinas de

cartão para a venda de produtos por parte dos permissionários, ponto este que facilitou a circulação financeira do capital.

Desse modo, na Figura 14, podemos ver, identificada pela letra “L”, uma placa de localização dos serviços prestados contendo informações sobre acessibilidade; salões de beleza indicados pela letra “M”, o corredor da Praça de Alimentação indicado pela letra “N” e uma Casa Lotérica, indicada pela letra “O”.

Figura 14 - Espaços do Novo Beco da Poeira



Fonte: Arquivo Pessoal (2019).

Além disto, em sua localização, ao lado da Av. Imperador, apresenta paradas de transportes públicos urbanos de Fortaleza e parte da região metropolitana, assim, realizando a revitalização da área em conexão com a malha urbana dos transportes públicos, fato este que deu grande contribuição para o Centro de Fortaleza se consolidar como espaço de forte venda de confecções, pois, além dos preços mais acessíveis, o transporte público ainda é o meio de locomoção predominante das populações dos bairros mais periféricos de Fortaleza, conforme Santos (2014, p. 116).

Sobre as linhas de ônibus da região metropolitana com paradas finais no Centro de Fortaleza, Santos (2014, p.116) afirma que:

[...] a grande quantidade de linhas interurbanas que terminam ou passam pelo centro e as linhas metropolitanas (15) que chegam de diversas cidades da RMF como: Cascavel, Pindoretama, Aquiraz, Eusébio, Chorozinho, Pacajus, Horizonte, Itaitinga, sendo responsável pelo transporte a Viação São Benedito, Caucaia (Vitória), São Gonçalo, Guaiúba, Pacatuba (Fretcar), Maranguape (Penha, São Paulo), Maracanaú (Via Metrô).

Isto é um forte fator que favorece o Centro como um bairro importante para a compra de confecções e circulação para população pobre de Fortaleza e RMF, pois disponibiliza linhas de ônibus para transportar essa população ao bairro e ajudar a movimentar o comércio do circuito inferior da economia na área central, como podemos observar na Figura 15.

Figura 15 - Parada de ônibus e Tropic em frente ao Beco da Poeira na Av. Imperador



Fonte: Arquivo Pessoal (2019).

Por outro lado, apesar da existência de pontos de transportes públicos ao lado da Avenida Imperador, inclusive, tendo faixa exclusiva para ônibus, algo que é fruto do processo de intervenção urbana no Centro da cidade para melhorar e acelerar o tempo de percurso do transporte público em Fortaleza, também existem reclamações, por parte dos feirantes, a respeito da falta de um local para o estacionamento, o que afasta os clientes do lugar. Em visita de campo ao local, observou-se que existem poucas vagas nos estacionamentos privados próximo ao estabelecimento, e pouco espaço para automóveis particulares, na Rua Princesa Isabel.

Para Antônia Lima, 35, que trabalha há mais de 15 anos vendendo confecções, as reformas eram necessárias. “Faltava ventiladores e a iluminação era ruim”, criticou. Muitos permissionários, no entanto, reclamam que o local continua sem estacionamento, o que afasta os clientes. O secretário da Regional do Centro

explicou que algumas desapropriações no entorno estão em andamento para a criação de espaços para os veículos<sup>14</sup>.

Ainda sobre a problemática da falta de estacionamento no Beco da Poeira, podemos analisar, de acordo com contribuições de permissionários obtidas com a aplicação de questionário feito durante o trabalho de campo: “Atrair mais clientes, pois perdemos muitos para a José Avelino, e estacionamento para sacoleiros, tem o lugar desde 2010, mas não acontece a desapropriação do prédio pela prefeitura que fica na Rua Princesa Isabel”<sup>15</sup>; “Estacionamento para sacoleiros, isto é fundamental como ocorre na Sé”<sup>16</sup>.

Outro ponto importante sobre o Novo Beco da Poeira é sua forma de divulgação através do avanço da tecnologia de informação, visto que o acesso ao telefone celular, à internet e às redes sociais se popularizou (MONTENEGRO, 2011; SILVA, 2013). Logo, o circuito inferior da economia, da mesma forma como ocorre no circuito superior, também utiliza desta ferramenta como meio de comunicação para divulgar seus produtos e seu espaço, através de páginas em redes sociais, como por exemplo, o Facebook e o Instagram, através do Projeto Digital Beco da Poeira que, além de divulgar os serviços e produtos do centro de negócios, também divulga momentos culturais em sua Praça de Alimentação:

A expansão do acesso ao telefone celular no país nos últimos anos confirma o fato de que “uma das características marcantes do sistema atual, comparado com os anteriores, é a rapidez de sua difusão” (SANTOS, 1996a, p.178). As novas tecnologias de comunicação e informação abrangem, hoje, de fato, muito mais gente e colonizam muito mais áreas e esferas da vida (MONTENEGRO, 2011, p. 51).

Este fato foi analisado em trabalho de campo e perguntado em questionário sobre avaliação a respeito do que os permissionários sabiam do projeto, pois atualmente, o marketing não é algo exclusivo do circuito superior, pois também foi adaptado e ocorre também com os vendedores ambulantes, seja do comércio de roupas, como da Praça de Alimentação; os de aparelhos eletrônicos e salões de beleza que fazem a divulgação de seus produtos e prestação de serviços utilizando o tradicional cartão, o qual contém o contato do telefone, a rede social e o número de WhatsApp.

---

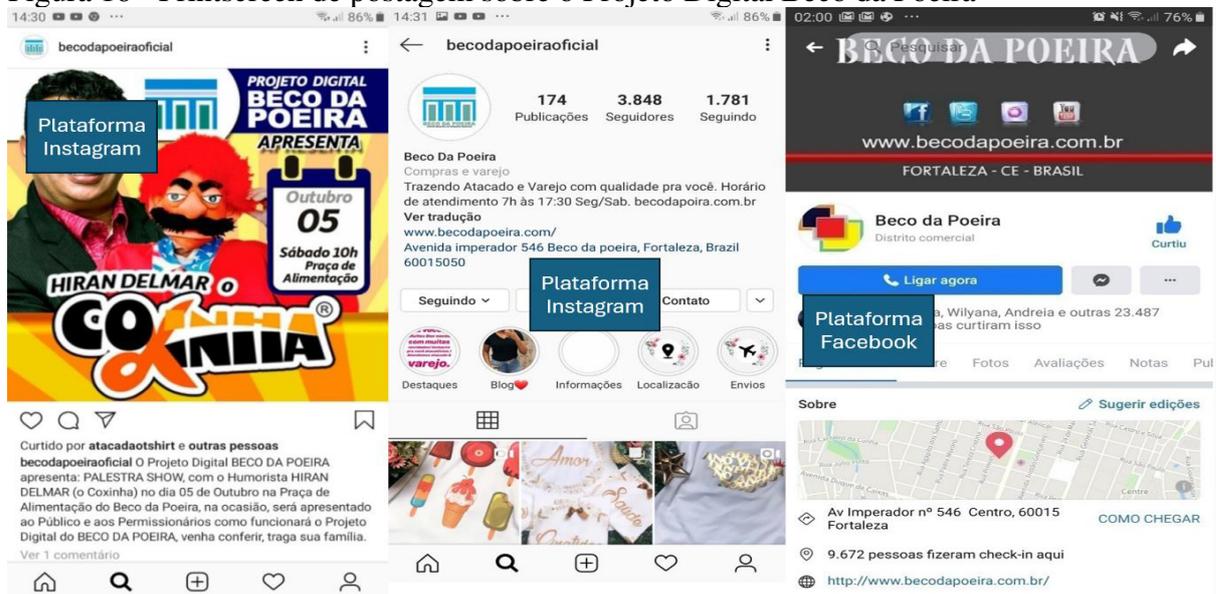
<sup>14</sup> CAVALCANTE, I. Reforma do Beco da Poeira é concluída. **O Povo online**, Fortaleza, 2015. Disponível em: <<https://www20.opovo.com.br/app/opovo/cotidiano/2015/12/15/noticiasjornalcotidiano,3549298/reforma-do-beco-da-poeira-e-concluida.shtml>>. Acesso em: 2 dez. 2019.

<sup>15</sup> (Informação verbal) Entrevista concedida por Maria. Entrevista. [nov.2019]. Entrevistador: Emanuelton Antony Noberto de Queiroz. 2019 Questionário 3.

<sup>16</sup> (Informação verbal) Entrevista concedida por Emanuel. Entrevista. [nov.2019]. Entrevistador: Emanuelton Antony Noberto de Queiroz. 2019 Questionário 6.

Entretanto, apesar da existência do projeto e de suas redes sociais, através da aplicação de questionário em pesquisa de campo, constatou-se que muitos permissionários conheceram o projeto através da direção do Beco da Poeira, porém ainda não foi utilizado por todos e, baseado nas respostas dos trabalhadores do Beco, nem todos têm condições de aderir, e também não tem alguém que fique à frente do projeto que, apesar da melhora na estrutura, falta uma maior divulgação do espaço, como apresentado na Figura 16, o perfil oficial do Novo Beco da Poeira no ciberespaço, através das Plataformas Instagram e Facebook.

Figura 16 - Printscreen de postagem sobre o Projeto Digital Beco da Poeira



Fonte: Perfil Oficial do Novo Beco da Poeira no Instagram (2019); Perfil Oficial do Novo Beco da Poeira no Facebook (2019); Adaptado pelo Autor (2019).

Sobre a concorrência com o comércio e as prestações de serviços ao seu redor, a nova estrutura ajudou na concorrência com os shoppings populares construídos no Centro da cidade e, até mesmo com os vendedores ambulantes que ainda usam os espaços das ruas, ou de outros centros de comerciantes de confecção realocados também pelas políticas de reordenamento urbano, como por exemplo, o Buraco da Gia, Centro Fashion, e o Esqueleto da Moda, sendo que este último possui vendedores do antigo “Beco”.

Assim, o novo espaço oferece acessibilidade, divulgação, comodidade, estrutura, segurança e preços populares para o consumidor local e para turistas que frequentam o Centro de Pequenos Negócios.

A Nova estrutura garantirá mais segurança e conforto e infraestrutura para quem compra e vende. Essas são algumas vantagens do Centro de Pequenos Negócios e Vendedores Ambulantes, projeto do novo Beco da Poeira, que será conhecido por todos os permissionários hoje, quinta-feira (16), e amanhã, sexta-feira, em reuniões para grupos de 150 comerciantes, das 8h às 20 horas, no auditório do Metrofor (Rua

24 de maio, 60). O objetivo é mostrar a proposta arquitetônica da reforma da antiga fábrica Thomaz Pompeu (Avenida Imperador com Liberato Barroso), para onde os vendedores serão transferidos a partir de agosto, e ouvir sugestões para a nova estrutura. O prédio onde os feirantes atualmente trabalham será demolido para dar lugar à estação Lagoinha, a principal do Metrofor. Município e governo do Estado trabalham juntos no projeto, para que a transferência do Beco da Poeira para o Centro de Pequenos Negócios e Vendedores Ambulantes, nome que será dado ao local, traga vantagens para os permissionários. A transferência só será feita após a conclusão da obra e, assim, ninguém vai parar de trabalhar. Além disso, o novo local vai trazer benefícios como um ambiente dentro das normas de segurança, com caixas eletrônicos, banheiros, espaço para descarga de mercadorias, entre outras vantagens, explica a titular da Secretaria Executiva Regional do Centro de Fortaleza (Sercefor), Luiza Perdigão.<sup>17</sup>

A seguinte matéria expõe uma nova reforma no Centro de Pequenos Negócios, também promovida pelo poder público durante a gestão do prefeito Roberto Claudio (PDT), a qual também realizou melhorias estruturais, colocando o Novo Beco da Poeira na rota do turismo em Fortaleza.

Com sistema de som, rampas de acessibilidade, elevadores e câmeras de segurança, a Prefeitura de Fortaleza concluiu ontem as obras de reforma do Centro de Pequenos Negócios, conhecido como Beco da Poeira. A intervenção foi a primeira desde que os permissionários foram transferidos da praça José de Alencar para o equipamento, na avenida Imperador. A reforma, orçada em R\$ 1,2 milhão, foi iniciada em agosto do ano passado e tinha previsão de entrega para o início deste ano. Segundo o secretário da Regional do Centro, Ricardo Sales, a Prefeitura teve dificuldade em dar velocidade ao projeto. “É natural (o atraso)”, disse. O Beco da Poeira ganhou nova cobertura, pintura interna e externa, ampliação da praça de alimentação e novo revestimento cerâmico. De acordo com o prefeito Roberto Cláudio, a intenção é transformar o espaço em um centro de referência do comércio e da produção local para atrair turistas. “Já incluímos dentro da rota turística de Fortaleza como um elemento de comércio informal e estamos divulgando como um dos pontos importantes de visita”<sup>18</sup>.

#### Ainda sobre a reforma no Centro de Pequenos Negócios:

Considerado o maior centro comercial popular de Fortaleza, o Beco da Poeira reformado será inaugurado às 9 horas desta segunda-feira (14). Com investimento de R\$ 1,2 milhão a reforma representa a primeira grande intervenção feita no local desde sua inauguração, em 2010, quando os feirantes da Praça José de Alencar foram transferidos para o prédio na Avenida do Imperador. O Beco da Poeira recebe cerca de 10 mil consumidores/dia nesta época do ano. De acordo com a Prefeitura de Fortaleza, a reforma consistiu na recuperação de toda a cobertura (novas telhas, calhas impermeabilizadas e aeradores eólicos), pintura interna e da fachada, manutenção do elevador, ampliação da praça de alimentação e novo revestimento cerâmico do espaço, revisão completa dos sistemas elétrico e hidráulico, instalação de ventiladores, novos bebedouros e sistema de som, além de uma nova sinalização, rampas de acessibilidade e câmeras de segurança. Também

<sup>17</sup> PROJETO do novo Beco da Poeira será apresentado a todos os permissionários. **Centro de Fortaleza**, Fortaleza, [200?]. Disponível em: <[http://www.centrodefortaleza.com.br/Paginas/Destaques.php?titulo\\_resumo=Projeto+do+novo+Beco+da+Poeira](http://www.centrodefortaleza.com.br/Paginas/Destaques.php?titulo_resumo=Projeto+do+novo+Beco+da+Poeira)>. Acesso em: 2 dez. 2019.

<sup>18</sup> CAVALCANTE, I. Reforma do Beco da Poeira é concluída. **O Povo online**, Fortaleza, 2015. Disponível em: <<https://www20.opovo.com.br/app/opovo/cotidiano/2015/12/15/noticiasjornalcotidiano,3549298/reforma-do-beco-da-poeira-e-concluida.shtml>>. Acesso em: 2 dez. 2019.

foram feitas melhorias nos banheiros, que receberam bancadas e divisórias de granito, espelhos e sanitários para deficientes físicos. O secretário da Regional Centro, Ricardo Sales, reforça a necessidade de ter um local acessível a pessoas com mobilidade reduzida e que acolha os permissionários e usuários de forma digna. "Também queremos incluir o Beco da Poeira no roteiro turístico da capital, assim como é o Mercado Central, pois sabemos da importância desse equipamento não apenas para fortalezenses, como para pessoas de outras cidades"<sup>19</sup>.

Consequentemente, trouxe melhores condições para receber os frequentadores no cotidiano do Centro de Pequenos Negócios, pois o antigo espaço em que se localizavam os feirantes não tinha a mesma estrutura de recebimento e diversificação da prestação de serviço do novo espaço para os consumidores que frequentam o lugar em sua nova área, logo, este novo elemento espacial que se configura na paisagem urbana, contribuiu para diminuir estigmas que existiam a respeito do seu antigo local.

Dessa forma, essa renovação contribuiu para retirar a visão negativa que se tinha do antigo Beco da Poeira, como é visto na contribuição de Araújo (2011, p. 30), em trabalho feito sobre os atores sociais que vivenciaram este importante centro de comércio informal da cidade e sua análise sobre a visão de repulsa do antigo lugar de funcionamento:

O beco da Poeira, nessa época, não era bem visto. Ninguém de lá era bem-vindo. Casa de homens e mulheres marginais, dos botecos 24 horas idem e dos cabarés idem ibidem, o Beco era mais um dos terrenos do Centro que, apesar de habitado, inventavam de chamar baldios [...].

Assim, pode-se constatar, a respeito das mudanças, que a requalificação e produção do espaço no Centro de Fortaleza, a partir do Novo Beco da Poeira, além de revitalizar um antigo espaço sem funcionalidade, a partir de sua metamorfose espacial, junto aos interesses do poder público, ofereceu um local mais estruturado e atrativo no Centro de Fortaleza de suma importância econômica para seus trabalhadores.

#### **4.1.1 O novo espaço do Beco da Poeira de acordo com a visão dos permissionários**

O novo Beco da Poeira, ao adentrar em seu espaço, ofereceu uma estrutura que outrora não se tinha, além de comodidade, organização do espaço, segurança, estrutura e acessibilidade aos seus clientes e também para seus permissionários, o que trouxe, por muito

---

<sup>19</sup> PREFEITURA entrega reforma do Beco da Poeira nesta segunda-feira no CE. **G1**, Fortaleza, 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ceara/noticia/2015/12/prefeitura-entrega-reforma-do-beco-da-poeira-nesta-segunda-feira-no-ce.html>>. Acesso em: 2 dez. 2019.

tempo, uma visão negativa sobre o Beco da Poeira, coisa que, no momento atual, mudou drasticamente com seu novo prédio.

Entretanto, o Novo Beco da Poeira divide muito a opinião dos seus permissionários, algo que foi comprovado em trabalho de campo, após a análise dos questionários aplicados. Houve diferentes observações sobre o atual lugar, análises positivas e negativas, que ajudaram a entender um pouco mais sobre o assunto, através da fala dos atores sociais que vivem o Beco da Poeira em seu dia a dia e aqueles que estão desde o antigo Beco.

Apesar da imensa melhora em sua estrutura, através da ação do poder público, os permissionários ainda reivindicam melhorias estruturais, maior divulgação, o estacionamento e sempre fazendo alusão ao antigo Beco como local de mais vendas.

Apesar da presença e do reconhecimento da Prefeitura de Fortaleza em relação ao Beco da Poeira como sendo um centro de pequenos negócios, inclusive, levando ao Beco e seus permissionários a estabelecerem parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE, parceria esta que foi uma reivindicação da associação dos vendedores junto ao Poder Público Municipal e que é administrado pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico do Município – SDE, a qual ajuda a qualificar e organizar seus permissionários e leva-los a estabelecer uma visão empreendedora.

Entretanto, de acordo os permissionários, ainda há muito a ser melhorado no novo espaço e, principalmente, para que este possa voltar ser o Beco que era antes na questão das vendas, como podemos analisar nas contribuições dos trabalhadores do lugar: “Hoje não dá para manter, precisa também da renda da minha esposa, poucos sobrevivem só com o Beco, é diferente de antes, na época existia pouca oferta e muita procura e hoje tem muita oferta e pouca procura [...]”<sup>20</sup>. Ainda sobre a visão do atual Beco por seus vendedores, temos a seguinte contribuição: “Atualmente tá muito fraco, graças a Deus sou aposentado, mas tem dia que, em novembro, não vendo uma peça, coisa que antes não se tinha”.<sup>21</sup>

Assim, dentre os principais motivos que os permissionários aludem à queda das vendas no Novo Beco da Poeira, está: a localização, a falta de maior apoio da Prefeitura de Fortaleza, o marketing, a concorrência e o principal: o estacionamento para receber os sacoleiros.

---

<sup>20</sup> (Informação verbal) Entrevista concedida por Ari. Entrevista. [nov.2019]. Entrevistador: Emanuelton Antony Noberto de Queiroz. 2019 Questionário 4.

<sup>21</sup> (Informação verbal) Entrevista concedida por Emanuel. Entrevista. [nov.2019]. Entrevistador: Emanuelton Antony Noberto de Queiroz. 2019 Questionário 6.

Sobre a questão da concorrência com outros centros ambulantes de Fortaleza, podemos compreender, de acordo com fala de um permissionário: “caiu muito, devido à grande concorrência, os outros oferecem estacionamento, banho, alimentação para os motoristas, isto faz eles levarem os sacoleiros para José Avelino, Sé e Centro Fashion”<sup>22</sup>. Outra reclamação por parte dos atuais permissionários, é a atuação dos “Quenguelas”<sup>23</sup> no espaço físico do Novo Beco da Poeira.

Desta forma, podemos analisar, a partir daqueles que fazem o Beco da Poeira, que existe um sentimento sobre este ser um lugar que fornece possibilidades, que é a fonte de renda, mas ao mesmo tempo um mister de saudosismo do antigo Beco, por ter sido o grande lugar do comércio informal de Fortaleza, que atualmente se tem toda uma estrutura, mas que diminuiu seu fluxo financeiro em comparação com o que tinha, porém não deixa de ser um lugar de importante circulação do capital no circuito inferior da economia. Este circuito, a partir do Beco, começou sua expansão por Fortaleza, logo, seu novo espaço continuará sendo um importante centro de consumo para a população de menor poder aquisitivo, e de oportunidade de emprego para os que estão excluídos do setor formal da economia.

#### **4.1.1.1 O Beco da Poeira e sua importância para o Circuito Inferior da economia**

No processo desigual da produção e ocupação do espaço do mundo capitalista, em especial nos países subdesenvolvidos industrializados, os quais nem todos têm acesso a consumir produtos de alto valor aquisitivo e nem todos da população economicamente ativa estão em postos de empregos formais, encontrando no comércio ambulante uma forma alternativa de consumo e trabalho.

Este setor da economia é bem dinâmico e presente nos grandes centros urbanos do Brasil, como também em outros países que apresentam urbanização e industrialização tardia e desigual, o qual alcançou diferentes formas de prestações de serviços e trabalho, gerando, assim, um sistema que vem se diversificando e se adequando cada vez mais ao processo capitalista atual que, de acordo Santos (2018, p. 201), se compara a definição de circuito inferior a formula de Lavoisier: “Nada se perde, nada se cria, tudo se transforma”. Isto é bem visível no Beco da Poeira, visto que, de acordo as visitas de campo e com a literatura

---

<sup>22</sup> (Informação verbal) Entrevista concedida por Emanuel. Entrevista. [nov.2019]. Entrevistador: Emanuelton Antony Noberto de Queiroz. 2019 Questionário 6.

<sup>23</sup> Linguagem usada pelos permissionários do Novo Beco da Poeira, o/a Quenguela, fazem a comparação a “Quenga”, que no Nordeste do Brasil também faz menção a prostituta, meretriz e Rameira. Para pessoa que não trabalha no CPNF, normalmente relacionado a vendedor ambulante de rua, que atua no espaço físico do Novo Beco da Poeira como atravessador de vendas de forma concorrente aos permissionários do local.

consultada, este é um lugar onde predomina a venda de confecção, onde se tem de tudo. Seu dinamismo vai do vestuário à alimentação, das miudezas à tecnologia, e também presta serviços de consertos de roupas, salões de beleza, impressões e eletrônicos, como também, atualmente, presta serviços do circuito superior com a presença de uma lotérica e caixa 24 horas. Logo, é um espaço onde se tem de tudo um pouco, que engloba diversos serviços. Dessa forma, Santos (2018, p. 201), ao tentar denominar o conceito do circuito inferior, afirma o seguinte:

[...] Na realidade, trata-se mais de um conceito que de uma denominação; o circuito inferior é o resultado de uma situação dinâmica e engloba atividades de transformação como o artesanato e as formas pré-modernas de fabricação, caracterizadas por traços comuns que vão além de suas definições específicas e que tem têm uma filiação comum.

Tal setor da economia ligado ao comércio ambulante de feirantes, não é algo recente, pois na Idade Média, na Europa onde o capitalismo ainda não fora desenvolvido, desigual como atualmente, conforme alerta Dantas (2012), se tem registros históricos de feiras medievais que, mais a frente, se transformaram em cidades e que contribuíram para o surgimento da burguesia em sua fase inicial. Essas feiras foram se desenvolvendo, ao longo do período renascentista, principalmente a partir dos “vazios nas redes vulgares de abastecimento” na Europa (DANTAS, 2012, p. 17), com o surgimento e expansão da indústria pelos continentes, trazendo, assim, crescimento migratório e o aprofundamento da desigualdade social em diferentes localidades do planeta. Foi-se desenvolvendo os circuitos superiores e inferiores da economia nesse contexto.

Ocorreram assim, territorializações do espaço de forma desigual e também o crescimento cada vez maior da informalidade, e a presença de feirantes nos diversos centros urbanos das cidades, em especial nos países subdesenvolvidos, como forma de sobrevivência, fazendo com que o circuito inferior cada vez mais cresça e se desenvolva como válvula de escape, para o consumo, para procurar prestações de serviços mais acessíveis e gerações de empregos informais.

Cerca de 61% das pessoas que compõem a força de trabalho no mundo atuam de maneira informal. É o que aponta um relatório divulgado nesta quarta-feira (13) pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), com dados de 2018. Segundo a pesquisa, o número de pessoas trabalhando na economia informal é de cerca de 2 bilhões de pessoas. O levantamento mostra ainda que, entre as pessoas que estão trabalhando, mais da metade (52%) são assalariadas, enquanto 34% atuam por conta própria. Outros 11% ajudam em trabalhos familiares, e apenas 3% estão na categoria “empregadores”. Nessa divisão por categorias, as pessoas que atuam por conta própria se destacam no mercado da informalidade. Entre elas, **85% estão no**

**mercado de trabalho considerado “informal”.** Já entre os assalariados, são cerca de 40%<sup>24</sup>.

A reportagem cujo trecho é apresentado acima, ainda reitera, no caso específico do Brasil, sobre o fenômeno da informalidade:

[...] em 2018, a soma de pessoas trabalhando por conta própria ou no mercado informal seguiu acima da quantidade de empregados com carteira assinada, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Ao final do ano passado, o Brasil tinha 33 milhões de pessoas trabalhando com carteira assinada (sem considerar empregados domésticos). Outras 11,5 milhões estavam atuando sem carteira, e outras 23,8 milhões, por conta própria<sup>25</sup>.

Já sobre o caso da informalidade no Ceará:

Seis em cada dez trabalhadores cearenses estão na informalidade atualmente. A maior parte deles está na Região Metropolitana de Fortaleza (RMF). "É um percentual muito elevado, mais da metade da força de trabalho. De maneira geral tem sido um período de expansão", reforça Erle Mesquita, coordenador de Estudos e Análise de Mercado do Instituto de Desenvolvimento do Trabalho (IDT). De acordo com ele, apenas 14% dos autônomos têm algum tipo de seguridade social. "A situação é ainda pior no Interior do Estado, isso é mais expressivo", afirma Mesquita. O coordenador do IDT também informa que a composição dos trabalhadores informais é formada por assalariados sem carteira assinada, cerca de 23,5% dos ocupados, totalizando 802 mil pessoas. Os dados fazem parte da PNAD Contínua do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de dezembro de 2016. Já os trabalhadores por conta própria, segundo Mesquita, são 25,1% de toda a força de trabalho e representam cerca de 857 mil pessoas no Ceará. "São os vendedores da orla de Fortaleza, pedreiros, serventes, entre outros". Os dados também constataam que os empregados domésticos sem carteira assinada são mais de 550 mil no Estado, ou 16,2% da força de trabalho, de acordo com Erle Mesquita. Conforme ele, a maioria desses trabalhadores são homens, acima de 40 anos. "Nessa faixa de idade fica mais difícil a contratação formal. Mais da metade são homens. O emprego tradicional fica para os mais jovens", confirma o coordenador<sup>26</sup>.

Dessa forma, ocorre que, em Fortaleza existe um processo desigual de consumo e trabalho, ocasionando a procura e o consumo de produtos ligados a ambulantes e feirantes, principalmente da população de menor renda, e também muitas famílias que não foram

<sup>24</sup> TREVIZAN, K. Mais de 60% dos trabalhadores estão no mercado informal, diz OIT. **G1**, 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/2019/02/13/mais-de-60-dos-trabalhadores-estao-no-mercado-informal-diz-oit.ghtml>>. Acesso em: 2 dez. 2019.

<sup>25</sup> TREVIZAN, K. Mais de 60% dos trabalhadores estão no mercado informal, diz OIT. **G1**, 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/2019/02/13/mais-de-60-dos-trabalhadores-estao-no-mercado-informal-diz-oit.ghtml>>. Acesso em: 2 dez. 2019.

<sup>26</sup> NASCIMENTO, H. R. do. 6 em cada 10 trabalhadores do Ceará estão na informalidade. Diário do Nordeste, Fortaleza, 2017. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/negocios/6-em-cada-10-trabalhadores-do-ceara-estao-na-informalidade-1.1744137>>. Acesso em: 2 dez. 2019.

incluídas em postos de trabalhos formais acabam encontrando no circuito inferior da economia uma forma de sobrevivência e fonte de renda. “O circuito inferior constitui também uma estrutura de abrigo para os cidadãos, antigos ou novos, desprovidos de capital e de qualificação profissional. Esses encontram bem rápido uma ocupação, mesmo que seja insignificante ou aleatória” (SANTOS, 2018, p. 202). Ainda sobre a formação do circuito inferior, de acordo com Santos (2018, p. 197):

As condições de evolução da economia moderna e o enorme peso de uma população urbana com baixo nível de vida, que não para de aumentar com a chegada maciça de migrantes vindos do campo, acarretam a existência, ao lado do circuito moderno, de um circuito econômico não moderno, que compreende a pequena produção manufatureira, frequentemente artesanal, o pequeno comércio de uma multiplicidade de serviços de toda espécie. As unidades de produção e de comércio, de dimensões reduzidas, trabalham com pequenas quantidades.

De acordo com os dados coletados durante o trabalho de campo realizado no Centro de Fortaleza, moradores e frequentadores do Centro de Fortaleza afirmam que frequentam o Beco da Poeira, pois encontram preços mais acessíveis, variedade de produtos e serviços, a melhora da estrutura e a facilidade das vendas com uso de máquinas de cartão, caixa 24 horas e casa lotérica. Logo, sobre o consumo no comércio ambulante pelas populações de menor poder aquisitivo Dantas (2012, p. 70) afirma que:

O comércio ambulante juntamente com o crediário, ao atuarem como forma viabilizadora do consumo, atendem ao “grande sonho” das classes de menor poder aquisitivo, as quais espelhando-se na classe média a personificadora do ideal da realização via consumo, anseiam em tornarem-se consumidores. Devido ao baixo poder aquisitivo da maioria daqueles que passam a usufruir o espaço do Centro, tal anseio somente será atingindo através do comércio ambulante, o qual lhes dará possibilidade de inserção na sociedade de consumo, devido aos preços baixos dos produtos vendidos. [...] atendendo aos anseios consumistas de seus clientes, os quais não poderiam dispor destes lançamentos devido ao alto preço.

Como também é uma oportunidade para os consumidores de menor poder aquisitivo obterem produtos que se tem maior divulgação através da questão cultural e dos esportes, haja vista, novelas, seriados, futebol e animes, seja nacional ou internacionais. Mais do que apenas entreter os telespectadores, muitos brasileiros usam referências da mídia sobre o que vestir, o corte de cabelo e o que consumir, usam camisetas de grandes astros do futebol ou do time do coração e, muitas vezes, não conseguem usufruir de produtos de alto valor em grandes shoppings, recorrendo a locais como o Beco da Poeira, o Esqueleto da Moda, a Feira da Sé e a Feira da José Avelino para usufruir desta moda que observa na mídia. Assim, dentro

da sociedade do consumo na qual vivemos, o circuito inferior da economia consegue oportunizar a população de baixa renda a também consumirem produtos que estão na moda cultural.

Sobre a questão cultural e os produtos vendidos no Beco da Poeira, podemos analisar, segundo Araújo (2011, p.14):

Exemplo da capacidade de apropriação da cultura dominante, a moda do Beco consiste basicamente na transformação do que é consumido nas telenovelas e criações exclusivas das pequenas redes de confecção, baseadas em modelos “de marca”. Acessórios, roupas, couros, tendências, tudo é absorvido, reinventado e repassado ao freguês, que, muitas vezes, já vai ao beco em busca desta moda previamente conferida na TV e nos grandes shoppings.

Logo, o Beco da Poeira, além de ser um lugar de oportunidade de consumo para população de renda mais baixa, também é um lugar de oportunidade de trabalho e fonte de renda, apesar de muitos permissionários reclamarem que da diminuição consideravelmente das vendas. Sobre ser um espaço de oportunidade, podemos entender, de acordo com a contribuição de um permissionário que: “Um lugar de muitas oportunidades de trabalho, em cima e embaixo, fiquei desempregada há dois meses, vim aqui e consegui, principalmente se tiver experiência e tem aulas para quem não tem experiência”<sup>27</sup>. Sobre as possibilidades em meio à crise econômica do país e a geração de emprego, podemos compreender, segundo contribuição de permissionária que: “uma possibilidade para muita gente, apesar da condição do país, mas dá oportunidade para muita gente, se fosse privado seria mais caro, mas teria que ter um marketing pesado”<sup>28</sup>. No que se refere a importância do Beco da Poeira para seus permissionários, uma permissionária afirma que: “É a fonte de renda de minha família, nossa família depende muito do Beco, mas pretendo terminar o curso de Designer de Moda, que também tem relação com a aqui e a expansão da moda em Fortaleza”<sup>29</sup>.

A expansão do circuito inferior é bem representativa em Fortaleza, a exemplo no Centro da cidade, com o Novo Beco da Poeira, também temos o Esqueleto da Moda, a feira da José Avelino, os feirantes no entorno da Igreja da Sé, na Praça José de Alencar, na Praça

---

<sup>27</sup> (Informação verbal) Entrevista concedida por Crislaine. Entrevista. [nov.2019]. Entrevistador: Emanuelton Antony Noberto de Queiroz. 2019 Questionário 11.

<sup>28</sup> (Informação verbal) Entrevista concedida por Maria. Entrevista. [nov.2019]. Entrevistador: Emanuelton Antony Noberto de Queiroz. 2019 Questionário 3.

<sup>29</sup> (Informação verbal) Entrevista concedida por Ana. Entrevista. [nov.2019]. Entrevistador: Emanuelton Antony Noberto de Queiroz. 2019 Questionário 5.

da Lagoinha, na Praça do Coração de Jesus e em diferentes pontos espalhados pelas ruas de Fortaleza, os quais dividem o espaço com o circuito superior.

Apesar da grande diversidade de locais em Fortaleza onde podemos encontrar o comércio ambulante, o Beco da Poeira, por muito tempo o único local e mais importante centro de comércio popular e varejista de Fortaleza, a partir de seu funcionamento, começou a se desenvolver com mais amplitude o circuito inferior da economia em Fortaleza. Sua área de influência acaba atraindo municípios da região metropolitana de Fortaleza, do interior do Estado, de outros estados brasileiros e até de outros países, conforme afirma Silva (2013).

De acordo com as respostas dos permissionários, além da capital Fortaleza, eles citam os seguintes municípios da Região Metropolitana: Caucaia, Maranguape, Maracanaú e Eusébio, no interior do Estado; mencionaram também Crateús, Quixeramobim, Morada Nova, Sobral, Novo Horizonte e, quanto a outros países, citaram Angola, China, Colômbia, França, Japão, Síria, Venezuela e Árabes.

Sua grande área de influência no espaço, para além de Fortaleza, se deve a sua longa história no comércio ambulante no Centro de Fortaleza e a própria transformação deste bairro em “Centro da Periferia” (DANTAS, 2009), haja vista a transformação do Centro em bairro comercial e de consumo, contribuiu para o aumento de circulação de pessoas nesta área da cidade. Isso movimentou o comércio formal e informal, atraindo consumidores locais e os chamados sacoleiros, que vem de outras localidades comprarem em Fortaleza para revender em seu lugar de origem, o que faz, assim, toda uma movimentação da economia local, não só a ambulante, mas também no comércio como um todo, do Centro de Fortaleza.

Dessa forma, a divisão do espaço entre ambos os circuitos não necessariamente gerou uma forte divisão entre ambos, apesar de não haver harmonia, pelo fato de a ocupação do espaço e a problemática da circulação do transporte urbano terem sido problemáticos. No entanto, existe uma intrínseca relação entres ambos os circuitos, que não necessariamente são ligados à sua forma de definir seu surgimento a partir da não absolvição pela indústria e dos que não foram absolvidos em empregos formais, pois o circuito superior, além de concorrer, também [e fornecedor e consumidor de produtos para aqueles que estão inseridos no circuito inferior (DANTAS, 2012).

[...] consumidas por clientes diversos, desde funcionários de outras lojas do Centro (que, muitas vezes, se recusam a comprar no estabelecimento em que trabalham pela diferença significativa de preços) até sacoleiras de outros estados que viajam centenas de quilômetros para reabastecer no Beco suas butiques e barracas (ARAÚJO, 2011, p. 14).

Sobre a relação dos dois circuitos Silva (2013, p.130) traz a seguinte contribuição:

[...] apesar de a economia urbana ser compostos por dois circuitos econômicos distintos, fruto do atual processo de modernização, um de forma mais direta (circuito superior) e o outro mais indireta (circuito inferior), as implicações da economia urbana sobre o espaço se dá de modo a compreender os dois circuitos funcionando em conjunto.

Assim, o novo Beco da Poeira, grande expoente do comércio de feirantes no Centro de Fortaleza, passa por diversas mudanças promovidas pelo poder público municipal de Fortaleza, tendo seu início no espaço público da Praça José de Alencar e atualmente estando na antiga Thomaz Pompeu Têxtil, que teve seu prédio reformado e requalificado para receber os feirantes e, assim, gerou uma nova dinâmica em seu antigo espaço, contribuindo também para quebrar estigmas que se tinha com os atores sociais que têm o Beco da Poeira como forma de sobrevivência, contribuindo ainda para se analisar o quanto o circuito inferior da economia vem se adaptando e se renovando nos grandes centros urbanos brasileiros, como também de outros países subdesenvolvidos que se tem um forte comércio informal.

Por fim, Fortaleza é palco deste importante centro de pequenos negócios no Centro da Cidade, em que, em outrora, deu lugar a importante Fábrica Progresso que, a partir da coragem dos Irmãos Thomaz e Antônio Pompeu e o sócio Nogueira Acioly, fundam a primeira fábrica têxtil fabril cearense, que hoje tem uma nova funcionalidade urbana, não mais industrial, mas sim comercial, onde habita um complexo e dinâmico espaço de Fortaleza em que a teoria do circuito inferior é bastante presente e analisada, com a presença de características do circuito superior, o qual leva renda para famílias que encontraram nessa forma de comércio uma forma de obter renda e também oportunizar a pessoas de menor poder aquisitivo a consumir produtos que o modelo capitalista desigual, muitas vezes, impedindo que os possuam, porém nesses espaços, as pessoas podem possuí-los.

## 5. CONCLUSÃO

Podemos concluir que a Fábrica Thomaz Pompeu Têxtil marcou o contexto histórico da industrialização cearense como a primeira grande fábrica do período dos pioneiros da industrialização de fato realmente fabril. Sua fundação aconteceu a partir da visão empreendedora dos irmãos Thomaz e Antônio Pompeu juntamente com seu sócio Nogueira Acioly.

A partir da Thomaz Pompeu, houveram os primeiros grandes investimentos industriais na capital cearense, em Fortaleza e no interior, por exemplo, Sobral. Isto fez com que ocorressem mudanças nas relações de trabalho, nas formas de produzir. No espaço urbano fortalezense, aparecendo as primeiras fábricas e uma nova forma de acúmulo do capital, pois passou a existir essa novidade que não havia no Ceará até o final do século XIX, que era predominantemente um estado no qual sua economia tinha como carro chefe a agricultura, principalmente, no auge do algodão e na pecuária com as famosas charqueadas.

Com o surgimento da Thomaz Pompeu Têxtil, esta visão mudou, apesar da base agrícola ainda ser bastante presente na produção do espaço cearense. A industrialização no Ceará utilizou o acúmulo do algodão estocado em sua crise e trouxe uma nova forma de se buscar o maior desenvolvimento do Estado, e alongar sua área de influência perante outras localidades do Brasil e do mundo a partir da comercialização de tecidos.

Desta forma, a longa história têxtil cearense que iniciou com Thomaz Pompeu Têxtil no Centro de Fortaleza, foi de bastante importância para o desenvolvimento futuro da indústria têxtil no Ceará, haja vista que, a partir do pioneirismo desta fábrica que abriu portas para futuramente ocorrer a fundação de outros empreendimentos no setor têxtil, contribuiu para, atualmente, o estado do Ceará se tornar o terceiro maior polo têxtil do Brasil e, assim, o progresso que marcou por vários anos o nome da fábrica dos Pompeu, chegou a outras empresas têxteis cearenses.

Todavia, apesar de, ao longo das décadas, ocorrerem o fechamento de fábricas do setor, devido à forte concorrência com o Sudeste do Brasil, a Thomaz Pompeu sobreviveu e, a partir da década de 1960, com os investimentos da SUDENE no processo de reestruturação da industrialização do Nordeste, ganha novo fôlego, há a expansão dos negócios e sua produção até chegar ao fim de suas atividades, no final dos anos 1980, funcionando então como massa falida, durante os anos 1990, e encerrando suas atividades em 2005.

Seu antigo e centenário prédio, localizado no Centro de Fortaleza, deu lugar ao Novo Beco da Poeira, que foi por muito tempo, em seu antigo espaço, o mais importante

centro ambulante do estado do Ceará, e espaço de expansão do circuito inferior da economia em Fortaleza, que logo foi se expandido em outros espaços da cidade.

O Beco da Poeira, de acordo com Santos (2018), Dantas (2012), Silva (2013) e Santos (2014), está dentro do circuito inferior da economia, que é um sistema moderno da economia resultante do processo desigual da produção do capital no espaço, centro este que, desde 2010, se tem o reconhecimento da Prefeitura Municipal de Fortaleza como um centro de pequenos negócios e contribuiu para ser uma fonte de renda para famílias que dependem do comércio ambulante do Beco da Poeira, e também ser um espaço de consumo da população de baixa renda.

Logo, este importante centro que acolhe os diversos tipos de serviços em seu novo espaço, atualmente funciona em conjunto com o circuito superior da economia, desse modo, os circuitos miltonianos apesar de origens distâncias, no atual contexto da economia espacial para circulação do capital, interagem entre si, com maior dependência do circuito inferior perante o superior, por exemplo, o uso de maquinetas de cartão visto que o capitalismo é um sistema desigual que facilmente se adapta às diferentes realidades, logo ocorre entre os circuitos o usos de através de “*vasos comunicantes*” (Silveira, 2004). Assim, o Beco se torna um espaço dinâmico e complexo que, através de sua nova estrutura, retira muito da visão negativa que se tinha do passado, conforme Araújo (2011), e buscou tentar contribuir para o processo de reordenamento do Centro de Fortaleza, no que se refere à ocupação do espaço público pelo comércio feirante.

Desse modo, este trabalho buscou contribuir para a ciência geográfica, através da análise das contribuições do progresso em que a Thomaz Pompeu Têxtil trouxe para o desenvolvimento industrial no espaço cearense em diferentes fases e gerações da Fábrica, sobre a administração do grupo Pompeu, como também nas relações de trabalho, pois a partir dela, se terá a formação da classe operária em Fortaleza.

Dessa forma, buscou-se entender a ligação da centenária indústria e sua requalificação no espaço urbano para o Novo Beco da Poeira, bairro este que, em outrora, foi o “Centro das Elites” e se transformou no “Centro da Periferia” (DANTAS, 2009). Logo, o Beco da Poeira, lugar de grande representatividade e do desenvolvimento do circuito inferior no Centro de Fortaleza, fez-se a partir da transformação do Centro em Bairro Comercial, pois Fortaleza se transforma em uma cidade policêntrica, existindo vários centros a partir da década de 1970.

Assim, o intenso comércio neste bairro abarcara desde o formal e o informal, e o Beco da Poeira é o primeiro grande polo de confecção varejista da cidade, como também

iniciou com mais força o desenvolvimento do circuito inferior da economia, que é complexo e dinâmico. Atualmente, em sua atual estrutura, se remodela e utiliza de serviços do circuito superior no espaço físico da antiga fábrica dos Pompeu, pois ambos os circuitos não são separados e interagem entre si através do capital.

Por fim, o novo espaço do Beco da Poeira, que foi requalificado a partir dos interesses do poder público para disciplinamento do espaço no Centro de Fortaleza, e divide a visão dos permissionários em pontos positivos e negativos, porém, como um espaço de possibilidades em ambos os casos, pois se tem o sonho e desejo de ver o atual Beco voltar a ter o fervor econômico em que se tinha no antigo espaço.

## REFERÊNCIAS

- AMORA, Z. B. Indústria e espaço no Ceará. In: SILVA, J. B. da; CAVALCANTE, T. C.; DANTAS, E. W. C. (Orgs.). **Ceará: um novo olhar geográfico**. 2. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.
- ANDRADE, F. A. de. **Ildefonso Albano e outros ensaios**. Fortaleza: EUFC, 1985. Coleção Alagadiço Novo.
- ANTES e depois de prédios históricos de Fortaleza. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 2017. Disponível em: <<http://plus.diariodonordeste.com.br/predios-historicos-de-fortaleza/>>. Acesso em: 2 dez. 2019.
- ARAGÃO, E. F. **A trajetória da indústria têxtil no Ceará: o setor de fiação e tecelagem 1880-1950**. Fortaleza: Edições UFC, 1989. Coleção Estudos Históricos.
- ARAGÃO, E. F. (Coord.). **O Fiar e o Tecer: 130 anos da indústria têxtil no Ceará**. Fortaleza: SINDITÊXTIL / Gráfica LCR, 2014.
- ARAÚJO. M. de. **Histórias de Beco: quando a poeira assenta, entrevemos rostos, punhos e corações**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2011.
- AUDIÊNCIA discute situação dos demitidos da Fábrica Thomaz Pompeu. **Portal Vermelho**, 2007. Disponível em: <<http://www.vermelho.org.br/noticia/18636-61>>. Acesso em: 30 nov. 2019.
- BARROSO, Gustavo. Mississippi. Rio de Janeiro: Edições Cruzeiro, 1961.
- CARLOS, A. F. A. A cidade. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- CAVALCANTE, I. Reforma do Beco da Poeira é concluída. **O Povo online**, Fortaleza, 2015. Disponível em: <<https://www2.opovo.com.br/app/opovo/cotidiano/2015/12/15/noticiasjornalcotidiano,3549298/reforma-do-beco-da-poeira-e-concluida.shtml>>. Acesso em: 2 dez. 2019.
- COSTA, M. C. L. Fortaleza, capital do Ceará: transformações no espaço urbano ao longo do século XIX. **Revista do Instituto do Ceará**, p.81-111, 2014. Disponível em: <[https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/2014/03\\_FortalezacapitaldoCeara.pdf](https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/2014/03_FortalezacapitaldoCeara.pdf)>. Acesso em: 5 dez. 2019.
- COSTA, M. C. L. Planejamento e Expansão Urbana. In: DANTAS, E. W. C.; SILVA, J. B. da; COSTA, M. C. L. (Orgs.). **De cidade à metrópole: (trans) formações urbanas em Fortaleza**. Fortaleza: Edições UFC, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Capítulos de geografia histórica de Fortaleza**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2017. 180 p.
- DANTAS, E. W. C. O centro de Fortaleza na Contemporaneidade. In: DANTAS, E. W. C.; SILVA, J. B. da; COSTA, M. C. L. (Orgs.). **De cidade à metrópole: (trans) formações urbanas em Fortaleza**. Fortaleza: Edições UFC, 2009.
- \_\_\_\_\_. (Org.). **A cidade e o comercio ambulante: Estado e disciplinamento da ocupação do espaço público de Fortaleza (1975 – 1995)**. Fortaleza: EDUFC, 2012.
- GIRÃO, R. **História Econômica do Ceará**. 2. ed. Fortaleza: UFC – Casa de José de Alencar/Programa Editorial, 2000.

HARVEY, D. A. **Produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005. Coleção Geografia e Adjacências.

IGLÉSIAS, F. **A Industrialização Brasileira**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988. Coleção Tudo é História.

INFORMALIDADE cresce 26, 66% em Fortaleza. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 2007. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/negocios/informalidade-cresce-26-66-em-fortaleza-1.405904>>. Acesso em: 2 dez. 2019.

LIMA, L. C. A indústria na Zona da Francisco Sá. Fortaleza: EdUECE, 2014.

MOTA, L. A força da indústria têxtil. **O Povo Online**, Fortaleza, [200-?]. Disponível em: <<https://especiais.opovo.com.br/industriatextil/>>. Acesso em: 30 nov. 2019.

BANCO DO NORDESTE DO BRASIL. História. BNB Institucional Fortaleza. <<https://www.bnb.gov.br/institucional/historia>>. Acesso em: 30 nov. 2019.

MUNIZ, A. M. V. **A dinâmica da indústria têxtil no espaço metropolitano de Fortaleza**. 2014. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Departamento de Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Fortaleza, 2014.

\_\_\_\_\_. O Ceará e a indústria têxtil no espaço-tempo. **Boletim Goiano de Geografia**, v. 36, n. 3, set./dez. 2016, pp. 420-443.

NASCIMENTO, H. R. do. 6 em cada 10 trabalhadores do Ceará estão na informalidade. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 2017. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/negocios/6-em-cada-10-trabalhadores-do-ceara-estao-na-informalidade-1.1744137>>. Acesso em: 2 dez. 2019.

NOBRE, G. **O processo histórico de industrialização do Ceará**. Fortaleza: FIEC, 1989

NOBRE, L. **Fortaleza Nobre**, [200-?]. Disponível em: <<http://www.fortalezanobre.com.br/>>. Acesso em: 30 nov. 2019.

PONTE, S. R. **Fortaleza Belle Époque: reforma urbana e controle social 1860 – 1930**. 4. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2010.

PREFEITURA entrega reforma do Beco da Poeira nesta segunda-feira no CE. **G1**, Fortaleza, 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ceara/noticia/2015/12/prefeitura-entrega-reforma-do-beco-da-poeira-nesta-segunda-feira-no-ce.html>>. Acesso em: 2 dez. 2019.

PROJETO do novo Beco da Poeira será apresentado a todos os permissionários. **Centro de Fortaleza**, Fortaleza, [200?]. Disponível em: <[http://www.centrodefortaleza.com.br/Paginas/Destaques.php?titulo\\_resumo=Projeto+do+no+vo+Beco+da+Poeira](http://www.centrodefortaleza.com.br/Paginas/Destaques.php?titulo_resumo=Projeto+do+no+vo+Beco+da+Poeira)>. Acesso em: 2 dez. 2019

SAMPAIO, T. C. de A. S. A importância da metodologia da pesquisa para a produção de conhecimento científico nos cursos de Pós-Graduação: A singularidade textual dos trabalhos científicos jurídicos. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal da Bahia*, v. 23, n. 25, p.230 – 249, 2013.

- SAMPAIO FILHO, D. **A industrialização do Ceará: empresários e entidades**. 1985. Dissertação (Mestrado em Administração de Empresas) – Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 1985.
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. 3 ed. São Paulo: HUCITEC, 1994.
- \_\_\_\_\_. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e meio técnico científico informacional**. 5. ed. Editora da Universidade de São Paulo, 2013.
- \_\_\_\_\_. **Espaço e Método**. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.
- \_\_\_\_\_. **O Espaço Dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.
- SANTOS, M. C. **A dinâmica dos circuitos da economia urbana na indústria de confecção em Fortaleza – Ceará**. 2014. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.
- SERPA, E. Algodão: o ontem e o hoje. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 2012. Disponível em: <<http://blogs.diariodonordeste.com.br/egidio/algodao-o-ontem-e-o-hoje/>>. Acesso em: 30 nov. 2019.
- SILVA, J. B. da. **Quando os incomodados não se retiram: uma análise dos movimentos sociais em Fortaleza**. Fortaleza: Multigraf, 1992
- SILVA, E. S. da. **Dinâmica socioespacial do comércio popular de confecção no centro de Fortaleza**. 2013. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.
- SILVEIRA, M. L. São Paulo: os dinamismos da pobreza. *In*: CARLOS, A. F.; OLIVEIRA, A. U. de. (Orgs). **Geografias de São Paulo: representação e crise da metrópole**. São Paulo: Contexto, 2004.
- STEIN, S. **Origens e Evolução da Indústria Têxtil no Brasil – 1850/1950**. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1979.
- SUDENE. História. Sudene Institucional. Recife 2019. Disponível em: <<https://www.gov.br/sudene/pt-br/aceso-a-informacao/institucional>>
- TREVIZAN, K. Mais de 60% dos trabalhadores estão no mercado informal, diz OIT. **G1**, 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/2019/02/13/mais-de-60-dos-trabalhadores-estao-no-mercado-informal-diz-oit.ghtml>>. Acesso em: 2 dez. 2019.
- VIANA, C. N. A industrialização de algodão no Ceará (1881-1973): uma experiência de industrialização fora do Centro-Sul. 1973. Dissertação (Mestrado em Economia) – Programa de Pós-Graduação em Economia, Universidade de Brasília, Brasília, 1973.
- \_\_\_\_\_. Thomaz Pompeu de Souza Brasil: o homem de empresas. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, p.171-195, 2006. Disponível em: <[https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/2006/01\\_Artigos/11-ThomazPompeu.pdf](https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/2006/01_Artigos/11-ThomazPompeu.pdf)>. Acesso em: 5 dez.2019.

## APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO 1



### Do Progresso da Thomaz Têxtil ao Novo Beco da Poeira

Entrevistador: \_\_\_\_\_ Questionário n°.: \_\_\_\_\_

Local: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

Questionário para moradores do Centro de Fortaleza que conheceram a Fábrica Thomaz Pompeu Têxtil.

1-Identificação do Entrevistado:

Idade \_\_\_\_ - Sexo: M(  ) F(  ) Estado Civil: Casado (  ), Solteiro (  ), Outros (  ).

Escolaridade:

Ensino Fund. Incompleto (  ), Ensino Fund. Completo (  ), Ensino Médio Completo (  ),  
Ensino Superior Completo (  ), Ensino Superior Incompleto (  ).

2-Atividade:

3-Quanto tempo reside ou residiu no Centro de Fortaleza?

4-Por qual nome você conhecia a antiga fábrica?

5-Como você avalia a requalificação do antigo espaço da Thomaz Pompeu Têxtil?

Ótimo (  ), Bom (  ), Ruim (  ), Péssimo (  ).

6-Durante seu funcionamento, qual sua visão sobre a importância desta fábrica?

7-Você conheceu a Vila Pompeu e a Escola Ângela Pompeu?

(  ) Sim (  ) Não.

8-De acordo com sua reposta anterior, atualmente como estão estes antigos espaços?

9-Como avalia as intervenções urbanas realizadas no Centro de Fortaleza?

Ótimo (  ), Bom (  ), Ruim (  ), Péssimo (  )

10-Como você enxerga o Centro atual e do passado?

11-Já frequentou o Novo Beco da Poeira?

( ) Sim ( ) Não.

12-Se sim, qual foi o atrativo de consumir produtos do Novo Beco da Poeira?

13-Quais os pontos positivos você considera do Novo Beco da Poeira:

Organização ( ) Estrutura ( ) Acessibilidade ( ) Diversificação das prestações de serviços ( ) Conforto ( ) Outro \_\_\_\_\_.

14-O que você acha que poderia melhorar no novo espaço?

15-O que você acha sobre o atual Beco da Poeira?

16-Qual a diferença do antigo para o novo “Beco”?

**APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO 2****Do Progresso da Thomaz Têxtil ao Novo Beco da Poeira**

Entrevistador: \_\_\_\_\_ Questionário n.º: \_\_\_\_\_

Local: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

Pesquisa: Conhecendo moradora do Centro de Fortaleza que conheceu a Thomaz Pompeu Têxtil.

1-Nome:

2-Identificação do Entrevistado:

Idade \_\_\_\_- Sexo: M( ) F( ) Estado Civil: Casado ( ), Solteiro ( ), Outros ( ).

Escolaridade:

Ensino Fund. Incompleto ( ), Ensino Fund. Completo ( ), Ensino Médio Completo ( ),

Ensino Superior Completo ( ), Ensino Superior Incompleto ( ).

### APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO 3



#### Do Progresso da Thomaz Têxtil ao Novo Beco da Poeira

Entrevistador: \_\_\_\_\_ Questionário n°.: \_\_\_\_\_

Local: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

Questionário: Conhecendo o trabalhador do Novo Beco da Poeira.

#### 1-Identificação do Entrevistado:

Idade \_\_\_\_- Sexo: M( ) F( ) Estado Civil: Casado ( ), Solteiro ( ), Outros ( ).

Escolaridade:

Ensino Fund. Incompleto ( ), Ensino Fund. Completo ( ), Ensino Médio Completo ( ),  
Ensino Superior Completo ( ), Ensino Superior Incompleto ( ).

2-Quanto tempo trabalha no Novo Beco da Poeira? Já ouviu falar em seu antigo espaço, a Fábrica Thomaz Pompeu Têxtil?

3-Já trabalhou no Antigo Beco da Poeira ou conheceu o antigo espaço? Para você, qual a principal diferença entre os dois lugares?

4-Atividade:

Proprietário de boxe confecção ( ) Funcionário de Boxe de confecção ( ), Praça de  
alimentação ( ) Casa Lotérica ( ) Salão de Beleza ( ) Outro: \_\_\_\_\_.

5-Quais pontos positivos você considera do Novo Beco da Poeira:

Organização ( ) Estrutura ( ) Acessibilidade ( ) Diversificação das prestações de serviços ( )  
) Conforto ( ) Outro: \_\_\_\_\_.

6-O que você acha que poderia melhorar no novo espaço?

7-Conhece o projeto Beco da Poeira Digital? Como você o avalia:

Sim ( ) Não ( ) Bom ( ) Regular ( ) Ruim ( ) Não sabe ( ).

8–Dentre os visitantes e consumidores de produtos do Novo Beco da Poeira:

Fortaleza ( ) Do interior do Estado ( ) Qual? \_\_\_\_\_ Outros estados do País ( )

Qual?\_\_\_\_\_ De outros países Qual: \_\_\_\_\_.

9–Como você enxerga o antigo e o atual Beco da Poeira?

10–Qual a importância do Novo Beco da Poeira para sua renda financeira?